MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

EDIÇÃO Nº 4, 2015

REVISTA OSESP

JUN-JUL 2015

JULIAN BLISS INTERPRETA O *CONCERTO PARA CLARINETE*, DE NIELSEN, SOB REGÊNCIA DE TITO MUÑOZ

O QUARTETO OSESP INTERPRETA PEÇAS DE SALONEN, NIELSEN E BEETHOVEN

GIANCARLO GUERRERO REGE O *CONCERTO PARA VIOLÃO*, DE VILLA-LOBOS, COM O SOLISTA MANUEL BARRUECO, E A *CANTATA CRIOLLA*, DE ESTÉVEZ, COM O CORO DA OSESP, O CORO ACADÊMICO DA OSESP E AS VOZES DE IDWER ALVAREZ E JUAN TOMÁS MARTÍNEZ

O CORO DA OSESP INTERPRETA PEÇAS DE J.C. BACH, MELGAZ, MONTEVERDI E NUNES GARCIA, COM REGÊNCIA DE CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO

JAVIER PERIANES INTERPRETA O *CONCERTO PARA PIANO*, DE RAVEL, COM REGÊNCIA DE THOMAS DAUSGAARD

ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP:
RICARDO BOLOGNA REGE PEÇAS DE BRITTEN, TAKEMITSU, SANTORO E DVORÁK, COM A HARPISTA LIUBA KLEVTSOVA E A FLAUTISTA CLAUDIA NASCIMENTO

THOMAS DAUSGAARD REGE *SALOMÉ*, DE STRAUSS, COM AS VOZES DE GUN-BRIT BARKMIN, DENISE DE FREITAS E STIG ANDERSEN

JENNIFER KOH INTERPRETA *THE SEAMSTRESS*, DE ANNA CLYNE, SOB REGÊNCIA DE MARIN ALSOP

O BARÍTONO MATTHIAS GOERNE INTERPRETA CANÇÕES DE GUSTAV MAHLER SOB REGÊNCIA DE MARIN ALSOP

O *CONCERTO Nº 2 PARA PIANO*, DE CHOPIN, COM A SOLISTA EWA KUPIEC E REGÊNCIA DE GIANCARLO GUERRERO

MÚSICA NA CABEÇA:
THOMAS DAUSGAARD FALA SOBRE A MÚSICA DE NIELSEN

CARL NIELSEN

POR KARL AAGE RASMUSSEN 4

4,5,6 JUN 11

TITO MUÑOZ REGENTE
JULIAN BLISS CLARINETE

TORU TAKEMITSU
CARL NIELSEN
LUDWIG VAN BEETHOVEN

JUN 7 19

QUARTETO OSESP
EMMANUELE BALDINI VIOLINO
DAVI GRATON VIOLINO
PETER PAS VIOLA
ILIA LAPOREV VIOLONCELO

ESA-PEKKA SALONEN
CARL NIELSEN
LUDWIG VAN BEETHOVEN

18,19,20 JUN 27

THOMAS DAUSGAARD REGENTE
JAVIER PERIANES PIANO

RICHARD STRAUSS
MAURICE RAVEL
CARL NIELSEN

JUN 21 35

RICARDO BOLOGNA REGENTE
CLAUDIA NASCIMENTO FLAUTA
LIUBA KLEVTSOVA HARPA

BENJAMIN BRITTEN
TORU TAKEMITSU
CLAUDIO SANTORO
ANTONÍN DVORÁK

25,26,27 JUN 43

THOMAS DAUSGAARD REGENTE
STIG ANDERSEN TENOR
GUN-BRIT BARKMIN SOPRANO
DENISE DE FREITAS MEZZO-SOPRANO

CARL NIELSEN
MAURICE RAVEL
RICHARD STRAUSS

28 JUN 51

CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO REGENTE
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

JOHANN CHRISTOPH BACH
DIOGO DIAS MELGAZ
CLAUDIO MONTEVERDI
JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA

2,3,4,5 JUL 57

MARIN ALSOP REGENTE
JENNIFER KOH VIOLINO
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

GIOVANNI GABRIELI
ANNA CLYNE
GUSTAV HOLST

9,10,11,12 JUL 65

MARIN ALSOP REGENTE
MATTHIAS GOERNE BARÍTONO

JOHANNES BRAHMS
GUSTAV MAHLER
RICHARD STRAUSS

JUL 23,24,25 73

GIANCARLO GUERRERO REGENTE
EWA KUPIEC PIANO

FRÉDÉRIC CHOPIN
NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV

JUN 30,31 AGO 1,2 79

GIANCARLO GUERRERO REGENTE
MANUEL BARRUECO VIOLÃO
IDWER ALVAREZ TENOR
JUAN TOMÁS MARTÍNEZ BARÍTONO
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

DIETRICH BUXTEHUDE
HEITOR VILLA-LOBOS
ANTONIO ESTÉVEZ

PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO 88

CORO DA OSESP 90

FUNDAÇÃO OSESP 93

PROGRAMA SUA ORQUESTRA 97

Desde 2012, a *Revista Osesp* tem ISSN, um selo de reconhecimento intelectual e acadêmico. Isso significa que os textos aqui publicados são dignos de referência na área e podem ser indexados nos sistemas nacionais e internacionais de pesquisa.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

EXECUÇÃO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

OSESP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

REALIZAÇÃO

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PATROCÍNIO

Itaú Personnalité · BancoVotorantim · Banco do Brasil Seguros · Mapfre Seguros · Deloitte. · CCR · Credit Suisse · Ultra

APOIO

Atlas Copco · BTG Pactual · Fundação BNP Paribas · correcta alimentos · ING · Bain & Company · MUFG (Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A) · bematech · Furukawa · broadcast+ · BCG The Boston Consulting Group · Fanem · Tivoli Collection São Paulo-Mofarrej Brasil · NextMidia Brasil · exceda · Cine Live · Abril gráfica · Ascael · Localiza Aluguel de Carros · Philips · mc15 Consultoria · Treinamento · Pesquisa

VEÍCULOS

veja São Paulo · Folha Não dá pra não ler · CBN A rádio que toca notícia · CartaCapital · Brasileiros · Todas as Culturas · revista piauí · GloboSat

PARA PATROCINAR E APOIAR A OSESP
marketing@osesp.art.br

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

DESCUBRA A ORQUESTRA NA SALA SÃO PAULO 2015

CURSOS DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CONCERTOS DIDÁTICOS

O Programa Descubra a Orquestra na Sala São Paulo promove ações **educativo-musicais** que ajudam na **formação** de crianças e adolescentes do **ensino fundamental** e **médio**, além de capacitar **professores** em **apreciação musical.**

Para saber mais sobre o Programa, visite o site **www.osesp.art.br** ou ligue 11 3367.9572

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

PATROCÍNIO

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

COPATROCÍNIO

BancoVotorantim

APOIO

Atlas Copco

CartaCapital

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

CARL NIELSEN

POR
KARL AAGE
RASMUSSEN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

NIELSEN

ORCHESTRAL WORKS

Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional Dinamarquesa

Gennady Rozhdestvensky, regente

CHANDOS, 1994

SYMPHONY Nº 4; HELIOS OVERTURE

Orquestra Sinfônica da Rádio Sueca

Esa-Pekka Salonen, regente

CBS, 1989

HELIOS OVERTURE; THE SYMPHONIES (3 CDS)

Orquestra Sinfônica da BBC Escocesa

Orquestra Sinfônica de Lahti

Osmo Vänskä, regente

BIS, 2010

VIOLIN CONCERTO; FLUTE CONCERTO; CLARINET CONCERTO (2 CDS)

Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional Dinamarquesa

Herbert Blomstedt, regente

Arve Tellefsen, violino

Frantz Lemmser, flauta

Kjell-Inge Stevensson, clarinete

EMI CLASSICS, 1997

VIOLIN CONCERTO

Orquestra Sinfônica Nacional Dinamarquesa

Eivind Gullberg Jensen, regente

Vilde Frang, violino

WARNER CLASSICS, 2012

Quem é o compositor mais subestimado do século XX? O crítico de música norte-americano Alex Ross fez essa pergunta no seu popular *blog*, e ele mesmo deu a resposta: Carl Nielsen. "Músicos de orquestra confessam que tendem a resmungar um pouco quando Nielsen aparece em suas estantes; o hábito do compositor de escrever notas furiosamente rápidas, e depois passá-las de uma seção para outra, em estilo de revezamento, pode fazer até mesmo um conjunto de virtuoses soar confuso. Os ouvintes, por outro lado, frequentemente saem das execuções de Nielsen satisfeitos, mas um pouco atordoados, sem saber exatamente qual a placa do caminhão que os atropelou. O poder rítmico de sua música é enorme — a *Sinfonia nº 4 - A Inextinguível* é de um dinamismo comparável apenas às sinfonias de Beethoven".[1]

Para alguém que vem da Dinamarca, é difícil imaginar Carl Nielsen sendo subestimado: lá ele é o grande compositor nacional, sem nenhum rival por perto. Mas cada cultura precisa ser vista de fora também e gravações feitas por grandes nomes internacionais revelaram aspectos da música do compositor completamente diferentes dos que se conhecia em sua terra natal.

Seu perfil como compositor é único e as categorias de classificação habituais simplesmente não se aplicam. Talvez não haja paralelo na história da música: alguém que escreve sinfonias corajosamente inovadoras num dia e, no outro, simplesmente escreve canções com um apelo tão popular que se tornam parte da identidade nacional.

Os contrastes são onipresentes na música de Nielsen: das erupções sinfônicas às pequenas formas clássicas e aos labirintos circulares, das dissonâncias chocantes às melodias cativantes para se cantar junto. Tradição e inovação colidem em suas obras tardias e, às vezes, a trajetória do compositor pode parecer errática. Mas Nielsen não abordava

1. Ross, Alex. "Nielsen Consensus". Disponível em: www.therestisnoise.com/2005/04/nielsen_consens.html.

sua música de maneira intelectual: navegava somente com seu instinto criativo. E nenhuma outra pessoa em nenhum outro lugar poderia ter composto o que ele compôs. Ele deixou uma marca individual única em sua época, não para espelhá-la ou mudá-la, só para torná-la mais rica.

A mitificação está inseparavelmente ligada à importância de Nielsen como ícone da nação — ele foi "público" numa medida em que um compositor de música de concerto dificilmente poderia imaginar hoje e se tornou um símbolo pátrio, com seu retrato enfeitando por muito tempo a cédula de maior circulação na Dinamarca.

De alguns anos para cá, a publicação de sua extensa correspondência com familiares e interlocutores contemporâneos contribuiu para que Nielsen fosse compreendido além da mitificação. Assim como o rosto de alguém muda de aparência quando seu dono se torna mais familiar, a imagem do compositor foi se tornando mais matizada e, ao mesmo tempo, mais contraditória — um ser humano em fluxo existencial entre a confiança e a dúvida, a emoção e o intelecto, o apetite sexual e o amor, a impulsividade e o controle, o apelo popular e a alta cultura. E, acima disso tudo, talvez algo que pode ser visto como o arquétipo do dinamarquês: alguém pego entre a autoestima colorida pelo nacionalismo e a autodepreciação por representar um país muito pequeno, de cultura frequentemente ameaçada — uma ambiguidade já percebida por Shakespeare em seu retrato de Hamlet, o dinamarquês.

"Quando tento escrever sobre mim mesmo, a tinta sai com dificuldade e se transforma numa massa informe, minha caneta faz borrões", observou o compositor em 1926. No ano seguinte, lançou um livro que se tornou um clássico entre as biografias de dinamarqueses: *Min Fynske Barndom* [Minha Infância em Funen], publicado em inglês como *My Childhood* (Hutchinson, 1953).

Toda figura pública "edita" partes de sua personalidade. Quando Nielsen fala de si mesmo, ou quando é discutido por seus contemporâneos, isso raramente ocorre sem que sejam feitas referências a seu histórico de filho de um trabalhador rural pobre. Nielsen era modesto e simples, cheio de excentricidades, um sujeito simpático de quem ninguém conseguia guardar rancor por muito tempo.

Seu casamento com a escultora Anne Marie é tanto uma história de amor entre dois artistas ambiciosos quanto um caso de história social. Exemplo precoce de artista feminina teimosa e ambiciosa, ela se casou com um homem cuja atitude básica em relação a gênero espelhava a da maior parte dos homens da época e para quem o amor e a sexualidade não necessariamente andavam juntos. Anne Marie sofreu terrivelmente com a infidelidade do marido e o difícil equilíbrio entre trabalho criativo e amor, mas continuou teimosamente fiel a si mesma e à sua arte. Quando ela interrompeu a relação por alguns anos, em 1916, Nielsen passou por dolorosas crises de autocrítica, num esforço para conquistá-la novamente.

Mas a música era maior do que ele, e os *insights* que teve a partir dessa separação parecem ter impactado sua vida e o modo como ele se via — assim como a sombra no conto de Hans Christian Andersen, que não só se separa de seu criador, mas o domina. Assim, o lema de Nielsen, "música é vida", pode ter assumido um significado simples e tangível: o processo de composição forneceu respostas para desafios que a vida não podia responder.

A personalidade de Carl Nielsen pode parecer inescrutável, mas, como compositor, não há dúvida de que ele está entre os maiores. Além disso, era um mestre da palavra escrita e da crítica cultural. Quando Alex Ross citou em seu *blog* um trecho do ensaio "A Completude do Tempo",[2] de Nielsen, recebeu tantas respostas que decidiu publicar o texto

2. Nielsen, Carl. "The Fullness of Time". In: *Living Music* (Tradução de Reginald Spink). Londres: Hutchinson, 1953. Disponível em: www.therestisnoise.com/2007/06/guest-blogger-c.html

inteiro, que trazia um conselho provocador para todos os artistas: "As velhas regras podem ser aceitas ou rejeitadas à vontade. Os professores já não arrastam seus pupilos pelas orelhas; já não se usa a chibata nem se castiga os alunos fisicamente, o abuso e as broncas foram silenciados. Mas que ninguém pense que por isso pode deixar de se esforçar. Tudo depende de se ouvir, procurar, pensar, refletir, pesar e descartar, até que, por nosso próprio livre-arbítrio, se encontre aquilo que nossos rigorosos pais na arte pensavam que podiam enfiar nas nossas cabeças."

KARL AAGE RASMUSSEN é compositor. Tradução de Rogério Galindo a partir da versão em inglês de Thilo Reinhard. Trechos de texto publicado no *site* www.carlnielsen.org, republicado sob autorização.

SUGESTÕES DE LEITURA

Daniel M. Grimley
CARL NIELSEN AND THE IDEA OF MODERNISM
BOYDELL, 2011

Jack Lawson
CARL NIELSEN (20TH CENTURY COMPOSERS)
PHAIDON, 1997

Alex Ross
O RESTO É RUÍDO
COMPANHIA DAS LETRAS, 2009

Carl Nielsen
LIVING MUSIC
HUTCHINSON, 1953

Carl Nielsen
MY CHILDHOOD
HUTCHINSON, 1953

INTERNET

WWW.CARLNIELSEN.ORG

DPZ
SÉRIE OSESP
PERSONNALITÉ
2015
Seu lugar é onde a música está.
OSESP
A música inspira, eleva, chama para dançar, convida a pensar. A música pode levar você a lugares incríveis, nós podemos transformar isso em uma experiência única. Quem toca se transporta, quem ouve se transforma.
Itaú Personnalité apresenta:
Série Osesp Personnalité 2015
Lugares da Música
Estacionamento gratuito e lounge com degustações especiais para clientes Personnalité.
Mais informações e a programação completa em itaupersonnalite.com.br/experiencia
Itaú
PERSONNALITÉ
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

JARDIM NO SÍTIO BURLE MARX, NO RIO DE JANEIRO

JUN

4 QUI 21H PAU-BRASIL
5 SEX 21H SAPUCAIA
6 SÁB 16H30 JEQUITIBÁ

TITO MUÑOZ REGENTE
JULIAN BLISS CLARINETE

TORU TAKEMITSU [1930-96]
Green [Verde] [1967]
6 MIN

CARL NIELSEN [1865-1931] NIELSEN 150
Concerto Para Clarinete, Op.57 [1928]
24 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Sinfonia nº 8 em Fá Maior, Op.93 [1812]
- Allegro Vivace e Con Brio
- Allegretto Scherzando
- Tempo di Menuetto
- Allegro Vivace

26 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

TAKEMITSU

ASTERISM; REQUIEM; GREEN; THE DORIAN HORIZON

Orquestra Sinfônica de Toronto

Seiji Ozawa, regente

Yuji Takahashi, piano

RCA, 1969

ARC; GREEN

London Sinfonietta

Oliver Knussen, regente

Rolf Hind, piano

LONDON SINFONIETTA, 2006

NIELSEN

VIOLIN CONCERTO; FLUTE CONCERTO; CLARINET CONCERTO (2 CDS)

Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional Dinamarquesa

Herbert Blomstedt, regente

Arve Tellefsen, violino

Frantz Lemmser, flauta

Kjell-Inge Stevensson, clarinete

EMI CLASSICS, 1997

VIOLIN CONCERTO

Orquestra Sinfônica Nacional Dinamarquesa

Eivind Gullberg Jensen, regente

Vilde Frang, violino

WARNER CLASSICS, 2012

BEETHOVEN

THE SYMPHONIES (5 CDS)

Orquestra do Século XVIII

Frans Brüggen, regente

GLOSSA, 2012

SINFONIAS Nº 2 E Nº 8; ABERTURA EGMONT

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

John Neschling, regente

BISCOITO FINO, 2005

SYMPHONY Nº 3; SYMPHONY Nº 8

Filarmônica de Câmara Alemã de Bremen

Paavo Järvi, regente

SONY, 2007

A obra de Takemitsu, como sua sonoridade, não apresenta uma linearidade evolutiva. O compositor retoma temas, métodos e inspirações sem que a intenção seja superar o uso anterior, mas sim estender sua experimentação sobre diferentes aspectos. Como disse seu amigo e também compositor Jo Kondo, "se seus últimos trabalhos soam diferentes das peças anteriores, é por causa do refinamento gradual de seu estilo básico, e não de alguma alteração real nele".

Green foi inicialmente intitulada *November Steps II* [Passos de Novembro II], já que retoma temas dessa obra. Como nela, utiliza o modalismo em sua estrutura, porém com saídas diferentes. Enquanto *November Steps* se utiliza da sonoridade de dois instrumentos japoneses, *shakuhachi* e *biwa*, *Green* é uma das tentativas de Takemitsu de se aproximar da orquestração de Debussy. Ele teria levado as partituras de *Prelúdio Para a Tarde de um Fauno* e *Jeux* [Jogos] até a casa de campo onde Debussy as compôs, na esperança de descobrir o "segredo" do mestre francês.

Green traz também outra característica corrente nas composições de Takemitsu: uma estrutura intrincada, que não se revela de maneira óbvia. Há um cânone que não apresenta o tema de forma isolada e que resulta numa textura densa de microtons. Isso mostra como seu critério de escuta não é linear, e também que o que o compositor escreveu sobre seu *Requiem*, "construído em um ritmo 'um por um'", pode ser estendido a toda sua obra: cada instante deve ser ouvido sem a preocupação de buscar uma linha condutora ou um desenvolvimento claro que almeja algum tipo de resolução.

LUIZ FUKUSHIRO é mestre em Educação pela Universidade de São Paulo e revisor da *Revista Osesp*.

LEIA MAIS SOBRE TAKEMITSU NO NÚMERO ESPECIAL DA *REVISTA OSESP* SOBRE O COMPOSITOR TRANSVERSAL, DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NA SALA SÃO PAULO

Uma das características mais impressionantes da música tardia de Carl Nielsen é a compreensão precisa que ele tem das características de cada instrumento. Em nenhuma outra obra isso fica mais aparente do que no seu *Concerto Para Clarinete*, sua última composição orquestral de grande escala, de 1928.

Nielsen uma vez escreveu que "o clarinete pode ser simultaneamente caloroso e completamente histérico; suave como um bálsamo e ruidoso como um bonde em trilhos mal lubrificados", qualidades que ele atribuía também à natureza irascível do clarinetista a quem a obra é dedicada, Aage Oxenvad.

O *Concerto* se encaixa na forma clássica e bem conhecida de três movimentos, rápido-lento-rápido. No entanto, não só os movimentos são tocados sem intervalo como, no cerne do movimento central, há um *scherzo* que se constitui como um movimento completo.

A peça começa com uma bem comportada e divertida marcha. O solista entra de maneira discreta, mas a evolução é rapidamente interrompida pela caixa — único instrumento de percussão no conjunto —, que age como uma presença antagonista ao longo de toda a obra. A explosão inicial da caixa dá lugar a um tranquilo segundo tema, com sonolentas *blue notes*, que são como que respondidas pela orquestra. Uma grande cadência leva a uma reapresentação do material de abertura, tocado meio tom mais grave do que na primeira vez.

O movimento lento começa com as trompas tocando intervalos de quinta, o que transmite uma sensação de amplidão, evocando talvez os largos horizontes e o céu aberto da paisagem dinamarquesa. A entrada do solista traz um clima singular antes da incursão pelo *scherzo* central. O fagote momentaneamente ameaça roubar o lugar de destaque do clarinete, levando a uma resposta ligeiramente mais florida do solista e a uma segunda cadência que precede o pungente retorno da cantilena do movimento lento.

O movimento final é uma enérgica perseguição — o solista e as cordas trocam uma série de chamados antifônicos cada vez mais urgentes. Em determinado momento, o tema assombroso do movimento lento retorna de maneira inesperada. A perseguição é retomada outra vez, mas a energia é gradualmente drenada, e a música adquire uma notável sensação de equilíbrio. Todas as fricções entre o solista e a orquestra são equilibradas e resolvidas — Mozart certamente teria sorrido ao ouvir os compassos finais.

DANIEL M. GRIMLEY é professor na Faculdade de Música da Universidade de Oxford, autor de *Carl Nielsen And The Idea of Modernism* (Boydell, 2011) e organizador de *The Cambridge Companion to Sibelius* (Cambridge University Press, 2004). Tradução de Rogério Galindo.

LEIA ENSAIO DE KARL AAGE RASMUSSEN SOBRE NIELSEN NA PÁGINA 4

NÃO PERCA A PALESTRA DE THOMAS DAUSGAARD SOBRE A MÚSICA DE CARL NIELSEN, DIA 22 DE JUNHO, ÀS 19H, NA SALA SÃO PAULO

Resenhando o concerto de 27 de fevereiro de 1814 no Hofburg de Viena, o crítico da *Allgemeine musikalische Zeitung* de Leipzig observava que a última peça do programa, a inédita *Sinfonia nº 8 em Fá Maior*, Op.93, de Ludwig van Beethoven, não recebera aplauso tão caloroso quanto merecia. Uma injustiça, pensava o crítico, devida quiçá à ideia infeliz de executar uma obra de fatura tão delicada na sequência da outra estreia da noite, a *Sétima Sinfonia*, que começava então sua carreira de sucesso fragoroso.

Seja qual for a explicação, o fato é que algo da reação do público vienense de 1814 persiste até hoje. Tardo-românticos que somos, teimamos em conferir mais peso às sinfonias "heroicas" de Beethoven — a *Terceira*, a *Quinta*, a *Sétima* e a *Nona*. É claro que não somos surdos à beleza de obras como a *Quarta* e a *Oitava*; o problema é que tendemos lepidamente a dar mais valor ao sublime das ímpares que ao belo das pares. Na contramão desse nosso pendor, que talvez tenha algo de lugar comum, vale lembrar uma anedota contada pelo compositor Carl Czerny, discípulo de Beethoven. Quando Czerny perguntou-lhe por que a *Oitava* tivera menos êxito que a *Sétima*, Beethoven teria respondido, irritado, que a razão era simples — porque a *Oitava* era "muito melhor"!

O próprio Beethoven referia-se carinhosamente à obra como "minha pequena sinfonia em Fá Maior", aludindo à *Sexta*, escrita nessa mesma tonalidade. A *Oitava* é, de fato, a mais breve das nove sinfonias. Breve, mas não menor, ao contrário do que o seu ar de brincadeira clássica pôde sugerir. É bem verdade que, em contraste com a atmosfera dramática da *Sétima*, feita de "tempestade e ímpeto", a *Oitava* se compraz em alusões a Haydn e a Mozart, a um universo de nuance e equilíbrio. Notem-se, por exemplo, a perfeita circularidade do "Allegro Vivace e Con Brio", com seu último compasso idêntico ao primeiro; o "Allegreto Scherzando" que toma o lugar de um *largo* ou de um *andante* mais tradicionais e mais graves; ou ainda a surpreendente aparição de um minueto de gosto setecentista no terceiro movimento.

Mas nada disso nos autoriza a pensar num simples retorno ao século anterior. Como bem formulou Lewis Lockwood em seu livro sobre o compositor,[1] mais do que imitar a música de seus mestres, na *Oitava* Beethoven "cita" e "comenta" com humor, argúcia e alguma distância as formas do classicismo vienense e seus desdobramentos, e isso de uma perspectiva marcada a fundo por sua própria fase heroica. (De resto, não é fortuito que a *Sétima* e a *Oitava* tenham sido compostas quase ao mesmo tempo, entre fins de 1811 e meados de 1812.) É a vez de notar, por exemplo, a força dramática da célula rítmica que abre o primeiro movimento e o domina do começo ao fim, conferindo-lhe um sabor semelhante ao que se experimenta, digamos, na *Quinta*;[2] a ousadia do segundo movimento, que dá uma guinada camerística e encena um *scherzo* quase abstrato, protagonizado por um pulso obsessivo, confiado sobretudo aos sopros, e uma célula anapéstica,[3] entregue às cordas, que tenta em vão escapar à repetição quase metronômica; ou o soberbo "Allegro Vivace" final, quando Beethoven se permite todo o tempo necessário para explorar seu tema em todas as direções possíveis, armando um longo arco de tensão harmônica que só se resolve nos dois últimos compassos — e que faz pensar no que será, anos mais tarde, a *Nona Sinfonia*.

Clássica, pois, mas com um grão do sal heroico tão caro a nosso compositor, ao mesmo tempo que heroica, mas temperada pela graça vienense, a *Oitava* vai se revelando como um campo de provas em que Beethoven pondera as opções a seu dispor. A cada

1. Lockwood, Lewis. *Beethoven: The Music and the Life.* Nova York: W. W. Norton, 2003.

2. A respeito, vale a pena ler Burnham, Scott, *Beethoven Hero* (Princeton: Princeton University Press, 1995), pp. 49-50 e 61.

3. Célula de quatro tempos, composta de duas notas breves seguidas de uma longa.

novo movimento, os temas são desenvolvidos em várias direções e examinados de vários pontos de vista, em tom ora sério e tremendo, ora gracioso e irônico. Nada se fixa, nada se define fatidicamente, tudo se move como num prisma e tudo afinal se equilibra — mas apenas por ora. Tendo composto as sonatas, os quartetos e as sinfonias da maturidade, tendo cumprido, com a *Oitava*, um profundo exercício de recapitulação de seu passado musical, Beethoven ingressa nos anos mais difíceis de sua carreira, dos quais só emergirá em 1817, para se lançar na nova e derradeira aventura de seu estilo tardio.

SAMUEL TITAN JR. é professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP. Tradutor e ensaísta, é membro do conselho editorial das revistas *serrote* e *Cadernos de Tradução*.

LEIA O ENSAIO "MEMÓRIA E ANTECIPAÇÃO: A NONA SINFONIA", DE SAMUEL TITAN JR., PUBLICADO NA *REVISTA OSESP* EM 2011 E DISPONÍVEL NO *SITE* WWW.OSESP.ART.BR

SUGESTÕES DE LEITURA

Peter Burt
THE MUSIC OF TORU TAKEMITSU
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Toru Takemitsu
CONFRONTING SILENCE: SELECTED WRITINGS
SCARECROW, 1995

Daniel M. Grimley
CARL NIELSEN AND THE IDEA OF MODERNISM
BOYDELL, 2011

Jack Lawson
CARL NIELSEN (20TH CENTURY COMPOSERS)
PHAIDON, 1997

Lewis Lockwood
BEETHOVEN: THE MUSIC AND THE LIFE
W. W. NORTON, 2003

Scott Burnham
BEETHOVEN HERO
PRINCETON UNIVERSITY PRESS, 2000

Charles Rosen
THE CLASSICAL STYLE: HAYDN, MOZART, BEETHOVEN
W. W. NORTON, 1997

Maynard Solomon
BEETHOVEN
SCHIRMER, 2001

INTERNET

WWW.CARLNIELSEN.ORG
WWW.LVBEETHOVEN.COM
WWW.BEETHOVEN-HAUS-BONN.DE

TITO MUÑOZ REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Nova York, Tito Muñoz estudou no Queens College e na American Academy of Conducting, em Aspen, nos Estados Unidos. Em 2005, venceu o prêmio Robert J. Harth do Festival de Música de Aspen e, no ano seguinte, o prêmio de regência de Aspen. Foi diretor musical da Ópera Nacional da Lorraine e da Orquestra Sinfônica e Lírica de Nancy, ambas na França, além de regente assistente nas orquestras de Cleveland e Sinfônica de Cincinnati, nos Estados Unidos. Já regeu orquestras como a Filarmônica de Calgary e as sinfônicas de Atlanta, Baltimore e Jacksonville. Recentemente, foi nomeado diretor musical da Sinfônica de Phoenix. Tito Muñoz mantém uma intensa agenda de atividades com jovens músicos, regendo concertos e dando aulas em instituições como Tanglewood, Festival de Música de Aspen, Instituto de Música de Cleveland, Universidade de Indiana e os conservatórios da Nova Inglaterra, Oberlin e Toronto.

JULIAN BLISS CLARINETE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em St. Albans, no Reino Unido, em 1989, Julian Bliss começou a tocar clarinete aos quatro anos. Estudou na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, e com Sabine Meyer, na Alemanha. Já se apresentou com orquestras como a Academy of St Martin in the Fields, a Filarmônica de Londres e as sinfônicas da BBC e da Cidade de Birmingham. Participa regularmente de recitais de música de câmara ao lado de músicos como Joshua Bell, Hélène Grimaud, Steven Isserlis e Stephen Kovacevich. Apresentou-se nos festivais de Gstaad, Mecklenburg - Vorpommern, Rheingau e Verbier.

BancoVotorantim
INSPIRAR A VIDA
POR MEIO
DA MÚSICA.
O Banco Votorantim é um banco brasileiro que acredita ser possível fazer a diferença na vida das pessoas, tornando a arte acessível a todos. Por isso, temos o orgulho de apoiar a Osesp, que há mais de 60 anos desenvolve um trabalho de disseminação da cultura e da música erudita na sociedade.
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA
www.bancovotorantim.com.br
Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 728 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, 24 horas por dia, 7 dias por semana, ou e-mail sac@bancovotorantim.com.br. Ouvidoria: 0800 707 0083, deficientes auditivos e de fala: 0800 701 8661, exceto feriados nacionais, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h. Caixa Postal 21074, Rua Barão do Triunfo, 242, São Paulo - SP, CEP 04602-970. Formulário de contato disponível no site do Banco Votorantim S.A.

ex
ovo
omnia

DETALHE DA CAPA DO LIVRO
EXERCITATIONES DE GENERATIONE ANIMALIUM, DE WILLIAM HARVEY, 1651

7 DOM 16H QUARTETO OSESP

QUARTETO OSESP
EMMANUELE BALDINI VIOLINO
DAVI GRATON VIOLINO
PETER PAS VIOLA
ILIA LAPOREV VIOLONCELO

ESA-PEKKA SALONEN [1958]
Homunculus [2007]
12 MIN

CARL NIELSEN [1865-1931] NIELSEN 150
Quarteto em Sol Menor, Op.13 [1887-8]
- Allegro Energico
- Andante Amoroso
- Scherzo: Allegro Molto
- Finale: Allegro (Inquieto)
26 MIN

LUDWIG VAN BEETHOVEN [1770-1827]
Quarteto nº 16 em Fá Maior, Op.135 [1826]
- Allegretto
- Vivace
- Lento Assai e Cantante Tranquillo
- Grave ma Non Troppo Tratto - Allegro
25 MIN

Homunculus é uma obra curta, para quarteto de cordas, que escrevi no outono de 2007 para o Johannes Quartet. Queria compor uma peça que fosse bastante compacta tanto na forma quanto na duração, mas que, ainda assim, contivesse diferentes elementos e texturas. Em outras palavras, uma pequena peça que se comportasse como uma grande peça.

Há muito tempo sou fascinado (e me divirto) pela misteriosa teoria dos espermistas, que acreditavam que o esperma era na verdade um "pequeno homem" — um homúnculo — que, ao ser posto dentro da mulher, se desenvolvia e se transformava numa criança. Para eles, a tese parecia explicar perfeitamente vários mistérios da concepção. Mais tarde, alguém afirmou que, se o esperma era um homúnculo, idêntico em tudo a um adulto, exceto pelo tamanho, então o homúnculo teria seu próprio esperma. Isso levava a uma redução ao absurdo, com uma cadeia infinita de homúnculos. Os espermistas não viam nisso uma objeção fatal, já que sua teoria explicava perfeitamente como todos haviam pecado "como Adão": a humanidade inteira já estava contida em seu ventre.

Decidi chamar minha peça de *Homunculus* apesar do evidente problema do pensamento dos espermistas. O fato é que acho a ideia de um homenzinho perfeito estranhamente tocante.

ESA-PEKKA SALONEN. Tradução de Rogério Galindo.

CARL NIELSEN SE APRESENTA COM QUARTETO DE CORDAS NO SOLAR DE FUGLSANG, NA ILHA DE LOLLAND, NA DINAMARCA

Nascido na ilha de Funen, na Dinamarca, Carl Nielsen foi o sétimo de 12 filhos de uma família de trabalhadores rurais. Após seu talento ser reconhecido por um político local, recebeu uma bolsa para frequentar a Academia Real Dinamarquesa de Música, em Copenhague, cidade onde começou sua carreira profissional. Uma das mais vívidas memórias da infância de Nielsen, no entanto, era a de tocar violino com a banda do pai em festas e casamentos nas vilas da ilha. Mesmo quando ficou mais velho, nunca deixou de admirar a música de câmara e o repertório do final do século XVIII com o qual cresceu.

O *Quarteto em Sol Menor* foi escrito em 1887-8 e é o primeiro ensaio maduro de Nielsen no gênero. Como de costume, a obra é dividida em quatro movimentos, mas numa escala ambiciosa: o inquieto movimento de abertura, "Allegro Energico", antecipa tanto o humor quanto o material melódico da sua *Sinfonia nº 1* (também em Sol Menor), apresentada sete anos mais tarde. O segundo movimento, "Andante Amoroso", é um tranquilo romance em compasso binário que evoca a música de Dvorák, uma das principais influências de Nielsen. A seguir, vem um *scherzo* demoníaco, bem à maneira de Schumann. O último movimento, "Finale: Allegro (Inquieto)", conduz a obra a um fechamento tempestuoso, mas em última instância afirmativo, com um retorno a um dos motivos do início.

DANIEL M. GRIMLEY é professor na Faculdade de Música da Universidade de Oxford, autor de *Carl Nielsen And The Idea of Modernism* (Boydell, 2011) e organizador de *The Cambridge Companion to Sibelius* (Cambridge University Press, 2004). Tradução de Rogério Galindo.

NÃO PERCA A PALESTRA DE THOMAS DAUSGAARD SOBRE A MÚSICA DE CARL NIELSEN, DIA 22 DE JUNHO, ÀS 19H, NA SALA SÃO PAULO

LEIA ENSAIO DE KARL AAGE RASMUSSEN SOBRE NIELSEN NA PÁGINA 4

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

NIELSEN

STRING QUARTETS, VOL. 2

Oslo String Quartet

NAXOS, 2000

THE MASTERWORKS VOL. 2: CHAMBER & INSTRUMENTAL WORKS

Emerson String Quartet

Danish String Quartet

Vários Artistas

DACAPO, 2012

BEETHOVEN

THE STRING QUARTETS (7 CDS)

Emerson String Quartet

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2010

COMPLETE STRING QUARTETS (8 CDS)

Quatuor Végh

NAÏVE, 2001

THE STRING QUARTETS (7 CDS)

Amadeus Quartet

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2000

Beethoven não esperava que o *Quarteto de Cordas em Fá Maior*, Op.135, fosse seu último trabalho, mas tinha em mente que aquele seria de fato seu último quarteto de cordas, ou ao menos o último por um bom tempo, tão longo quanto pudesse imaginar. Mesmo que não antecipasse o quão próximo estava do fim, o compositor não acreditava ter muito tempo restante. Ele escrevera quatro quartetos em dois anos e meio, seus únicos esforços sérios nessa época. Os três primeiros, conhecidos como *Galitzins*, traçaram uma desintegração contínua e deliberada das normas convencionais de estrutura e lógica. O *Quarteto em Dó Sustenido Menor* foi uma reintegração, mas num novo plano, não como uma volta ao passado.

O *Quarteto em Fá Maio*r é um olhar de relance, retrospectivo e essencialmente cômico, como a *Oitava Sinfonia*, mas novamente num plano distinto tanto do passado do próprio Beethoven como do passado clássico. O tom dessa sua última obra, escrita numa época de trauma, quando o corpo do compositor se encaminhava para o colapso, é cheio de riso e ironia — à maneira de Haydn e Mozart —; em meio a isso, encontra-se uma canção comovente. No entanto, é difícil definir esse som risonho; não exatamente despreocupado, mais como a performance de um palhaço velho e cansado, um derradeiro sorriso ao tirar o chapéu, uma irônica saída de cena.

A peça começa com alguns floreios questionadores em *piano* [suave, com pouco volume], respondidos por contratempos em *pianissimo*. As três notas em movimento ascendente, todas marcadas por ornamentos, compõem um motivo. Os floreios se condensam em direção a um tema gracioso, mas são interrompidos por um encantamento ironicamente solene nas oitavas. Após alguns poucos compassos de transição, chegamos abruptamente ao segundo tema. O tom estabelecido é estranho e peculiar, uma textura tão lúcida e aberta quanto as de Mozart e Haydn — e as das primeiras obras de Beethoven. Se a rápida transição de ideias nas primeiras linhas nos lembra de que se trata de uma obra do Beethoven maduro, a seção do segundo tema, muito mais longa, com seu desfile de pequenos teminhas, compõe um trecho de dança mais sustentado, leve e clássico. Após uma exposição curta e não repetida, vem um desen-

volvimento também curto, no qual são costuradas ideias iniciais, todas marcadas pelo vacilante motivo ascendente. O desenvolvimento inclui uma falsa recapitulação, que leva a mais excursões. O fato de essa recapitulação ser desenvolvida e reconfigurada nos remete a Haydn; mas a *coda*, tão longa quanto as outras seções, nos lembra de que se trata de Beethoven. Nela, os motivos ascendentes encontram seu desenlace. A enérgica cadência final, tocada *piano*, não tem firulas.

Os dois movimentos do meio são tão contrastantes quanto possível. O *scherzo*, o segundo deles, é mais um de seus movimentos curtos, minimalistas, mais ou menos absurdos, e talvez apresente o humor mais seco de todos. Ele envolve linhas simples que parecem devotadas a três tempos fortes diferentes. Ocasionalmente, deixa-se escapar um mi bemol errante, sem explicação. O absurdo chega ao seu clímax no trio, quando ele acelera ensandecidamente, traça mudanças de tom de Fá a Sol e dali a Lá (as notas do tema do *scherzo*) e chega a um momento confuso no qual, abaixo de uma estridente melodia popular, os outros instrumentos tocam um *fortissimo* que rodopia maníaco em três oitavas, sem mudar, 50 vezes.

O efeito é extravagante, pouco convincente e planejado para ser assim. O movimento lento que se segue é marcado por um tema transcendentemente melódico e quatro variações suaves, todas ressoando em Ré Bemol — como na *Appassionata* —, a tonalidade de nobre resignação para Beethoven. Aqui, num quarteto em que som e textura refletem a claridade e a leveza clássicas, o arranjo desse movimento começa de forma romanticamente calorosa, em cordas graves com ricas passagens em cordas duplas.

Ao chegar ao *nale*, Beethoven estava muito doente e talvez já farto de quartetos. Confessou ao editor Moritz Schlesinger que vinha encontrando muita dificuldade em ter ideias para o final: "Aqui, meu caro amigo, está meu último quarteto. Será o último; e realmente me deu muito trabalho. Porque eu não conseguia me forçar a compor o último movimento. [...] E esse é o motivo pelo qual escrevi o lema: 'A decisão tomada com dificuldade — Tem de ser assim? — Tem de ser, tem de ser!"[1] Esta é uma explicação para a misteriosa inscrição no final do quarteto, ainda que não a única. De fato, como um bom compositor do período romântico, Beethoven usou uma passagem de sua vida, recontando-a com a apropriada alegria, mesclada a uma falsa solenidade — adequada tanto à história quanto ao tom do *Quarteto*.

A história era a seguinte: Ignaz Dembscher, rico amante de música, vinha oferecendo festas em sua casa para apresentar quartetos. Alguns instrumentistas queriam tocar o *Quarteto em Si Bemol Maior*, mas quando Dembscher pediu as partituras para Beethoven, descobriu-se que o anfitrião não havia comprado ingresso para a estreia da peça pelo Quarteto Schuppanzigh. Beethoven mandou avisá-lo que não forneceria a partitura até que o preço do ingresso fosse pago, salgados 50 florins. Ao ouvir isso, Dembscher riu: "Tem de ser assim?". Ao saber da resposta, Beethoven gargalhou e rebateu [rabiscando na hora um cânone sobre as frases]: "Tem de ser! Pegue sua carteira!"

JAN SWAFFORD. Trechos do livro *Beethoven – Angústia e Triunfo* (Amarilys Editora, no prelo). Tradução de Laura Folgueira [revista para esta edição].

1. Anderson, Emily (ed. e trad.). *The Letters of Beethoven, v. 3*. Nova York: W. W. Norton, 1986, p. 1538.

SUGESTÕES DE LEITURA

Daniel M. Grimley
CARL NIELSEN AND THE IDEA OF MODERNISM
BOYDELL, 2011

Jack Lawson
CARL NIELSEN (20TH CENTURY COMPOSERS)
PHAIDON, 1997

Joseph Kerman
THE BEETHOVEN QUARTETS
W. W. NORTON, 1979

Jan Swafford
BEETHOVEN: ANGUISH AND TRIUMPH
HOUGHTON MIFFLIN HARCOURT, 2014

INTERNET

WWW.ESAPEKKASALONEN.COM
WWW.CARLNIELSEN.ORG
WWW.BEETHOVEN-HAUS-BONN.DE

QUARTETO OSESP
Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o *spalla* da Orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista Ilia Laporev. Tem como uma de suas características a reunião de músicos que se formaram em escolas diferentes — italiana, brasileira, norte-americana e russa. A soma dessas tradições contribui para enriquecer a identidade do grupo. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras e criativas. Seu repertório é extremamente vasto, incluindo obras que vão da época barroca até os jovens compositores contemporâneos. Entre os que já se apresentaram com o grupo estão artistas como Ricardo Castro, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, David Aaron Carpenter, Nicholas Angelich, Nathalie Stutzmann, Jean-Efflam Bavouzet e Osmo Vänskä.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

ACADEMIA DE MÚSICA

Criada em 2006, a Academia de Música da Osesp oferece educação teórica, instrumental e artística a jovens talentos.

CONCERTOS DA ACADEMIA
ENCERRAMENTO DO SEMESTRE

20 e 28 JUN 20H
ENTRADA FRANCA!

Ingressos disponíveis na bilheteria do 1° subsolo da Sala São Paulo a partir da segunda-feira anterior ao concerto, limitados a quatro por pessoa, mediante disponibilidade.

Mais informações acesse
osesp.art.br

APOIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Deloitte.

CREDIT SUISSE

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

O FUNERAL DE CARL NIELSEN NA CATEDRAL DE NOSSA SENHORA, EM COPENHAGUE

18 QUI 21H CARNAÚBA
19 SEX 21H PAINEIRA
20 SÁB 16H30 IMBUIA

THOMAS DAUSGAARD REGENTE
JAVIER PERIANES PIANO

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
As Travessuras de Till Eulenspiegel, Op.28 [1894-5]
15 MIN

MAURICE RAVEL [1875-1937]
Concerto Para Piano em Sol Maior [1929-31]
- Allegramente
- Adagio Assai
- Presto
23 MIN

CARL NIELSEN [1865-1931] NIELSEN 150
Sinfonia nº 4, Op.29 - A Inextinguível [1914-6]
- Allegro
- Poco Allegretto
- Poco Adagio Quasi Andante
- Allegro
36 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

STRAUSS

TILL EULENSPIEGEL

London Symphony Orchestra

Claudio Abbado, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1983

RAVEL

CONCERTO PARA PIANO EM SOL MAIOR

Berliner Philharmoniker

Claudio Abbado, regente

Martha Argerich, piano

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1987

NIELSEN

HELIOS OVERTURE; SYMPHONY Nº 4

Orquestra Sinfônica da Rádio Sueca

Esa-Pekka Salonen, regente

CBS, 1989

HELIOS OVERTURE; THE SYMPHONIES (3 CDS)

Orquestra Sinfônica da BBC Escocesa

Orquestra Sinfônica de Lahti

Osmo Vänskä, regente

BIS, 2010

O folclore germânico é cheio de personagens ardilosos, um pouco à maneira do pícaro da tradição ibérica ou do malandro brasileiro. Em 1915, Olavo Bilac traduziu o livro *Max und Moritz* (1865), de Wilhelm Busch, que narra as travessuras para lá de cruéis de dois meninos, rebatizados no Brasil como Juca e Chico. Os pestinhas aprontam o tempo todo: colocam pólvora no cachimbo do sacristão, depositam besouros na cama do tio, roubam doces do padeiro. Ao final, recebem um castigo na medida da crueldade que impuseram aos outros.

Em 1894, Richard Strauss baseou-se em outro desses trapaceiros adoráveis para escrever seu poema sinfônico *Till Eulenspiegels lustige Streiche* [As Travessuras de Till Eulenspiegel]. As lendas sobre Till remontam ao folclore medieval, e as primeiras edições populares datam do início do século XVI. Till cavalga pelo mercado, flerta com garotas, discute com filisteus e, como Juca e Chico, acaba se dando mal.

Em seu poema sinfônico, Strauss utiliza a forma de um rondó. Após a breve introdução de cordas e madeiras, o tema de Till é apresentado pela trompa: uma melodia brincalhona cujo desenho rítmico emula a declamação do nome do protagonista. Para narrar suas travessuras, Strauss explora toda a paleta de cores da escrita orquestral, brincando com diversos estilos. O tema principal retorna várias vezes, entremeando as estrofes como um refrão — ora lento, ora agitado; ora leve, ora pesado.

[2012]

RICARDO TEPERMAN é editor da *Revista Osesp* e doutorando do Departamento de Antropologia Social da FFLCH-USP.

Em *Refuges* (1942), o poeta e ensaísta Léon-Paul Fargue rememora sua juventude rebelde: "O público de minha juventude, também a de Ravel, levantava-se de seus lugares, manifestava-se, intervinha; frequentemente vaiava em concertos para em seguida sair da sala de maneira acintosa, indo fumar o cigarro libertador na porta do teatro. [...] Ravel partilhava de nossas predileções, de nosso entusiasmo."

Fargue não suspeitava que seu camarada de agitação juvenil mais tarde comporia dois concertos para piano: um em fluxo contínuo e unicamente para a mão esquerda; o segundo, iniciado em 1929, de feitura aparentemente mais clássica, modelado a partir dos concertos de Mozart, de Saint-Saëns e do *Primeiro Concerto* de Liszt. De fato, o *Concerto em Sol* adota o tradicional esquema rápido-lento-rápido, bem como uma estrutura pré-estabelecida para cada um dos três movimentos. Seria esta uma obra solar enquanto o *Concerto Para a Mão Esquerda* revelaria a face sombria da lua? Não é tão simples, uma vez que sua transparência ligeira é cheia de estridências e deslocamentos rítmicos raivosos ("Allegramente"); seu lirismo comportado aponta para uma profunda melancolia ("Adagio Assai"); e sua endiabrada corrida final ousa guinadas perigosas ("Presto").

Ravel pensava interpretar ele mesmo o *Concerto* numa grande turnê. Projeto ambicioso, fadado ao fracasso por várias razões. Além da demora em concluir a peça e dos problemas de saúde do compositor, a parte do piano ultrapassava suas habilidades como instrumentista, levando-o a confiá-la a Marguerite Long. O *Concerto em Sol* estreou numa noite consagrada à música de Ravel, em que se ouviu também a *Rapsódia Espanhola*, a *Suíte nº 2 de Daphnis et Chloé*, a *Pavane Pour Une Infante Défunte* [Pavana Para Uma Infanta Defunta] e o *Bolero*.

Depois dos dois concertos para piano, Ravel comporia apenas as três canções do ciclo *Don Quichotte à Dulcinée* [De Dom Quixote a Dulcineia]. Em 9 de outubro de 1932, o táxi que o levava entrou em colisão com outro veículo. O acidente provocou algumas feridas sem gravidade. Pouco depois, os problemas de linguagem e de coordenação que já atacavam o compositor aumentaram até aniquilarem todas as suas faculdades criativas. A voz de Ravel apagou-se com os risos do cavaleiro da triste figura.

HÉLÈNE CAO é professora de história da música e análise no Conservatório Municipal de Paris (13ème) e autora de *Debussy* (Jean-Paul Gisserot, 2001), *Thomas Adès le Voyageur* (Éditions MF, 2007), entre outros livros. Nota de programa publicada no concerto de inauguração da Philharmonie de Paris, em janeiro de 2015, republicada sob autorização. Tradução de Rodrigo Vasconcelos.

A *Sinfonia nº 4*, de Carl Nielsen, foi composta durante os primeiros anos da Primeira Guerra Mundial. Embora a Dinamarca não tenha se envolvido diretamente no conflito, a gestação da *Sinfonia* deve ter de algum modo refletido a inédita escalada da violência e a necessidade de superá-la. Numa nota de programa para a estreia da peça, Nielsen procurou explicar o subtítulo da obra: "Assim que uma única nota soa no ar e corre o espaço, ela é o resultado da vida e do movimento; como consequência, a música (e a dança) são as expressões mais imediatas da vontade de viver. A *Sinfonia* retrata as origens primitivas e a fonte do sentimento da vida; aquele sentimento que está por trás de toda a vida humana, animal e vegetal, do modo como a vemos, entendemos ou convivemos com ela."

A *Sinfonia* é composta por quatro movimentos ciclicamente relacionados, tocados sem intervalo. Logo na abertura, uma série de erupções de fanfarras dos metais e das cordas estabelece o fluxo do discurso. Os tímpanos também se destacam de maneira incomum, tocando trítonos dramáticos cuja força completa só será sentida nos últimos compassos da obra. O segundo tema é uma gentil melodia pastoral em terças paralelas, posteriormente transformada num grandioso coral, marcado como "glorioso".

O segundo movimento, em completa oposição ao primeiro, é um *intermezzo* neoclássico estilizado, como os vários presentes na ópera *Maskarade* [Baile de Máscaras], também de Nielsen, que evoca o elegante mundo de conversação educada do século XVIII. O terceiro movimento traz de novo um forte contraste, começando com uma única melodia estendida, que se desdobra lentamente ao longo de todo o naipe de cordas, como se Nielsen estivesse esculpindo a textura em pedra dura.

O *nale* começa em ritmo agitado, um estratagema emprestado diretamente da *Abertura Leonora nº 3*, de Beethoven. Então se instala um vigoroso "Allegro" em compasso ternário. A maior batalha da obra se dá no diálogo dramático entre os dois conjuntos de tímpanos, colocados em ambos os lados da orquestra, que pontuam o desenvolvimento do movimento final. Não é difícil ouvir essa violenta disputa estereofônica como sendo uma das respostas mais explícitas de Nielsen à guerra. Mas esse duelo também pode ser pensado como uma destilação do conflito que perpassa a concepção da forma sinfônica no século XX.

DANIEL M. GRIMLEY é professor na Faculdade de Música da Universidade de Oxford, autor de *Carl Nielsen And The Idea of Modernism* (Boydell, 2011) e organizador de *The Cambridge Companion to Sibelius* (Cambridge University Press, 2004). Tradução de Rogério Galindo.

NÃO PERCA A PALESTRA DE THOMAS DAUSGAARD SOBRE A MÚSICA DE CARL NIELSEN, DIA 22 DE JUNHO, ÀS 19H, NA SALA SÃO PAULO

LEIA ENSAIO DE KARL AAGE RASMUSSEN SOBRE NIELSEN NA PÁGINA 4

SUGESTÕES DE LEITURA

Michael Kennedy

RICHARD STRAUSS: MAN, MUSICIAN, ENIGMA

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Roger Nichols

RAVEL

YALE UNIVERSITY PRESS, 2013

Daniel M. Grimley

CARL NIELSEN AND THE IDEA OF MODERNISM

BOYDELL, 2011

Jack Lawson

CARL NIELSEN (20TH CENTURY COMPOSERS)

PHAIDON, 1997

Alex Ross

O RESTO É RUÍDO

COMPANHIA DAS LETRAS, 2009

INTERNET

WWW.RICHARDSTRAUSS.AT

WWW.MAURICE-RAVEL.NET

WWW.CARLNIELSEN.ORG

THOMAS DAUSGAARD REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JULHO DE 2012

Thomas Dausgaard é regente titular da Orquestra de Câmara Sueca e regente honorário da Sinfônica Nacional Dinamarquesa e da Orquestra da Toscana. Já regeu orquestras como Philharmonia (Londres), Staatskapelle Dresden, do Gewandhaus de Leipzig, as filarmônicas de Munique, Los Angeles, Hong Kong e da Radio France e as sinfônicas de Viena, Boston, Sydney, Montreal, Bournemouth, da Cidade de Birmingham, e da Rádio de Stuttgart (SWR), além da própria Osesp. Colabora com várias orquestras jovens, como a Sinfônica Heliópolis, no Brasil, a Orquestra Sinfônica Juvenil de Toronto e a Orquestra Juvenil Australiana. Dausgaard recebeu a Cruz da Ordem de Cavaleiros na Dinamarca, foi eleito à Academia Real Sueca de Música e nomeado regente titular da Orquestra Sinfônica Escocesa da BBC a partir da temporada 2016-7.

JAVIER PERIANES PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2012

Nascido em Nerva, na Espanha, Javier Perianes já trabalhou com maestros como Lorin Maazel, Daniel Barenboim, Zubin Mehta, Rafael Frühbeck de Burgos, Charles Dutoit e Michael Tilson Thomas. Foi artista residente no Festival de Granada em 2012, ano em que também recebeu o Prêmio Nacional de Música, concedido pelo seu país natal. Já se apresentou como recitalista no Carnegie Hall, em Nova York, no Concertgebouw, em Amsterdã, no Wigmore Hall, em Londres, e no Conservatório Tchaikovsky, em Moscou. Em 2012, o disco que lançou pelo selo Harmonia Mundi dedicado a Manuel de Falla, que inclui uma gravação ao vivo de *Noites Nos Jardins de Espanha* com a Orquestra Sinfônica da BBC, sob direção de Josep Pons, foi indicado ao Grammy Latino. Perianes acaba de lançar CD com o *Concerto Para Piano*, de Grieg, acompanhado pela Sinfônica da BBC, sob regência de Sakari Oramo, pelo selo Harmonia Mundi.

Promover a democratização da cultura como um valor maior, capaz de modificar a vida das pessoas.

Em nosso dia a dia, trabalhamos para proteger tudo o que é essencial para sua família. E a cultura é uma delas. Por isso, apoiamos o projeto Descubra a Orquestra, desenvolvido pela OSESP, que garante o acesso de milhares de brasileiros a ações educativas e musicais de qualidade.

BANCO DO BRASIL Seguros

MAPFRE SEGUROS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

VAZIO CORAÇÃO LITORAL, OBRA DE NELSON FÉLIX, 1999-2004

21 DOM 16H ORQUESTRA DE CÂMARA DA OSESP

RICARDO BOLOGNA REGENTE
CLAUDIA NASCIMENTO FLAUTA
LIUBA KLEVTSOVA HARPA

BENJAMIN BRITTEN [1913-76]

Sinfonia Simples, Op.4 [1933]

- Boisterous Bourrée [Bourrée Barulhenta]
- Playful Pizzicato [Pizzicato Lúdico]
- Sentimental Saraband [Sarabanda Sentimental]
- Frolicsome Finale [Finale Folia]

17 MIN

TORU TAKEMITSU [1930-96]

Toward The Sea II [Rumo ao Mar II] [1981]

- The Night [A Noite]
- Moby Dick
- Cape Cod [Cabo Cod]

11 MIN

CLAUDIO SANTORO [1919-89]

Mini Concerto Grosso [1981]

- Allegro Moderato
- Andante (Lento)
- Allegro (Finale)

8 MIN

ANTONÍN DVORÁK [1841-1904]

Serenata em Mi Maior, Op.22 [1875]

- Moderato
- Tempo di Valse
- Scherzo: Vivace
- Larghetto
- Finale: Allegro Vivace

27 MIN

O título do op.4 de Benjamin Britten, *Sinfonia Simples*, terminado quando o compositor tinha apenas 21 anos, é indicativo das intenções artísticas que desenvolveria ao longo de sua carreira. O adjetivo "simples" diz bastante sobre seu desejo de clareza e facilidade na recepção da linguagem musical. Sua inegável competência no tratamento motívico e formal jamais obscurece a força da comunicação melódica e rítmica.

No esforço de valorizar a modernidade na obra de Britten, críticos ingleses apontaram Bartók e Schoenberg como influências para as obras deste período, em contraste com o tradicionalismo dominante no cenário inglês daquele momento. Entretanto, parece mais adequado considerar a *Sinfonia Simples* uma herdeira da linhagem da *St. Paul's Suite*, de Gustav Holst, escrita dez anos antes, em 1912-3. A despeito de Britten ter apresentado pontualmente alguma invenção no tratamento da forma-sonata — a forma que distingue a sinfonia da suíte —, como na original sobreposição contrapontística na recapitulação dos dois temas principais da sua *Sinfonietta*, Op. 1, o compositor sempre demonstrou mais apetite pelas formas da dança e da canção.

Note-se, nesse sentido, que o título da *Sinfonia Simples* é enganador. Não se trata de uma sinfonia, mas de uma suíte de danças barrocas, tal como, por exemplo, a *Suíte Holberg*, de Grieg. Os títulos dos movimentos, com menções a *bourrées* e *sarabandes*, não deixam margem a dúvidas. O mérito de Britten foi retomar o modelo da "suíte à moda antiga", que serviu a inúmeros compositores românticos, e tratá-lo numa linguagem neoclássica modernizante, tal como Prokofiev fizera anos antes com o modelo da sinfonia na *Sinfonia nº 1 - Clássica*, de 1916-7.

Stravinsky escreveu, certa vez, que detestava encomendas que não prescrevessem limites estritos para a música que deveria ser composta. Para ele, a liberdade absoluta era assustadora, paralisante. Preferia enfrentar um desafio, ainda que difícil, no qual pudesse demonstrar sua engenhosidade. Quando as restrições não vinham de fora, ele mesmo propunha um problema que a composição deveria resolver.

Claudio Santoro também foi um compositor inquieto assim, que buscava constantemente enfrentar novos desafios. Ainda jovem, no início de sua carreira, abraçou a técnica dodecafônica, porque ela propunha uma abordagem estética instigante, que muito poucos à sua volta conseguiam compreender. Na fase intermediária, envolveu-se com a linguagem neoclássica do projeto do realismo socialista, porque implicava colocar em segundo plano os problemas formais da linguagem musical, dando prioridade à comunicação imediata com o público. Já na última fase, desligando-se de orientações partidárias e ideológicas, Santoro construiu uma síntese das fases anteriores em torno de novos projetos, muitos deles experimentais, compondo, com sucesso, sinfonias e óperas, música eletrônica e música aleatória.

O *Mini Concerto Grosso*, escrito em 1981, na terceira fase de sua carreira, não é uma composição de ambições monumentais, como sua *Sinfonia nº 9*, terminada no ano seguinte, ou seu *Concerto Grosso*, para quarteto e orquestra de cordas, composto no ano anterior. Trata-se de uma peça singela, dedicada a principiantes. O desafio que enfrentou foi escrever uma peça para cordas que utilizasse apenas a primeira posição das mãos nos violinos, violas e violoncelos. Essa limitação implica que os movimentos melódicos fiquem restritos a uma extensão relativamente pequena e nunca se movimentem para os registros mais agudos. Em outras palavras, a encomenda propunha o problema de se compor uma peça que usasse apenas técnicas elementares, sem prejuízo de seu interesse estético.

Lembremos que esse não é um fato inusitado na história da música. Obras extraordinárias como *O Cravo Bem Temperado*, de Bach, ou o *Álbum Para a Juventude*, de Schumann, também tiveram propósito didático e, mesmo assim, entraram para o cânone das obras referenciais. Além do mais, para Santoro, aquele era um obstáculo familiar. Ele foi um exímio violinista, e por muitos anos ocupou uma cadeira de primeiro violino na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro. Conhecia sobejamente todas as potencialidades dos instrumentos de corda, dos quais sempre soube tirar o melhor proveito em toda sua extensa produção.

O interesse de Santoro por essa proposta teve também outras motivações. Quatro anos antes, havia retornado ao Brasil para reassumir sua cátedra na Universidade de Brasília. Durante as décadas an-

teriores, vivera em exílio no exterior, após sua demissão da UnB por perseguição da ditadura militar. Durante o período em que viveu na Europa, ocupou uma cátedra de regência orquestral num grande conservatório da Alemanha. Quando retornou ao Brasil, foi convidado a assumir a direção da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília, da qual foi regente até sua morte, em 1989, durante um ensaio. Escrever uma obra que tivesse potencial didático e ajudasse a formar bons músicos de cordas para as orquestras brasileiras era para Santoro, acima de tudo, uma missão que cumpria com grande prazer. Por isso, a elegância das melodias e o rigor do contraponto deste cativante *Mini Concerto Grosso* transcendem quaisquer limitações técnicas que lhe tenham sido (voluntariamente) impostas.

RODOLFO COELHO DE SOUZA é compositor, doutor em composição pela Universidade de Texas em Austin e professor livre-docente do Departamento de Música da USP/ Ribeirão Preto.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BRITTEN

SINFONIA SIMPLES

English Chamber Orchestra

Benjamin Britten, regente

DECCA, 1993

TAKEMITSU

I HEAR THE WATER DREAMING

BBC Symphony Orchestra

Sir Andrew Davis, regente

Patrick Gallois, flauta

Fabrice Pierre, harpa

Göran Söllscher, violão

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 2000

SANTORO

KLANG DER WELT: BRASILIEN

Deutsche Oper Berlin Solisten

NCA, 2008

SINFONIA N° 4; SINFONIA N° 9; PONTEIO; FREVO

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

John Neschling, regente

BISCOITO FINO, 2006

DVORÁK

SERENADES OP.22 & 44

Academy of St Martin in The Fields

Sir Neville Marriner, regente

PHILIPS, 1983

SUGESTÕES DE LEITURA

Mervyn Cooke (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO BENJAMIN BRITTEN
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

Peter Burt
THE MUSIC OF TORU TAKEMITSU
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Toru Takemitsu
CONFRONTING SILENCE: SELECTED WRITINGS
SCARECROW, 1995

Vasco Mariz
CLAUDIO SANTORO
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1994

Elson Farias
CLAUDIO SANTORO: CANTOR DO SOL E DA PAZ
VALER, 2009

John Clapham
DVORÁK
W.W. NORTON, 1979

INTERNET

WWW.BRITTEN100.ORG
WWW.BRITTENPEARS.ORG
WWW.CLAUDIOSANTORO.ART.BR
WWW.DVORAK-SOCIETY.ORG

A reutilização de material em Takemitsu é muito evidente em suas obras tardias, como *Toward The Sea* [Rumo ao Mar], para flauta em sol e violão, reescrita em versão para flauta em sol, harpa e orquestra de cordas (*Toward The Sea II*) e numa versão para flauta em sol e harpa (*Toward The Sea III*), todas na década de 1980.

Como na série *A Way a Lone* [Um Caminho um Só], o motivo S-E-A (mi bemol, mi e lá) reaparece. Composta em três partes, "The Night" [A Noite], "Moby Dick" e "Cape Cod" [Cabo Cod], a obra se inspira no aspecto meditativo do romance de Herman Melville, numa "homenagem ao mar, que cria todas as coisas", nas palavras do compositor.

Toward The Sea mostra também a capacidade de Takemitsu em explorar ao máximo a sonoridade dos instrumentos. A flauta muitas vezes evoca o *shakuhachi* e, em alguns momentos, a partitura indica que as cordas devem ser tocadas sobre a ponte (*sul ponticello*) ou sobre o espelho (*sul tasto*).

LUIZ FUKUSHIRO é mestre em Educação pela Universidade de São Paulo e revisor da *Revista Osesp*.

LEIA MAIS SOBRE TAKEMITSU NO NÚMERO ESPECIAL DA *REVISTA OSESP* SOBRE O COMPOSITOR TRANSVERSAL, DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NA SALA SÃO PAULO

Nascido no interior da atual República Tcheca, Antonín Dvorák estudou vários instrumentos — violino, viola, piano e órgão — ainda bastante jovem. Em 1857, aos 16 anos, resolveu se estabelecer na capital Praga para se aperfeiçoar na execução organística e tentar fazer carreira como músico profissional.

Trabalhou nessa bela cidade como violinista de orquestra e professor por duas décadas, ao mesmo tempo em que compunha muita música, em gêneros variados. Parecia destinado a levar a vida acanhada de artista provincial, não fosse um golpe de sorte: ao conhecer os seus *Duetos Morávios*, de 1875, Johannes Brahms apresentou-os a Simrock, seu editor. Resultado: em 1877, eram lançadas internacionalmente não apenas essas quatro canções como também a primeira série das *Danças Eslavas*, que projetaram o nome de Dvorák por toda parte.

A partir de então, a fama do compositor tcheco jamais parou de crescer, o que o levou várias vezes à Inglaterra e até mesmo a Nova York, nos Estados Unidos, onde foi diretor do conservatório de música.

A *Serenata em Mi Maior*, Op.22, antecede a fama internacional do compositor. Foi escrita em poucos dias, na primeira metade de maio de 1875, não muito depois dos *Duetos Morávios*. A alegre elegância dessa serenata de atmosfera despreocupada bem poderia simbolizar a leveza de espírito de seu autor. Se fosse possível, poderia se dizer que a partitura sorri. Simultaneamente doce e vívida, repleta de belas e envolventes melodias, a *Serenata* é leve, sem cair na superficialidade vazia. Seus vários movimentos guardam o caráter de divertimento noturno, não ostentando, exatamente por causa disso, grandes desenvolvimentos temáticos. Num momento, ela soa intensa e emotiva; mais adiante, um bocado apaixonada.

E assim sucedem-se os vários ânimos da peça, como que retirados ora de uma ágil dança rústica, ora de uma velha melodia saudosista e sentimental, ora, ainda, de uma canção eslava. E tudo ganha o refinamento de uma orquestração que carrega as cordas do batuque algo rústico ao generoso *cantabile* que já foi chamado de "transcendental".

[2008]

J. JOTA DE MORAES (1943-2012) foi jornalista e crítico musical, e escreveu *Música da Modernidade* (Brasiliense, 1983), entre outras obras.

RICARDO BOLOGNA REGENTE

Timpanista da Osesp desde 1999, Ricardo Bologna teve como principais professores Elizabeth del Grande, John Boudler, William Blank, Yves Brustaux e Robert van Sice. É regente principal da Orquestra Sinfônica da USP e professor do Departamento de Música da ECA-USP. Regeu a Sinfônica do Conservatório de Genebra, a Filarmônica de Minas Gerais e a Orquestra de Câmara da Osesp, e foi percussionista convidado da Orquestra da Suíça Romanda e do Ensemble Contrechamps. Em 1989, fundou com o percussionista Eduardo Leandro o Duo Contexto, com o qual fez turnês por Europa, EUA e Japão. Em 2002, venceu o Concurso Eleazar de Carvalho para Jovens Regentes e fundou o Percorso Ensemble, grupo especializado na música dos séculos XX e XXI, com o qual gravou os discos *Berio+* (Sesc, 2007) e *Ligeti+* (Sesc, 2013).

CLAUDIA NASCIMENTO FLAUTA

Na Osesp desde janeiro de 2015, a paulistana Claudia Nascimento iniciou seus estudos com Jean-Noël Saghaard, na Escola Municipal de Música. Em 2001, recebeu uma bolsa de estudos da Fundação Vitae para se aperfeiçoar no Conservatório Regional de Rueil-Malmaison, na França, com Philippe Pierlot, e depois ingressou no curso de interpretação de Frédéric Chatoux, no Conservatório de Poissy. Já se apresentou como solista com a Orquestra Experimental de Repertório, a Sinfônica da USP, o Ensemble Orchestral e a Orchestre Ostinato (Paris), além da própria Osesp. Trabalhou com maestros como Lorin Maazel, Kurt Masur, Roberto Minczuk, Benjamin Zander, Günter Neuhold e Roberto Tibiriçá. Em 2006, foi vencedora do Concurso Europeu de Música da Picardia. Foi primeira flauta da Orquestra Sinfônica Brasileira, entre 2008 e 2014.

LIUBA KLEVTSOVA HARPA

Harpista principal da Osesp desde 2001, a russa Liuba Klevtsova iniciou seus estudos aos sete anos com a professora Elena Pavlova, em Moscou. Formou-se no Conservatório Tchaikovsky, onde foi aluna de Vera Dulova. Com 15 anos, conquistou o 1º Prêmio no Concurso de Jovens Harpistas e, em 1997, foi premiada no Concurso Internacional de Música, ambos em Moscou. No ano seguinte, realizou turnê por Romênia e França, apresentando-se com o maestro Zubin Mehta e a Orquestra Sinfônica do Grande Salão do Conservatório Tchaikovsky. Liuba exerce também intensa atividade didática, tendo atuado como professora do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão em 2003, 2004, 2012 e 2013.

Compartilhar conhecimento é o que sabemos fazer melhor

A Deloitte é referência em consultoria e auditoria no Brasil e no mundo, resultado do talento em encontrar as melhores soluções de negócio para seus clientes e de seu compromisso com a sociedade.

Por isso, incentivamos o desenvolvimento da cultura nacional por meio da música. Deloitte, patrocinadora da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

www.deloitte.com.br

Deloitte.

©2015 Deloitte Touche Tohmatsu Limited. Todos os direitos reservados.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PERFORMANCE NA FRANÇA DA DANÇA DOS SETE VÉUS,
EM 1906, PELA DANÇARINA E FUTURA ESPIÃ MATA HARI

25 QUI 21H JACARANDÁ
26 SEX 21H PEQUIÁ
27 SÁB 16H30 IPÊ

THOMAS DAUSGAARD REGENTE
STIG ANDERSEN TENOR
GUN-BRIT BARKMIN SOPRANO
DENISE DE FREITAS MEZZO-SOPRANO

CARL NIELSEN [1865-1931] NIELSEN 150
Abertura Helios, Op.17 [1903]
12 MIN

MAURICE RAVEL [1875-1937]
Valsas Nobres e Sentimentais [1912]
- Modéré [Moderado]
- Assez Lent [Bastante Lento]
- Modéré [Moderado]
- Assez Animé [Bastante Animado]
- Presque Lent [Quase Lento]
- Assez Vif [Bastante Vivo]
- Moins Vif [Menos Vivo]
- Epilogue [Epílogo]

16 MIN

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
Salomé, Op.54: Parte 2 [1904-5]
40 MIN

Carl Nielsen conheceu sua mulher, a escultora Anne Marie Brodersen, em 1891, quando ela estava estudando com Auguste Rodin, em Paris. Depois de um romance que foi um verdadeiro turbilhão, Carl e Anne Marie estabeleceram uma parceria artística formidável, embora as exigências das respectivas carreiras (e as numerosas infidelidades de Nielsen) tenham levado à separação do casal, em 1916. Eles se reconciliariam em 1925.

Quando Anne Marie ganhou uma bolsa para estudar escultura clássica em Atenas, em 1903, Nielsen viajou da Dinamarca para se encontrar com ela. Foi na capital grega que ele compôs a *Abertura Helios*, inspirado pela memória imaginária de um antigo culto helênico ao sol. O compositor disse a um amigo que a obra "descreve o sol desde que ele sai de trás das montanhas escuras aqui no leste, passando pelo momento em que crepita e resplandece, com seu brilho mais forte, ao meio-dia, para finalmente mergulhar lentamente por trás do belo golfo do Egeu e das montanhas azuis que vão escurecendo no oeste, quando a noite e o silêncio caem".

A *Abertura* começa com uma passagem que busca recriar a atmosfera da aurora, com longas notas pedal[1] e chamados distantes das trompas, antes de revelar uma melodia que lentamente cresce em energia nas cordas. Então se ouve um verdadeiro hino matinal, seguido por uma sequência vigorosa, que leva a peça a seu ápice. O hino ao sol retorna com uma nuance mais impetuosa antes que a música desvaneça e as sombras da noite se alonguem novamente sobre a orquestra.

DANIEL M. GRIMLEY é professor na Faculdade de Música da Universidade de Oxford, autor de *Carl Nielsen And The Idea of Modernism* (Boydell, 2011) e organizador de *The Cambridge Companion to Sibelius* (Cambridge University Press, 2004). Tradução de Rogério Galindo.

NÃO PERCA A PALESTRA DE THOMAS DAUSGAARD SOBRE A MÚSICA DE CARL NIELSEN, DIA 22 DE JUNHO, ÀS 19H, NA SALA SÃO PAULO

LEIA ENSAIO DE KARL AAGE RASMUSSEN SOBRE NIELSEN NA PÁGINA 4

A criação das *Valsas Nobres e Sentimentais*, originalmente para piano, destinou-se a um concerto no qual o público deveria adivinhar os compositores do programa, opinando por votos. A maioria dos ouvintes errou feio nos palpites e Ravel sentiu-se ferido pela incompreensão acerca de sua obra. Efetivamente, essas valsas não são "sentimentais", mas sutis e misteriosas, demandando outro tipo de escuta.

Ao piano, exalam uma essência rara e um leve amargor, que acentuam seu delicado sabor. Já na versão orquestral, entram no domínio da pura magia. A primeira valsa, por seu vigor e por suas dissonâncias um pouco cruas, evoca a franqueza de Emmanuel Chabrier (1841-94), mas anuncia acima de tudo o poema coreográfico *La Valse* [A Valsa], do próprio Ravel, concebido em 1906 e concluído em 1919-20. Lembremo-nos, de passagem, que o próprio compositor dançava muito bem.

A segunda valsa, íntima, lembra a suíte *Ma Mère l'Oye* [Mamãe Gansa] (1908) e sugere um jardim encantado onde não haveria surpresa em se encontrar a Bela e a Fera: a harpa, a frase sonhadora da flauta solo, a elegância das cordas em surdina, *sul tasto* [sobre o espelho]... A terceira, infantil e brincalhona, com solos de oboé e acompanhamento em *pizzicato*, parece, em alguns momentos, alguma dança antiga e discreta.

A seguinte, envolta pelas duas flautas, reencontra o fluxo apaixonado das cordas e desemboca, sem interrupção, na quinta, aparentemente simples, com solos de madeira, clarinete, corne inglês e oboé. A sexta, mais viva e fluida, adota um tempo de *ländler* [austríaco], ritmado pelas cordas. A sétima valsa é um crescendo que se inicia com expectativa mágica semelhante à *Rapsódia Espanhola* (1907-8): efeitos de sinos distantes, fermatas. Gradualmente, a embriaguez do poema sinfônico se restabelece, até atingir um ponto culminante bastante conciso.

O "Epílogo" é na realidade uma oitava valsa, a mais lenta, um noturno com cordas aveludadas e levemente inquietantes. O motivo do gato de *L'Enfant et Les Sortilèges* [A Criança e os Sortilégios] (1917-25) salta aos ouvidos. Então a música como que se evapora, quase inaudível, com toques delicados na harpa e na celesta.

ISABELLE WERCK é professora de história da música e análise no Conservatório Municipal de Paris (18ème) e autora de *Mahler* (Bleu Nuit, 2010), *Liszt* (Bleu Nuit, 2011), *Grieg* (Bleu Nuit, 2013). Nota de programa publicada pela Cité de la Musique/Philharmonie de Paris, em 2014, republicada sob autorização. Tradução de Rodrigo Vasconcelos.

1. Notas graves longas, sustentando a harmonia enquanto vão mudando acordes por cima. [NE]

Salomé, de Richard Strauss, causou espécie quando estreou, em 1905, em Dresden. Conta-se que, no ano seguinte, Schoenberg levou seus alunos para assistir à estreia da ópera em solo austríaco. Na plateia, encontravam-se o novo e o consagrado, de Mahler a Puccini. Pouco depois, um estudante veria, aberta ao piano, na casa de Schoenberg, a partitura de *Salomé*. "Talvez daqui a 20 anos", teria dito o futuro compositor do *Pierrot Lunaire*, "alguém será capaz de explicar teoricamente estas progressões harmônicas".

O pasmo de Schoenberg se explicaria já pela primeira frase melódica de *Salomé*, quando as notas ascendentes do clarinete deslizam, levando de uma tonalidade a outra e deixando pelo caminho, aos pedaços, a harmonia que se desfazia diante dos olhos e ouvidos de todos.[1] Aproximava-se então o momento em que, articulando-se de forma inaudita, os sons apontavam tanto para a perfeita concórdia quanto para seu fim.

Não eram ainda o serialismo ou o atonalismo que despontavam em sua plena potência, e no entanto a história da música ocidental parecia girar sobre seus gonzos. O terreno a trilhar, dali por diante, não admitiria mais um centro único, que polarizasse e atraísse os sons. A "colisão harmônica" que Strauss buscava desde a juventude, e cuja semente ele encontrara em Wagner, resgatava o poder do trítono, aquela "dissonância incontornável" que repousa no coração da escala diatônica.[2]

A possibilidade de dissolver a harmonia era um problema físico e metafísico, e o intervalo de três tons lembrava o barulho terrível que, ao fim, aguarda a marcha inelutável do progresso. Era o diabo, a tentação em sua versão moderna e fáustica: "harmonia musical temperada pela dissonância tritônica, risco no disco da vitrola de Platão em progresso".[3] Em seu manual sobre a harmonia, publicado alguns anos após a estreia da *Salomé* de Strauss, o ainda jovem Schoenberg, atemorizado talvez pela iminência da dissolução harmônica, esclarece: não existem "sons estranhos à harmonia, mas somente *estranhos ao sistema harmônico*".[4]

Daí, porventura, o desejo ambíguo de dissolução e harmonia que a escuta é capaz de presentificar: as possibilidades da dissonância, que a música de Strauss expandia, anunciavam um mundo em que a desintegração parecia cada vez mais próxima, sinalizando que o século XX começara, no seu baile insistente com a morte.

No entanto, a dança com a morte era tema antigo. Nos evangelhos, Salomé, ainda não nomeada, é a filha de Herodíades e enteada de Herodes, o tetrarca da Galileia. Nos confins do Império Romano, em meio à luta dos hebreus pela definição da regra nupcial, João Batista declarara ilícita a relação conjugal de Herodes, que por isso o mantinha cativo numa cisterna – em torno da qual se desenrolará a trama de *Salomé*, de Strauss.

Herodes temia e admirava João Batista, e gostava de ouvi-lo na prisão. Durante um banquete, inebriado, ele pede à enteada que dance e lhe promete em troca o que ela quiser. Salomé dança e exige a cabeça do profeta, numa bandeja. Horrorizado, o tetrarca cede, e a cabeça de João Batista é servida à moça.

Salomé ganharia inúmeras figurações nas artes, passando pelos gostos e códigos de tempos diversos. Mas é a peça homônima de Oscar Wilde, de 1893, na tradução do francês ao alemão, que Strauss decidiu transformar em ópera. Nela, em vigorosa reconstrução orientalista, Salomé se deixa seduzir pelo corpo entre o repulsivo e o belo de João Batista, que a vê como signo da perdição, filha maldita de Babilônia e Sodoma a rejeitar a luz do Cristo, que então pregava na Galileia. Lasciva, a jovem desafia o profeta, prometendo beijar-lhe a boca, o que de fato fará ao final, consumida pela "fome" e "sede" do corpo, numa cena de necrofilia que arrepiaria a Inglaterra vitoriana. Antes ainda de ser preso por atentado ao pudor e sodomia, em sua peça Wilde busca o sensualismo do *Cântico Dos Cânticos*, embora o ósculo da princesa da Judeia fosse depositar-se nos lábios de uma cabeça inerte, no instante sublime e terrível em que o gosto acre do sangue se confunde ao amor.[5]

---

1. ROSS, Alex. "Strauss's Place in The Twentieth Century". In: Youmans, Charles (org.). *The Cambridge Companion to Richard Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p.198.

2. Wisnik, José Miguel. *O Som e o Sentido: Uma Outra História Das Músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.83.

3. *Ibidem*, p.147.

4. Schoenberg, Arnold. *Harmonia*. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p.452, grifo do autor.

5. Messerli, Sylviane. "Introduction: à l'Intention de Ceux Qui Sont Incapables de Croire". In: Wilde, Oscar. *Salomé*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008, p. 25.

Para além de todos lugares comuns daquele fim de século, a Salomé de Wilde, inspirada nos quadros de Gustave Moreau e no conto "Herodíades", de Flaubert, expõe, na figura da mulher fatal, a proximidade entre o desejo e a morte – algo em que nos acostumamos a pensar sobretudo através da literatura, mas que a música pode também, especialmente no caso da ópera, expressar.

Na famosa "Dança dos Sete Véus", em que Salomé se descobre até à nudez diante do embevecido Herodes, encontra-se um verdadeiro *pot-pourri* dos motivos da ópera. Há quem veja nesse momento apenas o seu lado *kitsch*, sem se dar conta de que se trata de uma espécie de pré-história da sonoplastia e dos efeitos que mais tarde o cinema levaria às massas.

De uma forma ou outra, no final da ópera a dissonância regressa, incontornável, ressoando até nós: quando Salomé diz, exaurida, que beijou a boca defunta de João Batista, os violinos soam como um suspiro fantasmático, e a rememoração do beijo letal se dá pelo retorno dos mesmos motivos melódicos que ouvimos antes, mas que agora reaparecem no fundo de tonalidades mescladas, até chegarem ao mais impressionante dos acordes.[6] Comentando a importância de Strauss para o modernismo vienense, Maurice Ravel sustenta que o compositor de *Salomé* fora "o primeiro a sobrepor linhas harmonicamente incompatíveis", e que o acorde que encerra a cena do beijo póstumo "teimosamente resiste a qualquer análise de modulação – no máximo é compreendido como o uso simultâneo de diferentes áreas tonais".[7]

Em sua invectiva contra Strauss, Theodor Adorno lembra a fase anal com que Freud compreende a dinâmica do controle e da soltura, e que estaria na base da formação de todos nós. "Socialmente", a música de Strauss livrava-se da "estreiteza, da hipocrisia e do preconceito comezinho que Nietzsche atacara", e ainda assim se revelava sem qualquer solidez, parente daquela "respeitabilidade pequeno-burguesa" que Adorno desprezava.[8] Mal-humorado, o filósofo vê em Strauss o efeito pirotécnico e a busca do conforto, mas nós podemos perguntar o que incomoda na falta de controle de uma música que se derramava por zonas proibidas, ou por aquelas diversas "áreas tonais" a que se referia Ravel.

É curioso que o universo em que se cruzam as leis judaica e romana esperasse por um messias, que viesse para restaurar a ordem ameaçada pela vileza dos pecadores. Fitando o mais monstruoso dos descontroles, o profeta espera o salvador. A redenção, no caso, é o momento desejado em que o mundo se retificaria, e que a ópera parece contornar, como se um espírito maligno soprasse, evitando o regresso da harmonia. A morte de João Batista é a confirmação de que o desejo impera, enquanto a concórdia se torna uma ideia tão urgente quanto distante.

A música põe em cena a irresolução do conflito entre desejo e concórdia, como se através do acorde dissonante o sujeito entrasse nos "mais extremos confins da harmonia, da polifonia psicológica e da receptividade dos ouvidos modernos", como diria mais tarde Strauss, sobre a composição de *Salomé*.[9]

Conviria lembrar, ao fim, que em sua complexa e acidentada relação com o nazismo, Strauss nunca deixaria de acreditar no poder de Wagner, "o poeta-dramaturgo e músico-filósofo" que concluíra "o desenvolvimento cultural de três mil anos ao criar a linguagem da orquestra moderna, completando assim o mito germânico e cristão em perfeitas criações dramático-musicais".[10] Escritas em 1945, finda a guerra, essas linhas dão o que pensar. A harmonia não é sempre um acordo provisório que nos mantém à beira do ruído? E como pode o desejo sobreviver, senão num pacto secreto com a morte?

PEDRO MEIRA MONTEIRO é professor de literatura brasileira na Universidade de Princeton. É autor de de *Um Moralista Nos Trópicos: o Visconde de Cairu e o Duque de La Rochefoucauld* (Boitempo), entre outros livros, e do blog *Pena Vadia* (meiramonteiro.com/blog).

---

6. Del Mar, Norman. *Richard Strauss: a Critical Commentary of His Life And Works*. Ithaca: Cornell University Press, 1986, tomo 1, p. 270-279.

7. Ross, Alex. Op. cit., p. 199.

8. Adorno, Theodor. "Richard Strauss" in Perspectives of New Music, v. 4, n. 1, 1965, p. 14.

9. Strauss, Richard. *Recollections and Re ections*. Ed. Willi Schuch. Westport: Greenwood Press, 1974, p. 155.

10. *Ibidem*, p. 90.

THOMAS DAUSGAARD REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JULHO DE 2012

Nomeado regente titular da Orquestra Sinfônica Escocesa da BBC a partir da temporada 2016-7, Thomas Dausgaard é regente titular da Orquestra de Câmara Sueca e regente honorário da Sinfônica Nacional Dinamarquesa e da Orquestra da Toscana. Já regeu orquestras como Philharmonia (Londres), Staatskapelle Dresden, do Gewandhaus de Leipzig, as filarmônicas de Munique, Los Angeles, Hong Kong e da Radio France e as sinfônicas de Viena, Boston, Sydney, Montreal, Bournemouth, da Cidade de Birmingham, e da Rádio de Stuttgart (SWR), além da própria Osesp. Colabora com várias orquestras jovens, como a Sinfônica Heliópolis, no Brasil, a Orquestra Sinfônica Juvenil de Toronto e a Orquestra Juvenil Australiana. Dausgaard recebeu a Cruz da Ordem de Cavaleiros na Dinamarca, foi eleito à Academia Real Sueca de Música.

STIG ANDERSEN TENOR

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

O dinamarquês Stig Andersen é, desde 1980, solista no Teatro Real, em Copenhague. Trabalhou com maestros como Daniel Barenboim, Christoph Eschenbach, Marek Janowski, Neeme Järvi, James Levine, Zubin Mehta, *Sir* Simon Rattle, Esa-Pekka Salonen e *Sir* Georg Solti. Interpretou os papéis-título de *Peter Grimes*, de Britten, *Otello*, de Verdi, *Lohengrin, Parsifal, Tristão e Isolda* e *Tannhäuser*, de Wagner. Gravou com a Ópera Real Dinamarquesa o disco *The Copenhagen Ring* (Decca, 2008), em que canta em três das quatro óperas do Ciclo do Anel. Já se apresentou na Ópera Nacional de Amsterdã, Royal Opera House (Londres), Metropolitan (Nova York) e na Ópera de Paris. Gravou *Gurre-Lieder*, de Schoenberg, com a Philharmonia Orchestra, regida por Esa-Pekka Salonen (Signum, 2009), e também com a Orquestra Sinfônica da Rádio Bávara, regida por Mariss Jansons (Naxos, 2010).

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

NIELSEN

ORCHESTRAL WORKS

Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional Dinamarquesa

Gennady Rozhdestvensky, regente

CHANDOS, 1994

HELIOS OVERTURE; SYMPHONY N° 4

Orquestra Sinfônica da Rádio Sueca

Esa-Pekka Salonen, regente

CBS, 1989

HELIOS OVERTURE; THE SYMPHONIES (3 CDS)

Orquestra Sinfônica da BBC Escocesa

Orquestra Sinfônica de Lahti

Osmo Vänskä, regente

BIS, 2010

RAVEL

MA MÈRE L'OYE; PAVANE POUR UNE INFANTE DÉFUNTE; LE TOMBEAU DE COUPERIN; VALSES NOBLES ET SENTIMENTALES

Orchestre Symphonique de Montréal

Charles Dutoit, regente

DECCA, 1990

STRAUSS

SALOME

Filarmônica de Viena

Christoph von Dohnányi, regente

Catherine Malfitano, soprano

Hanna Schwarz, contralto

Kenneth Riegel, tenor

Bryn Terfel, baixo-barítono

DECCA, 1994

Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional Dinamarquesa

Michael Schønwandt, regente

Inga Nielsen, soprano

Anja Silja, soprano

Reiner Goldberg, tenor

Robert Hale, baixo-barítono

CHANDOS, 1999

SUGESTÕES DE LEITURA

Daniel M. Grimley
CARL NIELSEN AND THE IDEA OF MODERNISM
BOYDELL, 2011

Jack Lawson
CARL NIELSEN (20TH CENTURY COMPOSERS)
PHAIDON, 1997

Roger Nichols
RAVEL
YALE UNIVERSITY PRESS, 2013

Charles Youmans (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO RICHARD STRAUSS
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2010

Alex Ross
O RESTO É RUÍDO
COMPANHIA DAS LETRAS, 2009

INTERNET

WWW.CARLNIELSEN.ORG
WWW.MAURICE-RAVEL.NET
WWW.RICHARDSTRAUSS.AT
WWW.RICHARD-STRAUSS-SOCIETY.CO.UK

GUN-BRIT BARKMIN SOPRANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascida na Alemanha, Gun-Brit Barkmin estudou no Conservatório de Rostock e na Hochschule für Musik Carl Maria von Weber, em Dresden. Em 2000, estreou na Komische Oper de Berlim como Mimì, em *La Bohème*, de Puccini, e tornou-se cantora da companhia. Já se apresentou na Welsh National Opera, em Cardiff, na Ópera de Lyon, na Ópera de Viena, no Teatro Nacional de Praga, no Festival de Salzburgo e no Teatro Real de Madri. Em 2014, interpretou *Salomé* com a Orquestra da Ópera de Viena e com a Orquestra Sinfônica de Boston, ambas regidas por Andris Nelsons.

DENISE DE FREITAS MEZZO-SOPRANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JULHO DE 2014

Nascida em São Paulo, Denise de Freitas estudou canto com Lenice Prioli e se aperfeiçoou com Catherine Green e Patricia McCaffrey, nos Estados Unidos, e com Sylvia Sass, na França. Com a Osesp, apresentou-se na Sala São Paulo nas obras *El Sombrero de Tres Picos*, de Manuel de Falla, com o maestro Josep Pons, e duas vezes na *Sinfonia nº 9*, de Beethoven, com o maestro Rafael Frühbeck de Burgos e com a regente titular Marin Alsop. Compromissos recentes incluem *A Valquíria*, de Wagner, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e *Il Trovatore* e *Falstaff*, ambas de Verdi, no Theatro Municipal de São Paulo. Recebeu três prêmios Carlos Gomes: em 2004, 2009 e 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

RECITAIS OSESP

Recitais solo e programas de câmara em formato original: cadeiras no palco aproximam o público dos artistas, criando uma verdadeira sala de câmara dentro da Sala São Paulo

AGO

23 DOM 16H
NELSON GOERNER PIANO

SOLISTAS DA OSESP | Nova Geração
27 QUI 19H
29 SÁB 14H45
CRISTIAN BUDU PIANO
(SALA DO CORO)

SET

20 DOM 16H
ALUNOS DA ACADEMIA DA OSESP
EMMANUELE BALDINI REGENTE
MANUELA FREUA SOPRANO

NOV

22 DOM 16H
ARNALDO COHEN PIANO

PROGRAMAÇÃO SUJEITA A ALTERAÇÕES
MAIS INFORMAÇÕES: OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
APOIO BTG Pactual
REALIZAÇÃO ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

28 DOM 16H CORO DA OSESP

CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO REGENTE
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

JOHANN CHRISTOPH BACH [1642-1703]
Unsers Herzens Freude hat ein Ende [Teve Fim a Alegria de Nossos Corações] [S.D.]
8 MIN

DIOGO DIAS MELGAZ [1638-1700]
Primeira Lamentação de Quinta-Feira Santa [S.D.]
8 MIN

CLAUDIO MONTEVERDI [1567-1643]
Gloria a 8 [S.D.]
9 MIN

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA [1767-1830]
Ofício Fúnebre a Oito Vozes [S.D.]
35 MIN

PAISAGEM COM CAVALEIRO, DESENHO
DE JOHANN MORITZ RUGENDAS, 1828

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

MELGAZ

SACRED CHORAL MUSIC FROM SEVENTEENTH CENTURY PORTUGAL

The Sixteen

Harry Christophers, regente

COLLINS CLASSICS, 1996

MONTEVERDI

SACRED MUSIC (2 CDS)

Ensemble Concerto

Roberto Gini, regente

DYNAMIC, 2005

NUNES GARCIA

MATINAS DE FINADOS

Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro

Cleofe Person de Mattos, regente

FUNARTE / PROMEMUS, 1980

Este programa traz um panorama da textura a oito vozes na música dos séculos XVII e XVIII, utilizada por compositores desde o final do século XVI, principalmente a partir do desenvolvimento da policoralidade em Veneza. Uma das características desse estilo é a alternância de blocos harmônicos vocais, numa perspectiva de espacialidade sonora.

Johann Christoph Bach, primo remoto de Johann Sebastian Bach (1685-1750), foi um dos integrantes da importante família de músicos que atuou na Alemanha a partir do século XVI. Desenvolveu sua atividade profissional em Eisenach, onde atuou como organista e músico da corte. Seu moteto "Unsers Herzens Freude hat ein Ende" [Teve Fim a Alegria de Nossos Corações] é feito a partir dos versículos 15 e 16 do capítulo 5 das *Lamentações de Jeremias*. Sua técnica composicional, nesta obra, envolve a criação de motivos diversos para diferentes trechos do texto, que passam a ser combinados a partir da segunda seção.

O padre Diogo Dias Melgaz é o último representante da linhagem de polifonistas portugueses do século XVII, que inclui Manuel Cardoso (1566-1650), Duarte Lobo (*c.* 1565-1646) e Filipe de Magalhães (*c.* 1571-1652), além de tantos outros, todos pouco difundidos no Brasil. Melgaz foi mestre de capela da Sé de Évora. Em suas composições, estão presentes as características dessa polifonia austera, mas também traços de elementos barrocos. A *Primeira Lamentação de Quinta-Feira Santa* traz parte do texto utilizado na "Primeira Lição" das *Matinas de Quinta-Feira Santa*, extraído também das *Lamentações de Jeremias*. A obra alterna texturas imitativas e homófonas, algumas bem dissonantes, como é do estilo desse repertório, classificado como maneirista.

O compositor italiano Claudio Monteverdi é um marco na transição da música renascentista do século XVI para a do pré-barroco do século XVII, ou das chamadas *prima pratica* para *seconda pratica*, termos utilizados pelo próprio compositor em suas incursões teóricas. É vasta sua obra, constituída por madrigais, música sacra e ópera, sendo ele um dos precursores e consolidadores desse último gênero. Seu *Gloria a 8* foi descoberto recentemente, consignado num manus-crito originário de Nápoles. A obra trata o texto do ordinário da missa dentro do estilo *concertato*, alternando seções para todas as vozes com outras para grupos solistas.

O padre mulato carioca José Maurício Nunes Garcia é considerado o mais importante compositor do chamado período colonial brasileiro, tendo sido mestre de capela da Sé do Rio de Janeiro, a partir de 1798, e mestre da Capela Real, a partir de 1808. Seu *Ofício Fúnebre a Oito Vozes*, composto em data desconhecida, é uma das suas obras-mestras. Este ofício estaria provavelmente associado com um *Réquiem em Fá Menor*, obra, entretanto, perdida.

O *Ofício* é composto por nove responsórios, subdivididos cada um em responsos e versos, com os responsos sempre escritos para oito vozes e os versos, para quatro vozes. A transmissão textual da obra é complexa, sendo conhecida apenas a partir de cópias do século XIX. Os problemas textuais envolvem, principalmente, a colocação do texto litúrgico e das dinâmicas. A edição utilizada foi feita por mim, a partir da cópia de Bento das Mercês (1804-5/87), produzida em data desconhecida. Trata-se de uma edição musicológica, com elementos críticos no que diz respeito a alturas, durações e colocação do texto litúrgico, mas sem excluir aspectos práticos, a partir de minha concepção interpretativa da obra.

CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO

SUGESTÕES DE LEITURA

Claudio Monteverdi
CARTAS DE CLAUDIO MONTEVERDI
EDITORA UNESP, 2011

José Augusto Alegria
DIOGO DIAS MELGAZ – OPERA OMNIA (COLEÇÃO PORTUGALIAE MUSICA)
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1978

Denis Arnold e Nigel Fortune (orgs.)
THE NEW MONTEVERDI COMPANION
FABER FABER, 1985

Cleofe Person de Mattos
JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA: BIOGRAFIA
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1997

INTERNET

WWW.BACHONBACH.COM
WWW.JOSEMAURICIO.COM.BR

CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO REGENTE

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido no Rio de Janeiro, Carlos Alberto Figueiredo estudou regência coral com Frans Moonen, no Conservatório Real de Haia, e fez cursos complementares com Jan Eelkema e Rainer Wakelkamp, na Fundação Kurt Thomas da Holanda. Estudou com Helmuth Rilling, na Bachakademie de Stuttgart, e repertório barroco com Philippe Caillard, em Paris. Participou de diversos projetos de edição de partituras brasileiras e é autor do catálogo *Música Sacra e Religiosa Brasileira - Obras dos Séculos XVIII* e *XIX* (disponível em www.musicasacrabrasileira.com.br) e do livro *Música Sacra e Religiosa Brasileira dos Séculos XVIII* e *XIX - Teorias e Práticas Editoriais* (Edição do Autor, 2014). É professor da UniRio e regente do Coro de Câmara Pro-Arte, com o qual gravou *José Maurício Nunes Garcia* (Pro-Arte, 1994) e *Missa de São Pedro de Alcântara - 1809* (Pro-Arte, 1998).

NAOMI MUNAKATA REGENTE HONORÁRIA

Regente Honorária do Coro da Osesp — título que recebeu em 2014 —, Naomi Munakata iniciou seus estudos musicais ao piano aos quatro anos de idade e começou a cantar aos sete, no coral regido por seu pai, Motoi Munakata. Estudou ainda violino e harpa. Formou-se em Composição e Regência em 1978, pela Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo, na classe de Roberto Schnorrenberg. A vocação para a regência começou a ser trabalhada em 1973, com os maestros Eleazar de Carvalho, Hugh Ross, Sérgio Magnani e John Neschling. Anos depois, essa opção lhe valeria o prêmio de Melhor Regente Coral, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Estudou ainda regência, análise e contraponto com Hans-Joachim Koellreutter. Como bolsista da Fundação Vitae, foi para a Suécia estudar com o maestro Eric Ericson. Em 1986, recebeu do governo japonês uma bolsa de estudos para aperfeiçoar-se em regência na Universidade de Tóquio. Foi diretora da Escola Municipal de Música de São Paulo, diretora artística e regente do Coral Jovem do Estado, regente assistente do Coral Paulistano e professora na Faculdade Santa Marcelina e na Faam.

CORO DA OSESP

A combinação de um grupo de cantores de sólida formação musical com a condução de uma das principais regentes brasileiras faz do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. À frente do grupo, Naomi Munakata tem regido também obras consagradas, que integram o cânone da música ocidental. Criado como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo em 1994, passou a se chamar Coro da Osesp em 2001. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital).

mood3

AONDE A MÚSICA CHEGA, ABRE CAMINHOS.

A CCR está há 16 anos trazendo inovação e modernidade para a infraestrutura brasileira e para o desenvolvimento cultural do Brasil, apoiando, por meio do Instituto CCR, projetos como o da Osesp, que há 60 anos valoriza e desenvolve a nossa música. É assim que o Instituto CCR abre caminhos também pela cultura.

Saiba mais em:

www.institutoccr.com.br

Instituto CCR
Abrindo caminhos

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

JUL

2 QUI 21H CEDRO
3 SEX 21H ARAUCÁRIA
4 SÁB FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO
5 DOM 16H MOGNO

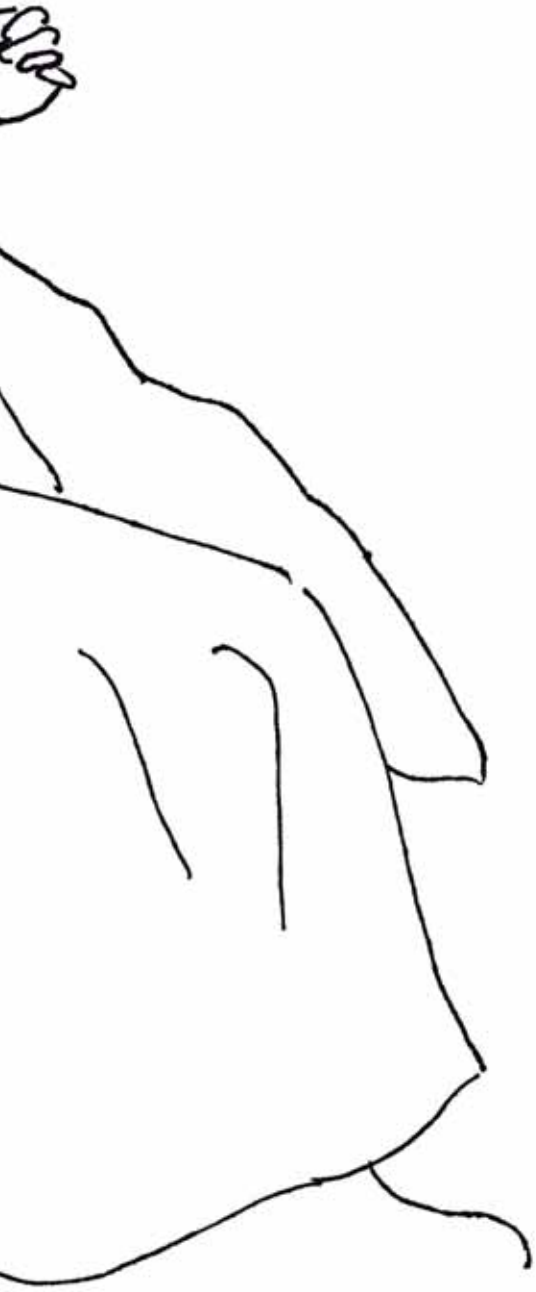
MARIN ALSOP REGENTE
JENNIFER KOH VIOLINO
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE

GIOVANNI GABRIELI [C. 1555-1612]
Canzon XVI [1615]
3 MIN
Canzon IX [1615]
3 MIN

ANNA CLYNE [1980]
The Seamstress [A Costureira] [ESTREIA LATINO-AMERICANA]
23 MIN

GUSTAV HOLST [1874-1934]
Os Planetas, Op.32 [1914-6]
- Mars, The Bringer of War [Marte, o Portador da Guerra]
- Venus, The Bringer of Peace [Vênus, o Portador da Paz]
- Mercury, The Winged Messenger [Mercúrio, o Mensageiro Alado]
- Jupiter, The Bringer of Jollity [Júpiter, o Portador da Alegria]
- Saturn, The Bringer of Old Age [Saturno, o Portador da Idade]
- Uranus, The Magician [Urano, o Mago]
- Neptune, The Mystic [Netuno, o Místico]
51 MIN

DESENHO DE ANNA CLYNE



Felizmente, não são raras as oportunidades que um naipe de metais tem para brilhantemente abrir um concerto sinfônico. Na Osesp, os instrumentistas de metal e seus colegas da percussão já iniciaram diversos concertos. Talvez o momento de maior destaque tenha sido em 2013, na apresentação no festival BBC Proms, em Londres, quando interpretamos duas fanfarras (de Aaron Copland e Joan Tower). É com muita alegria que os metais da Osesp abrirão novamente os concertos da semana, agora com duas *canzone* de Giovanni Gabrieli.

A menção do nome do compositor italiano traz à lembrança a antológica gravação do disco *The Antiphonal Music of Gabrieli*, que uniu os instrumentistas de metal das orquestras de Boston, Chicago, Cleveland e Filadélfia, em 1968.

Giovanni e seu tio Andrea Gabrieli (1532/3-85) foram importantes compositores e destacadas figuras públicas na cosmopolita Veneza do século XVI. Luxo e cerimônia eram elementos comuns à vida social da cidade, e a Basílica de São Marcos ocupava lugar central nas atividades religiosas e cívicas. Tanto a beleza arquitetônica quanto a funcionalidade espacial devem ter servido de inspiração para as composições de Gabrieli, que usou a acústica do ambiente para posicionar grupos de instrumentistas e cantores em diferentes partes da catedral. O estilo composicional dos Gabrieli foi o ápice da música antífona e policoral e influenciou compositores de vários países.

É importante também destacar que as vozes agudas das *canzone* não foram escritas para os trompetes da época, mas sim para os *cornetts* — instrumentos de madeira tocados com bocais —, que possibilitavam a execução de passagens cromáticas. As vozes graves eram tocadas por *sackbuts* [sacabuxas], parentes não tão distantes dos atuais trombones.

Contrastes de dinâmica, intensidade rítmica e clareza nas articulações são elementos vitais para uma boa execução da música de Gabrieli. No entanto, essas características não traduzem totalmente a atmosfera que o instrumentista de metal deve buscar, muito bem descrita por Mary Rasmussen como "simples, mas esplêndida; altiva, mas piedosa".[1]

FERNANDO DISSENHA é primeiro trompete solista da Osesp e doutorando em Musicologia na Universidade de São Paulo.

1. In: Gabrieli, Giovani. *Canzon Noni Toni*. Paris: Alfonse Leduc, s. d.

The Seamstress [A Costureira] é um balé imaginário em um ato. Sozinha no palco, a costureira está sentada, desenrolando fios de um tecido antigo, que gentilmente repousa em seu colo. Ela está perdida em seus pensamentos; sua mente vagueia, sua imaginação se desdobra numa série de cinco contos que vão do amor ao desespero, combinando memória e fantasia.

ANNA CLYNE. Tradução de Rogério Galindo.

A londrina Anna Clyne recebeu encomendas das orquestras Filarmônica de Los Angeles e London Sinfonietta e foi Compositora Residente no Festival de Música Contemporânea de Cabrillo, na Califórnia, no 45º Festival de Campos de Jordão, em 2014, e na Temporada 2014-5 da Sinfônica de Chicago.

The Seamstress [A Costureira] estreou em 28 de maio de 2015, com a Sinfônica de Chicago e a violinista Jennifer Koh, sob regência de Ludovic Morlot. A peça foi inspirada no poema *Uma Manta*, de W. B. Yeats, reproduzido abaixo, na tradução de Paulo Vizioli, que integra a antologia *W. B. Yeats: Poemas* (Companhia das Letras, 1992).

Para o meu canto fiz manta
Bordada com fantasias
De antigas mitologias
Do calcanhar à garganta;
E os tolos em seu proveito
Exibiram sua beleza
Como se a tivessem feito.
Canção, aceita o ocorrido:
Existe maior proeza
No andar despido.

I made my song a coat
Covered with embroideries
Out of old mythologies
From heel to throat;
But the fools caught it,
Wore it in the world's eyes
As though they'd wrought it.
Song, let them take it,
For there's more enterprise
In walking naked.

William Butler Yeats

ANNA CLYNE

Assim como acontece com obras como *Carmina Burana*, de Carl Orff, e *Bolero*, de Maurice Ravel, a suíte *Os Planetas*, do compositor inglês Gustav Holst tem sido regularmente programada nas séries de concerto mundo afora, mesmo sem nunca ter feito parte do restrito rol das criações que revolucionaram a música de seu tempo e que, ainda hoje, são objetos de ensaios e estudos acadêmicos. Tal fato se deve, em grande medida, à íntima relação que se estabelece entre músicos e ouvintes, uma relação que não necessita de qualquer intermediação. Em *Os Planetas*, as massas sonoras produzidas pela orquestra atingem, impactam e envolvem, sem restrições, os corpos e ouvidos da audiência. Como se traduzisse a imponência dos astros celestes aos quais se refere, a força da obra se manifesta antes de tudo por meio de sua própria natureza musical mais crua — pelo som.

À época da composição da peça, em meio à eclosão da Primeira Guerra Mundial, Holst optou por uma temática e por soluções composicionais que evitavam tanto o enfrentamento dos nacionalismos geopolíticos quanto o caminho mais acirrado da emergente modernidade da música dos anos 1910. Ao invés de se fiar às particularidades das músicas folclóricas de sua terra natal — como fizeram seus contemporâneos Igor Stravinsky (1882-1971), Béla Bartók (1881-1945) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959) —, Holst desloca a órbita de sua inspiração para a exploração poético-sonora de outros "lugares musicais": os planetas Marte, Vênus, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. De certo modo, o compositor antecipa uma tendência que viria a ser corrente na década de 1960, a década da corrida espacial. São dos anos 1960, por exemplo, *Atmosphères*, de György Ligeti (utilizada como trilha no filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick), e a suíte *Interstellar Space*, do saxofonista John Coltrane, que também apresenta nomes de planetas como movimentos.

"Marte, o Portador da Guerra" abre a suíte numa ambientação propriamente "marcial" que se desenvolve ancorada por ciclos rítmicos de cinco tempos, antecipando soluções que seriam encontradas por Ravel na composição de seu *Bolero*, de 1928. A harmonia joga com efeitos de bitonalidade, em que a luta pela preponderância entre centros gravitacionais opostos explicita a insolubilidade das tensões em tempos de guerra. Se há, reconhecidamente, indícios mesmo que tênues da influência de Henry Purcell e Richard Wagner na escrita de Holst, as esquisitices de Modest Mussorgsky parecem, por outro lado, lições organicamente absorvidas. É possível relacionar *Os Planetas* com vários momentos de *Quadros de Uma Exposição*, especialmente na orquestração de Ravel, de 1922.

"Vênus, o Portador da Paz" vem como suave resposta, em andamento lento (*adagio*), com intensidade sob controle (*piano*) e densidade mais rarefeita (massas sonoras mais difusas). Nos primeiros compassos, ouve-se apenas uma trompa solo em diálogo com quatro flautas e três oboés. Dois clarinetes se juntam ao desfile, mais trompas, harpas e celesta. As frequências graves são raras, e trombones e trompetes, ausentes.

Cumprindo a função de um terceiro movimento clássico — após o *allegro* inicial e o *adagio* subsequente —, "Mercúrio, o Mensageiro Alado" surge em figurações ternárias levemente dançadas, jogos harmônicos, escalas um pouco mais exóticas, com espaço para conversas entre os naipes (madeiras *versus* cordas). A volta do trompete é sutil, quase sempre absorvida nas texturas amalgamadas.

O quarto planeta é "Júpiter, o Portador da Alegria". A grandiosidade do astro é traduzida numa orquestração densa. Uma seção interna em *andante* funde um sexteto de trompas às cordas em uníssono, revelando um colorido orquestral que mais de um século depois continua sendo extensamente utilizado como referência para trilhas de cinema.

Se "Júpiter" recupera a grandiosidade de "Marte", o movimento seguinte — "Saturno" — dialoga com as nuances suaves de "Vênus", incorporando agora peso e movimento às frequências graves. Na mesma linha de reflexos e espelhos, o penúltimo movimento — "Urano, o Mago" — dialoga com as danças de "Mercúrio", agregando maior ímpeto.

A última seção é reservada a "Netuno, o Místico", o último planeta do sistema solar. Holst reserva as sutilezas mais delicadas para os derradei-

ros sons da peça, um decrescendo quase absoluto em vozes femininas ao longe, como se depois de tudo dito, restasse silêncio e talvez algo ainda a dizer. Poderia ser a Terra, sem música e sem lugar, eclipsada em seu sistema, esquecida em suas guerras internas.

SERGIO MOLINA é doutor em Musicologia pela ECA-USP e professor da Faculdade Santa Marcelina e da Universidade Anhembi Morumbi.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

GABRIELI

THE ANTIPHONAL MUSIC OF GABRIELI

The Philadelphia Brass Ensemble

The Cleveland Brass Ensemble

The Chicago Brass Ensemble

The Boston Brass Ensemble

Richard Burgin, regente

E. Power Biggs, órgão

SONY CLASSICAL, 1996

HOLST

THE PLANETS

Chicago Symphony Orchestra

James Levine, regente

DEUTSCHE GRAMMOPHON, 1991

London Symphony Orchestra

Sir Colin Davis, regente

LSO LIVE, 2003

SUGESTÕES DE LEITURA

Giuseppe Clericetti (org.)

ADREA GABRIELI: CESSATE CANTUS: LETTERE 1557-1585

ZECCHINI, 2014

Michael Short

GUSTAV HOLST: THE MAN AND HIS MUSIC

CIRCAIDY GREGORY, 2014

INTERNET

WWW.ANNACLYNE.COM

WWW.GUSTAVHOLST.INFO

MARIN ALSOP

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

Regente titular da Osesp desde 2012, a nova-iorquina Marin Alsop foi a primeira mulher a receber o Koussevitzky Conducting Prize do Tanglewood Music Center, onde foi aluna de Leonard Bernstein. Formada pela Universidade de Yale, é diretora musical da Sinfônica de Baltimore desde 2007. Lidera atividades educacionais que atingem mais de 60 mil alunos: em 2008, lançou o OrchKids, programa destinado a prover educação musical, instrumentos e orientação aos jovens menos favorecidos da cidade. Como regente convidada, apresenta-se regularmente com a Filarmônica de Nova York, a Orquestra de Filadélfia, a Sinfônica de Londres e a Filarmônica de Los Angeles, entre outras. Em 2003, foi a primeira artista a receber, no mesmo ano, o Conductor Award, da Royal Philharmonic Society, e o título de Artista do Ano, da revista *Gramophone*. Em 2005, foi a primeira regente a receber a prestigiosa bolsa da Fundação MacArthur e, em 2013, a primeira a reger a "Last Night of The Proms" do festival londrino promovido pela BBC. Foi escolhida pela rede CNN como uma das sete mulheres de mais destaque no mundo, no ano de 2013, e, em setembro de 2014, tornou-se membro honorário da Royal Philharmonic Society.

JENNIFER KOH VIOLINO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM JULHO DE 2013

Nascida em Chicago, Jennifer Koh fez sua estreia com a Sinfônica de Chicago aos 11 anos. Além de formada em Literatura Inglesa pelo Conservatório de Oberlin, estudou no Instituto Curtis, onde trabalhou com Jaime Laredo e Felix Galimir. Vencedora do Concurso Internacional Tchaikovsky (1995), em Moscou, do concurso do Concert Artists Guild e do Avery Fisher Career Grant, tem se apresentado com importantes maestros e orquestras, entre as quais as filarmônicas de Los Angeles e Nova York, a National Symphony, de Washington, a Sinfônica da BBC de Londres e a Orquestra do Teatro Mariinsky, com a qual fez a estreia russa do *Concerto Para Violino*, de Ligeti, regido por Valery Gergiev.

NAOMI MUNAKATA REGENTE HONORÁRIA

Ver pág. 54

CORO DA OSESP

Ver pág. 54

CREDIT SUISSE

Qual o som do compromisso com a música?

O Credit Suisse também ouve atentamente, quando se trata de música clássica.
É por isso que somos, com muito orgulho, patrocinadores da OSESP.

credit-suisse.com/sponsoring

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

SALA SÃO PAULO

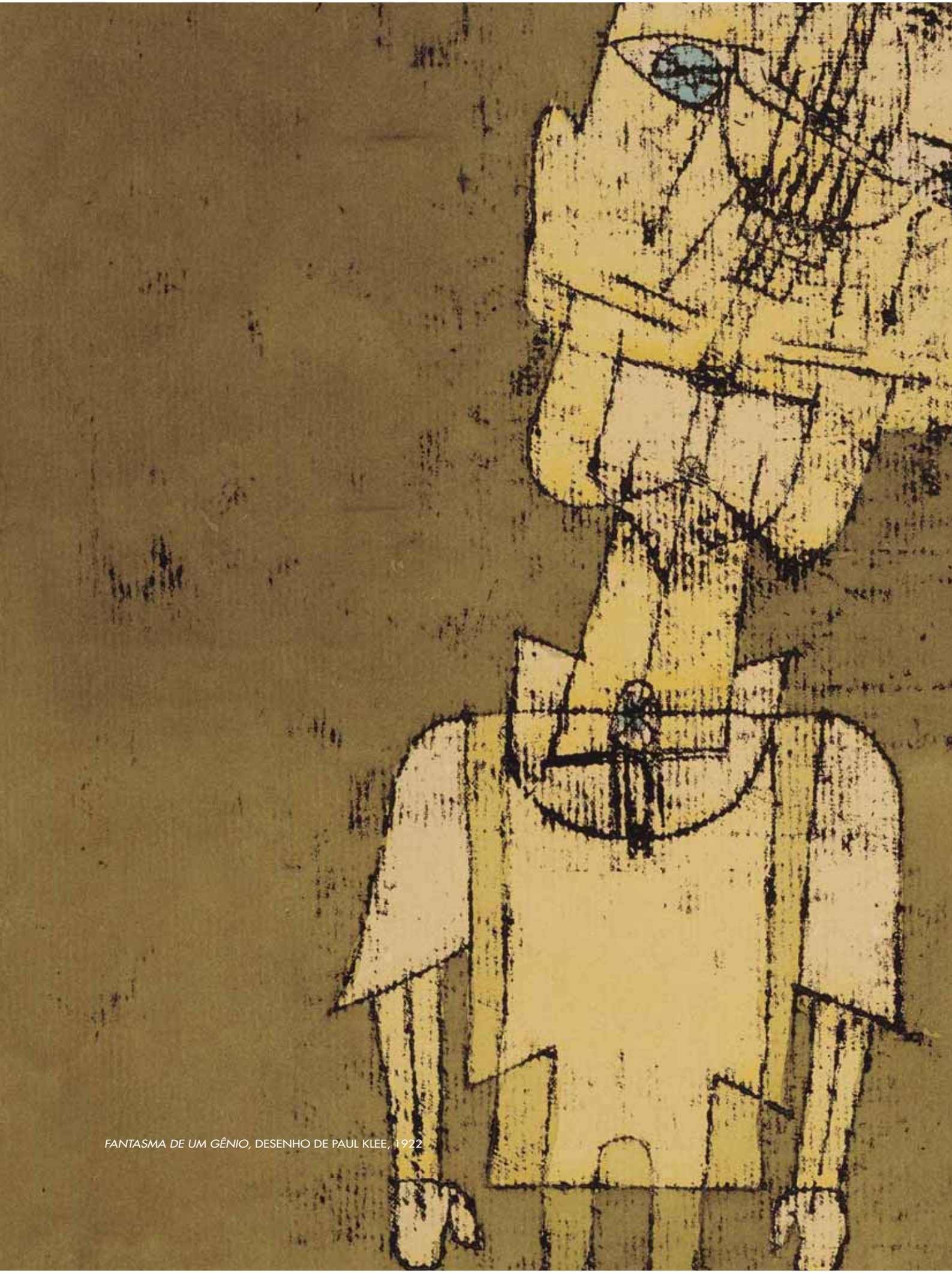
REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA



FANTASMA DE UM GÊNIO, DESENHO DE PAUL KLEE, 1922

9 QUI 21H PAU-BRASIL
10 SEX 21H SAPUCAIA
11 SÁB FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO
12 DOM 16H JEQUITIBÁ

MARIN ALSOP REGENTE
MATTHIAS GOERNE BARÍTONO

JOHANNES BRAHMS [1833-97]
Abertura Trágica, Op.81 [1880]
12 MIN

GUSTAV MAHLER [1860-1911]
Des Knaben Wunderhorn [A Trompa Mágica do Menino] [1892-1901]
- Zu Straßburg auf der Schanz [Nas Trincheiras de Estrasburgo] [Orq. Luciano Berio]
- Nicht wiedersehen [Não Nos Reveremos] [Orq. Luciano Berio]
- Das irdische Leben [A Vida Mundana]
Kindertotenlieder [Canções Fúnebres Infantis] [1901-4]
- Nun seh' ich wohl, warum so dunkle Flammen
[Agora Vejo Bem Por Que Tão Sombrias Flamas]
Des Knaben Wunderhorn [A Trompa Mágica do Menino] [1892-1901]
- Urlicht [Luz Primeva]
Lieder und Gesänge [Canções e Cantos] [1880-1]
- Phantasie aus Don Juan [Fantasia Sobre Don Juan] [Orq. Luciano Berio]
Des Knaben Wunderhorn [A Trompa Mágica do Menino] [1892-1901]
- Revelge [Toque de Alvorada]
31 MIN

RICHARD STRAUSS [1864-1949]
O Cavaleiro da Rosa, Op.59: Suíte [1910]
- Prelúdio: Con Moto Agitato
- Apresentação da Rosa Prateada: Allegro Molto
- Valsa do Barão Ochs: Tempo di Valse
- "É um Sonho": Moderato e Molto Sostenuto
- Valsa Mais Rápida: Molto Con Moto
22 MIN

Brahms consagrou-se como um dos grandes defensores da chamada "música pura", que não precisaria se apoiar em narrativas literárias (ou de qualquer ordem) para "fazer sentido". Não espanta que a escolha de títulos para suas poucas obras que fogem da simples catalogação por número de *opus* (ou sequência de obras em determinado gênero) tenha sido sempre algo fortuita.

Em 1879, Brahms recebeu da Universidade de Breslau (atual Wroclaw, na Polônia), o título honorário de doutor em Filosofia. No verão do ano seguinte, em retribuição à homenagem, compôs uma abertura sinfônica de espírito leve, que chamou de *Abertura do Festival Acadêmico,* Op.80. Em carta, o compositor perguntou a seu velho amigo Bernhard Scholz, diretor da sociedade sinfônica de Breslau: "Não gosto muito do título, você teria algum outro para propor?".

Poucos meses depois de compor seu Op.80, Brahms escreveu uma nova abertura, de caráter oposto. Mais uma vez, escreveu a Scholz, apresentando a recente criação: "É uma abertura 'Dramática', ou 'Trágica', ou 'Fúnebre'. Veja que, mais uma vez, sou incapaz de encontrar um título — pode me ajudar?" Sem solução melhor, o Op.81 acabou ficando conhecido como *Abertura Trágica*.

A peça inicia com dois acordes tocados pela orquestra completa; dois ataques secos, que surpreendem o ouvinte desatento. Os tímpanos rugem e as cordas em uníssono apresentam o vigoroso primeiro tema, marcado por uma certa ambiguidade harmônica e pela austeridade da orquestração. O segundo tema tem caráter mais lírico e é harmonizado com maestria, garantindo o contraste característico da forma-sonata. Brahms desacelera o andamento e propõe um desenvolvimento em ritmo de marcha, numa seção central de extrema delicadeza. A recapitulação não abandona o clima camerístico do desenvolvimento e os elementos dramáticos (ou "trágicos") reaparecem apenas na *coda*, garantindo um desfecho enfático.

RICARDO TEPERMAN é editor da *Revista Osesp* e doutorando no Departamento de Antropologia Social.

RICHARD STRAUSS EM LONDRES, 1914

Logo após a estreia de *Elektra*, em 1909, Richard Strauss, cansado de tragédias em forma de ópera, afirmou: "Da próxima vez, escreverei uma comédia mozartiana." Ele encomendou um texto sob medida a seu libretista Hugo von Hofmannsthal, que criou uma saborosa comédia romântica ambientada na Viena da imperatriz Maria Teresa.

A Marechala, senhora da alta aristocracia, tem um amante bem mais jovem do que ela, o conde Octavian, recém-saído da adolescência. O primo da Marechala, o barão Ochs, homem grosseiro e aproveitador, está arruinado, e resolve pedir a mão de Sophie, filha de um comerciante burguês que aspira à nobreza. Para concretizar o noivado, é preciso que um jovem nobre represente o noivo na cerimônia da entrega da rosa de prata, que formaliza o pedido e sua aceitação. Atendendo ao primo, a Marechala designa Octavian como o Cavaleiro da Rosa. Quando Octavian conhece a pequenina e delicada Sophie — são praticamente da mesma idade —, ambos se apaixonam. Após muitas peripécias, em meio às quais o barão metido a conquistador barato é ridicularizado, Sophie e Octavian se casam, enquanto a Marechala, mais velha, se afasta.

Estreada em Dresden em 1911, a partitura de *O Cavaleiro da Rosa* é repleta de valsas irresistíveis, que a fazem deliciosa. Strauss utiliza com uma elegância raras vezes repetida a técnica do *leitmotiv*. Graças à riqueza de seus jogos de timbres e acordes ousados, o compositor permite à orquestra grandes exibições de virtuosismo.

Atribui-se a compilação da suíte de *O Cavaleiro da Rosa* a Artur Rodzinski (1892-1958), diretor artístico da Filarmônica de Nova York, que dirigiu a estreia da peça em 5 de outubro de 1944. No entanto, alguns pesquisadores afirmam que quem realmente a elaborou teria sido seu assistente na ocasião, Leonard Bernstein (1918-90).

A suíte se inicia da mesma forma que a ópera, com o erótico apelo da trompa, logo seguido pelas cordas fervilhantes, que descrevem o embate amoroso recém-terminado entre a Marechala e Octavian e seu subsequente diálogo. A seguir, vem a mágica da delicada música da apresentação da rosa, com cintilantes acordes no solo de violino e das flautas em companhia das harpas e da celesta, figurando a atração entre Sophie e Octavian.

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BRAHMS

SINFONIA Nº 1; ABERTURA TRÁGICA

Orquestra Sinfônica
do Estado de São Paulo

John Neschling, regente

BISCOITO FINO, 2008

SYMPHONY Nº 1; TRAGIC OVERTURE; ACADEMIC FESTIVAL OVERTURE

London Philharmonic Orchestra

Marin Alsop, regente

NAXOS, 2005

STRAUSS

DER ROSENKAVALIER

Filarmônica de Munique

Christian Thielemann, regente

Renée Fleming, soprano

Sophie Koch, soprano

Diana Damrau, soprano

Franz Hawlata, baixo

DECCA, 2012

MAHLER

DES KNABEN WUNDERHORN

Orquestra Real do Concertgebouw

Riccardo Chailly, regente

Barbara Bonney, soprano

Sara Fulgoni, mezzo soprano

Gösta Winbergh, tenor

Matthias Goerne, barítono

DECCA, 2003

LIEDER

Filarmônica de Viena

Pierre Boulez, regente

Anne Sofie von Otter, soprano

Violeta Urmana, mezzo soprano

Thomas Quasthoff, barítono

DEUTSCHE GRAMMOPHONO, 2005

L

IEDER

Christian Gerhaher, barítono

Gerold Huber, piano

RCA, 2010

Depois de um pouco de turbulência orquestral representando a fúria de Ochs ao saber que Octavian é seu concorrente, vem o momento da famosa valsa do segundo ato, associada a Ochs — quando ele afirma à assustada Sophie: "Comigo, nenhuma noite será longa demais para você". O tema é o cartão de visitas da ópera.

Uma evocação do início agitado do segundo ato serve de ponte para a melodia de "Ist ein Traum" [É um Sonho], o famoso trio Marechala-Sophie-Octavian, logo seguido pelo dueto entre os dois jovens enamorados que finaliza a ópera. A suite se encerra, então, com uma *coda* que traz o tema de uma valsa ouvida no início do terceiro ato.

SERGIO CASOY é autor de *Ópera em São Paulo: 1952-2005* (Edusp, 2007), *Óperas e Outros Cantares* (Perspectiva, 2006), *A Invenção da Ópera ou a História de um Engano Florentino* (Algol, 2007), entre outros livros. Produz e apresenta, diariamente, na Rádio Cultura FM, o programa *Bravo*, dedicado ao canto lírico.

MARIN ALSOP

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

Regente titular da Osesp desde 2012, a nova-iorquina Marin Alsop foi a primeira mulher a receber o Koussevitzky Conducting Prize do Tanglewood Music Center, onde foi aluna de Leonard Bernstein. Formada pela Universidade de Yale, é diretora musical da Sinfônica de Baltimore desde 2007. Lidera atividades educacionais que atingem mais de 60 mil alunos: em 2008, lançou o OrchKids, programa destinado a prover educação musical, instrumentos e orientação aos jovens menos favorecidos da cidade. Como regente convidada, apresenta-se regularmente com a Filarmônica de Nova York, a Orquestra de Filadélfia, a Sinfônica de Londres e a Filarmônica de Los Angeles, entre outras. Em 2003, foi a primeira artista a receber, no mesmo ano, o Conductor Award, da Royal Philharmonic Society, e o título de Artista do Ano, da revista *Gramophone*. Em 2005, foi a primeira regente a receber a prestigiosa bolsa da Fundação MacArthur e, em 2013, a primeira a reger a "Last Night of The Proms" do festival londrino promovido pela BBC. Foi escolhida pela rede CNN como uma das sete mulheres de mais destaque no mundo, no ano de 2013, e, em setembro de 2014, tornou-se membro honorário da Royal Philharmonic Society.

MATTHIAS GOERNE BARÍTONO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Matthias Goerne nasceu em Weimar, na Alemanha, e estudou com Hans-Joachim Beyer, Elisabeth Schwarzkopf e Dietrich Fischer-Dieskau. Como solista, já se apresentou em casas como Royal Opera House (Covent Garden), em Londres, Teatro Real de Madri, Ópera de Paris, Ópera de Viena e Metropolitan, em Nova York. Também cantou com as orquestras Sinfônica Nacional (Washington), de Paris, Gewandhaus (Leipzig), Filarmônica de Hong Kong e Sinfônica da NHK (Tóquio). Sua estreia operística foi como Papageno, em *A Flauta Mágica*, de Mozart, em 1997, no Festival de Salzburgo. Em 2001, foi nomeado membro honorário da Academia Real de Música de Londres e tornou-se professor honorário de interpretação na Academia de Música Robert Schumann, em Düsseldorf, cargo que ocupou até 2005.

SUGESTÕES DE LEITURA

Michael Musgrave (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO BRAHMS
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999

Michael Kennedy
RICHARD STRAUSS: MAN, MUSICIAN, ENIGMA
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2006

Charles Youmans (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO RICHARD STRAUSS
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2010

Lauro Machado Coelho
AS ÓPERAS DE RICHARD STRAUSS
PERSPECTIVA, 2007

José Miguel Wisnik
O SOM E O SENTIDO: UMA OUTRA HISTÓRIA DAS MÚSICAS
COMPANHIA DAS LETRAS, 1999

Arnold Schoenberg
HARMONIA
EDITORA UNESP, 2001

Norman Del Mar
RICHARD STRAUSS: A CRITICAL COMMENTARY OF HIS LIFE AND WORKS
Cornell University Press, 1986

Richard Strauss
RECOLLECTIONS AND REFLECTIONS
GREENWOOD PRESS, 1974

Jeremy Barham (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO MAHLER
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2007

INTERNET

WWW.JOHANNESBRAHMS.ORG
WWW.RICHARDSTRAUSS.AT
WWW.GUSTAV-MAHLER.ORG

PATROCÍNIO OFICIAL

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Bradesco Prime

46º

FESTIVAL DE INVERNO CAMPOS DO JORDÃO

Dr. Luís Arrobas Martins

O MAIOR FESTIVAL
DE MÚSICA CLÁSSICA
DA AMÉRICA LATINA

festivalcamposdojordao.art.br

APOIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

ProacSP
Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo

BNDES

cielo

PREFEITURA DE CAMPOS DO JORDÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

RNO DO JORDÃO

DE 4 DE JULHO
A 2 DE AGOSTO

PROMOÇÃO

FOLHA NÃO DÁ PRA NÃO LER. veja CBN

REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

ILUSTRAÇÃO DE ALEXANDER APSIT (1880-1943) PARA EDIÇÃO RUSSA DO *LIVRO DAS MIL E UMA NOITES*

23 QUI 21H CEDRO
24 SEX 21H ARAUCÁRIA
25 SÁB 16H30 MOGNO

GIANCARLO GUERRERO REGENTE
EWA KUPIEC PIANO

FRÉDÉRIC CHOPIN [1810-49]

Noturno em Lá Bemol Maior, Op.32 nº 2 [1837] [Orquestração de Stravinsky]

6 MIN

Valsa em Mi Bemol Maior, Op.18 - Grande Valsa Brilhante [1833] [Orquestração de Stravinsky]

5 MIN

Concerto nº 2 Para Piano em Fá Menor, Op.21 [1829-30]

- Maestoso
- Larghetto
- Allegro Vivace

30 MIN

NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV [1844-1908]

Sheherazade, Op.35 [1888]

- O Mar e o Navio de Simbad
- A Narrativa do Príncipe Kalender
- O Jovem Príncipe e a Jovem Princesa
- Festa em Bagdá. O Mar. Naufrágio Nas Rochas

42 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

CHOPIN (STRAVINSKY)

NOCTURNE OP. 32 N°2; WALTZ OP. 18

Filarmônica de Bergen

Andrew Litton, regente

BIS, 2012

PIANO CONCERTOS N°1 & N° 2

Orchestre Symphonique de Montréal

Charles Dutoit, regente

Martha Argerich, piano

EMI CLASSICS, 1999

RIMSKY-KORSAKOV

SHEHERAZADE

Kirov Orchestra

Valery Gergiev, regente

PHILIPS, 2002

Igor Stravinsky tinha 26 anos e era um dos mais talentosos pupilos de Rimsky-Korsakov (a quem considerava um segundo pai) quando recebeu de Sergei Diaghilev a encomenda para arranjar o *Noturno* Op. 32 nº 2 e a *Grande Valsa Brilhante*, de Chopin. As peças, originalmente escritas para piano, comporiam a trilha sonora do espetáculo *Les Sylphides* [As Sílfides], estreia da lendária companhia Ballets Russes em Paris, no ano de 1909.

Em seus estudos com Rimsky-Korsakov, a transcrição orquestral de piano solo havia sido um dos focos principais. A boa experiência transcrevendo Chopin garantiu o convite para musicar a produção seguinte de Diaghilev, *O Pássaro de Fogo*. O primeiro dos três balés que viriam a estabelecer Stravinsky entre os grandes da história nasceu, então, de certa forma, a partir da relação do russo com as partituras do polonês.

Considerado um orquestrador fraco pelos pares — entre eles Hector Berlioz (1803-1869) — e também por estudiosos, Frédéric Chopin dedicou sua energia criativa integralmente ao piano. Quase toda a produção foi direcionada para instrumento solo, e não há obras puramente sinfônicas em seu legado. O único flerte com a orquestra se deu pelos dois concertos para piano, numerados inversamente à data de estreia (a numeração segue a ordem de publicação).

A primeira apresentação do *Concerto nº 2* foi em 1830, com o próprio compositor ao piano. A orquestração acumulou críticas por não apresentar usos inventivos dos instrumentos. O grande personagem é o piano, a orquestra assume posto secundário. Mas seria mesmo negativo a música se estabelecer em torno dos solos pianísticos? O público parece discordar.

Desde a estreia, a obra arranca aplausos efusivos das plateias. "O primeiro movimento recebeu um ou outro 'bravo'", relatou Chopin em carta a seu grande amigo Tytus Woyciechowski. "Mas os dois seguintes produziram grande efeito. Os muitos aplausos e 'bravos' vieram do fundo do coração", contou. Intensidade de sentimentos é uma marca especial do segundo movimento. Para alguns, ele expressaria o amor do compositor pela jovem cantora Constantia Gladkowska, que nunca se concretizou.

O Chopin do *Concerto nº 2* era o pianista-prodígio que já havia arrebatado a Polônia e agora entrava na maturidade. Aos 20 anos, ainda residia na terra natal e estava a poucos meses de empreender a mudança para a França, que mudaria para sempre o curso de sua vida.

Uma viagem sinfônica de tapete mágico pela antiga Pérsia. Assim já foi definida *Sheherazade*, de Rimsky-Korsakov, composta em 1888. A impressão de viagem viria da instrumentação, que traz para dentro da orquestra as narrativas fantásticas dos contos *As Mil e Uma Noites*, inspiradores da música.

A esposa do sultão, que recorre à contação de histórias para esticar seu prazo de vida (já que o marido costumava executar as mulheres após a primeira noite), é representada por um tema de violino solo, presente ao longo de toda a obra. Preste atenção à primeira menção à narradora, logo no começo do movimento inicial, delicadamente marcada pelo violino, acompanhado pela harpa.

O compositor reconhecido pelo talento como orquestrador preferiu classificar *Sheherazade* como suíte sinfônica por ter concebido os movimentos de forma programática, repletos de variações. Não seguiu as estruturas formais de uma sinfonia, mas buscou representar musicalmente quatro episódios dos contos que escolheu: "O Mar e o Navio de Simbad"; "A História do Príncipe Kalender"; "O Jovem Príncipe e a Jovem Princesa"; e "Festa em Bagdá. O Mar. Naufrágio Nas Rochas".

HELOÍSA FISCHER é empresária, jornalista, *podcaster* e *DJ*. É comentarista de música clássica da rádio CBN e fundadora do anuário *VivaMúsica!*.

SUGESTÕES DE LEITURA

Adam Zamoyski
CHOPIN: PRINCE OF THE ROMANTICS
HARPERCOLLINS, 2011

Jim Samson (org.)
THE CAMBRIDGE COMPANION TO CHOPIN
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1994

Edward W. Said
ORIENTALISMO: O ORIENTE COMO INVENÇÃO DO OCIDENTE
COMPANHIA DAS LETRAS, 2007

Richard Taruskin
ON RUSSIAN MUSIC
UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 2010

Nikolai Rimsky-Korsakov
MY MUSICAL LIFE
FABER & FABER, 1990

INTERNET

WWW.CHOPINPROJECT.COM

GIANCARLO GUERRERO REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM SETEMBRO DE 2014

Giancarlo Guerrero é diretor musical da Orquestra Sinfônica de Nashville e principal maestro convidado da Orquestra de Cleveland/Miami Residency. Em 2011, sua gravação pelo selo Naxos da *Sinfonia Metropolis* e de *Deus ex Machina*, de Michael Daugherty, com a Orquestra Sinfônica de Nashville, ganhou três prêmios Grammy, incluindo a categoria de Melhor Performance de Orquestra. Nas últimas temporadas, Guerrero apresentou-se com a Orchestre National du Capitole de Toulouse, as filarmônicas de Londres, da Radio France e de Copenhague, e as sinfônicas de Baltimore, Boston, Cincinnati, Dallas e da Rádio de Frankfurt, entre outras, além de reger regularmente a própria Osesp. Em 2012, 2013 e 2014, regeu também, com grande sucesso, a orquestra do Festival de Campos do Jordão.

EWA KUPIEC PIANO

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2010

Ewa Kupiec estudou na Academia de Música Chopin, em Varsóvia, e na Academia Real de Música, em Londres. Em 1992, venceu o Concurso de Música ARD na categoria "Duo Piano-Violoncelo". Já atuou como solista com as orquestras de Paris, Minnesota, Gewandhaus (Leipzig) e Gulbenkian, as filarmônicas de Munique, Dresden, Varsóvia, Real de Estocolmo e Real de Liverpool, e as sinfônicas de Melbourne e da cidade de Birmingham, além da própria Osesp. Trabalhou com regentes como Marin Alsop, Neeme Järvi, Xian Zhang, Sakari Oramo, Semyon Bychkov, Herbert Blomstedt, Krzysztof Penderecki, Marek Janowski e Stanislaw Skrowaczewski — com o qual gravou, em 2003, os *Concertos Para Piano*, de Chopin, pelo selo OEHMS Classics. Em 2013, lançou pela Sony a gravação das obras completas para piano solo de Lutoslawski. Em 2012, Kupiec apresentou recital no Festival de Campos de Jordão.

Inovar para fazer
sua vida melhor.

Esse é o nosso
espetáculo.

Temporada
2015 | OSESP

ULTRA

Extrafarma
Ipiranga
OXITENO
ULTRACARGO
ULTRAGAZ
especialista no que faz

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

GRUPO TRADICIONAL DE *JOROPO* (VENEZUELA, 1955)

30 QUI 21H JACARANDÁ
31 SEX 21H PEQUIÁ
1 AGO SÁB FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO
2 AGO DOM 16H IPÊ

GIANCARLO GUERRERO REGENTE
MANUEL BARRUECO VIOLÃO
IDWER ALVAREZ TENOR
JUAN TOMÁS MARTÍNEZ BARÍTONO
CORO DA OSESP
NAOMI MUNAKATA REGENTE
CORO ACADÊMICO DA OSESP
MARCOS THADEU REGENTE

DIETRICH BUXTEHUDE [1637-1707]
Chacona em Mi Menor, BuxWV 160 [c. 1670] [Orquestração de Carlos Chávez]
9 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Concerto Para Violão e Pequena Orquestra [1951]
- Allegro Preciso
- Andantino e Andante
- Cadência
- Allegro Non Troppo
18 MIN

ANTONIO ESTÉVEZ [1916-88]
Cantata Criolla - Florentino, o Que Cantou Com o Diabo [1954]
- Lento e Cadencioso
- Lento. Tenebroso
- Allegro Vivo
34 MIN

GRAVAÇÕES RECOMENDADAS

BUXTEHUDE

CHACONNE IN E MINOR

Orquestra Sinfônica
Simón Bolívar da Venezuela

Keri-Lynn Wilson, regente

DORIAN, 2007

VILLA-LOBOS

GUITAR CONCERTO

London Symphony Orchestra

André Previn, regente

Juliam Bream, violao

RCA VICTOR, 1993

CONCERTO PARA VIOLÃO E PEQUENA ORQUESTRA

Orquestra de Câmara
Jean-François Paillard

Jean-François Paillard, regente

Turíbio Santos, violão

ERATO, 1971

ESTÉVEZ

LA CANTATA CRIOLLA

Orquestra Sinfônica
Simón Bolívar da Venezuela

Eduardo Mata, regente

SONO LUMINUS, 1993

O organista e compositor Dietrich Buxtehude é um dos mais importantes representantes do barroco na música. Seu local de nascimento é contestado, mas sabe-se que cresceu em Helsingborg, então pertencente à Dinamarca (e hoje à Suécia). Filho de alemães, tem até hoje sua nacionalidade disputada por alemães e dinamarqueses. Afinal, a quem não interessaria poder incluir em seu cânone nacional um compositor admirado por ninguém menos que Händel e Bach?

De 1668 até sua morte, em 1707, Buxtehude foi organista da Marienkirche de Lübeck, onde organizou uma célebre série de apresentações musicais noturnas, conhecida como *Abendmusik*. O musicólogo Christoph Wolff conta que o jovem Bach teria andado cerca de 400 quilômetros de Arnstadt até Lübeck para ouvir Buxtehude e, como teria dito o compositor, "aprender algumas coisas de sua arte".[1]

Autor de mais de uma centena de peças vocais, Buxtehude também legou um importante conjunto de composições para órgão. A *Chacona em Mi Menor* é uma delas, e recebeu orquestração do célebre compositor mexicano Carlos Chávez (1899-1978). A chacona é uma forma simples, muito utilizada no barroco, e consiste numa série de variações melódicas sobre uma mesma progressão harmônica, apoiada por uma linha de baixo recorrente. Em sua versão orquestral, Chávez soube realçar a simplicidade e a beleza das melodias de Buxtehude.

RICARDO TEPERMAN é editor da *Revista Osesp* e doutorando no Departamento de Antropologia Social da FFLCH-USP.

1. Wolff, Christoph. *Johann Sebastian Bach: The Learned Musician*. Nova York: W. W. Norton, 2000, p. 9.

O *Concerto Para Violão* e *Pequena Orquestra* foi escrito em 1951 por um compositor experiente, de escrita madura, um Villa-Lobos que, no âmbito social, já havia passado pelos momentos de afirmação de brasilidade na Paris dos anos de 1920 e pela aliança com o governo Vargas nos idos de 1930. Tinha se tornado um artista reconhecido internacionalmente, colhendo, havia uma década, os frutos de sua produção.

Última obra que Villa-Lobos escreveu para o violão, o *Concerto* foi composto por solicitação do violonista espanhol Andrés Segovia (1893-1987). O primeiro encontro entre os artistas, ocorrido em Paris, em 1924, na casa da escritora portuguesa Olga Moraes Sarmento, tornou-se um episódio amplamente retratado pela bibliografia da música brasileira. A versão de Segovia pode ser lida numa importante publicação, a *Guitar Review* (nº 22, 1958), e a do compositor brasileiro foi recolhida nas anotações feitas por Hermínio Bello de Carvalho durante a palestra que Villa-Lobos proferiu no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (Rio de Janeiro, 1956).

Deixando de lado o aspecto anedótico desse encontro, deve-se ressaltar a importância da parceria para a literatura do violão. Em fins dos anos 1920, Villa-Lobos concluiu a série de *12 Estudos*, obra dedicada a Andrés Segovia. Trata-se de um marco na produção brasileira e internacional, tanto pela abordagem inovadora na técnica de execução do violão quanto pelo conteúdo musical que abarca um rico universo de elaborações melódico-harmônicas, pleno de imagens sonoras.

Essas diferentes experiências do compositor com o violão, instrumento que considerava seu "repositório de ideias", foram amalgamadas neste *Concerto*, inicialmente denominado *Fantasia Concertante Para Violão e Orquestra*. A mudança do título ocorreu depois que, atendendo mais uma vez à solicitação de Segovia, Villa-Lobos acrescentou uma cadência entre o segundo e o terceiro movimentos.

É sabido que o violonista participava ativamente do processo de finalização de obras que lhe eram dedicadas. O trecho da carta que endereçou ao compositor mexicano Manuel Ponce (1882-1948), sugerindo modificações no *Concierto Del Sur* (1941), deixa isso bem claro: "Pense, querido Manuel, numa cadência menos poética e mais brilhante no último movimento. Para a maioria do público ignaro, a cadência é como o dó de peito do tenor [...] — há quem vá só para isso".[1]

Passaram-se alguns anos até que Segovia estreasse o *Concerto* de Villa-Lobos nos Estados Unidos, em fevereiro de 1956, com a Orquestra Sinfônica de Houston, regida pelo compositor. Os três movimentos que compõem a obra foram pensados tendo em vista uma escrita orquestral equilibrada, que permitisse liberdade de expressão violonística a despeito dos problemas de projeção sonora característicos do instrumento. Ainda assim, não deixam de existir momentos em que a presença orquestral dificulta a compreensão da execução solista.

No primeiro movimento, "Allegro Preciso", destacam-se dois temas principais de caráter contrastante. O que abre a obra, essencialmente rítmico, permeia a construção de toda a primeira parte, sendo executado pelos diferentes naipes da orquestra. Durante o percurso, o violão apresenta elaborações técnicas que englobam arpejos, escalas e frases percussivas. Um novo tema, sutilmente enunciado pela orquestra, é então executado pelo solista. Trata-se de uma bela melodia, que insinua uma cantiga popular, apresentada nos diferentes graus da escala, em típicas progressões villa-lobianas. O movimento se conclui bruscamente com a retomada, sem muita preparação, do tema rítmico inicial.

O "Andantino e Andante" apresenta uma fatura delicada em que o violão, reiteradamente arpejado, conduz uma linha melódica que brota dos acordes, até a chegada do *andante*, quando a voz principal passa a ser enunciada pelos baixos do instrumento. A orquestra assume a condução melódica num clima de grande expressividade, que conduz à reapresentação do tema

1. Alcázar, Miguel. *The Segovia-Ponce letters*. Columbus: Orphée, 1989, p. 223.

ANDRÉS SEGOVIA E VILLA-LOBOS (S/D)

pelo solista. Chega-se assim à "Cadência", que retoma e elabora materiais temáticos apresentados anteriormente. Os aspectos virtuosísticos da parte solista ficam por conta das escalas descendentes, das frases percussivas resultantes da combinação de ligados articulando cordas soltas, até o ponto final, em que sobressaem acordes destacados por forte acentuação.

O último movimento, "Allegro Non Troppo", é essencialmente rapsódico, iniciando-se com um material rítmico executado pela orquestra, ao qual responde um violão continuamente arpejado, que irá retomar a rítmica inicial em blocos de acordes. Surge um novo tema, apresentado pela orquestra em andamento vivo, que conduz a uma seção em que os acordes do violão

dialogam com a melodia tocada pelo fagote. Um novo motivo, enunciado pelas cordas graves do instrumento, desemboca num material de grande dificuldade técnica para o solista, até a retomada final da linha melódica que sobressai dos acordes percussivos.

Trata-se de uma obra fundamental do repertório violonístico, amplamente registrada e apresentada nos quatro cantos do mundo pelos mais importantes intérpretes que se dedicam ao instrumento.

MÁRCIA TABORDA é professora de violão da Escola de Música da UFRJ e autora de *Violão e Identidade Nacional: Rio de Janeiro, 1830-1930* (Civilização Brasileira, 2011).

SUGESTÕES DE LEITURA

Kerala J. Snyder
DIETRICH BUXTEHUDE: ORGANIST IN LÜBECK
UNIVERSITY OF ROCHESTER PRESS, 2007

Paulo Renato Guérios
HEITOR VILLA-LOBOS: O CAMINHO SINUOSO DA PREDESTINAÇÃO
EDITORA FGV, 2003

Myriam Taubkin (org.)
VIOLÕES DO BRASIL
EDITORA SENAC SÃO PAULO, 2007

Fábio Zanon
VILLA-LOBOS (SÉRIE "FOLHA EXPLICA")
PUBLIFOLHA, 2009

INTERNET

WWW.MUSEUVILLALOBOS.ORG.BR

A *Cantata Criolla*, do compositor venezuelano Antonio Estévez, é uma das joias da música coral latino-americana. Inspirada por um poema do famoso escritor Alberto Arvelo Torrealba, a peça usa melodias, ritmos e instrumentos intimamente associados aos *Llanos* (região das grandes planícies) da Venezuela.

O poema "Florentino e o Diabo" tem raízes profundas no espírito popular venezuelano. Nessa narrativa mítica, o *llanero* reúne toda sua força interior para rejeitar o Diabo, vencendo o espírito das trevas com o simples uso da palavra e do canto. No movimento final, clímax da obra, a orquestra se transforma numa banda popular, cheia de harpas e maracas, apresentando a competição de canto no estilo *joropo*.

A peça combina magistralmente as modernas técnicas de composição com a música popular. Ela incorpora dois cantos gregorianos: a "Ave Maria" é identificada com Florentino (o *llanero*) e o "Dies Irae", intimamente relacionado à Missa dos Mortos, é ligado ao Diabo. Essa fantástica peça recentemente celebrou seu sexagésimo aniversário, e tenho a honra de reger o que será provavelmente sua estreia brasileira, com os fabulosos músicos e cantores da Osesp.

GIANCARLO GUERRERO. Tradução de Rogério Galindo.

GIANCARLO GUERRERO REGENTE

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM SETEMBRO DE 2014

Giancarlo Guerrero é diretor musical da Orquestra Sinfônica de Nashville e principal maestro convidado da Orquestra de Cleveland/Miami Residency. Em 2011, sua gravação pelo selo Naxos da *Sinfonia Metropolis* e de *Deus ex Machina*, de Michael Daugherty, com a Orquestra Sinfônica de Nashville, ganhou três prêmios Grammy, incluindo a categoria de Melhor Performance de Orquestra. Nas últimas temporadas, Guerrero apresentou-se com a Orchestre National du Capitole de Toulouse, as filarmônicas de Londres, da Radio France e de Copenhague, e as sinfônicas de Baltimore, Boston, Cincinnati, Dallas e da Rádio de Frankfurt, entre outras, além de reger regularmente a própria Osesp. Em 2012, 2013 e 2014, regeu também, com grande sucesso, a orquestra do Festival de Campos do Jordão.

MANUEL BARRUECO VIOLÃO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido em Cuba, Manuel Barrueco iniciou seus estudos aos oito anos, no Conservatório Esteban Salas. Em 1967, imigrou com a família para os Estados Unidos e estudou no Conservatório de Peabody. Já se apresentou em salas como Musikverein, em Viena, Concertgebouw, em Amsterdã, Royal Albert Hall, em Londres, Philharmonie, em Berlim, Teatro Real, em Madri, e Palau de la Música, em Barcelona. É artista em residência do Conservatório de Música de Porto Rico e da Universidade de Alicante, na Espanha. Sua gravação do *Concierto de Aranjuez*, de Joaquín Rodrigo, com a Orquestra Philharmonia sob regência de Plácido Domingo (EMI Classics, 1997) foi eleita a melhor de todos os tempos pela revista *Classic CD*.

IDWER ALVAREZ TENOR

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido na Venezuela, Idwer Alvarez estudou na Academia Latino-Americana de Canto Carmen Teresa Hurtado e também com Lucy Ferrero. Em 1994, venceu o Concurso Nacional de Canto Alfredo Hollander e, em 1995 e 1997, o Prêmio Casa del Artista, como melhor intérprete lírico masculino. Interpretou mais de 100 vezes a *Cantata Criolla*, de Antonio Estévez, no papel de Florentino, peça que também gravou, acompanhado pela Orquestra Sinfônica Simón Bolívar, sob regência de Eduardo Mata (Dorian, 2010). Interpretou El Remendado em *Carmen*, de Bizet, com a Orquestra Jovem Simón Bolívar da Venezuela, regida por Gustavo Dudamel, em 2009, e por *Sir* Simon Rattle, em 2010. É membro do grupo Solistas de Venezuela e da Companhia Nacional de Ópera Alfredo Sadel.

JUAN TOMÁS MARTÍNEZ BARÍTONO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Nascido na Venezuela, Juan Tomás Martínez iniciou seus estudos na Escola de Música Juan José Landaeta, com Isabel Palacios. Em 1983, obteve uma bolsa para continuar seus estudos na Universidade de Wisconsin e depois ingressou na Universidade da Flórida Central. Foi finalista da Luciano Pavarotti International Voice Competition, em 1995. Já participou de diversas produções operísticas no Teatro Villamarta (Espanha), no Festival Rossini, em Lugo (Itália), no Festival Internacional de Música da Galícia e no Festival de Verão de Madri.

NAOMI MUNAKATA REGENTE HONORÁRIA

Regente Honorária do Coro da Osesp — título que recebeu em 2014 —, Naomi Munakata iniciou seus estudos musicais ao piano aos quatro anos de idade e começou a cantar aos sete, no coral regido por seu pai, Motoi Munakata. Estudou ainda violino e harpa. Formou-se em Composição e Regência em 1978, pela Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo, na classe de Roberto Schnorrenberg. A vocação para a regência começou a ser trabalhada em 1973, com os maestros Eleazar de Carvalho, Hugh Ross, Sérgio Magnani e John Neschling. Anos depois, essa opção lhe valeria o prêmio de Melhor Regente Coral, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Estudou ainda regência, análise e contraponto com Hans-Joachim Koellreutter. Como bolsista da Fundação Vitae, foi para a Suécia estudar com o maestro Eric Ericson. Em 1986, recebeu do governo japonês uma bolsa de estudos para aperfeiçoar-se em regência na Universidade de Tóquio. Foi diretora da Escola Municipal de Música de São Paulo, diretora artística e regente do Coral Jovem do Estado, regente assistente do Coral Paulistano e professora na Faculdade Santa Marcelina e na Faam.

CORO DA OSESP

A combinação de um grupo de cantores de sólida formação musical com a condução de uma das principais regentes brasileiras faz do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. À frente do grupo, Naomi Munakata tem regido também obras consagradas, que integram o cânone da música ocidental. Criado como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo em 1994, passou a se chamar Coro da Osesp em 2001. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital).

A FOLHA É CONTRA AS COTAS RACIAIS. EU TAMBÉM.

"Não deve haver reserva de vagas a partir de critérios raciais, seja na educação, seja no serviço público. São bem-vindas, porém, experiências baseadas em critérios sociais objetivos, como renda ou escola de origem." Essa é a posição da Folha.

Concordando ou não, siga a Folha, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes.

#sigaafolha

folha.com.br/oqueafolhapensa

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Desde seu primeiro concerto, em 1954, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — Osesp — construiu uma trajetória de grande sucesso, tornando-se a instituição que é hoje. Reconhecida internacionalmente por sua excelência, a Orquestra é parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. Nos primeiros anos, foi dirigida pelo maestro Souza Lima e pelo italiano Bruno Roccella, mais tarde sucedidos por Eleazar de Carvalho (1912-96), que por 24 anos dirigiu a Orquestra e desenvolveu intensa atividade. Nos últimos anos sob seu comando, o grupo passou por um período de privações. Antes de seu falecimento, porém, Eleazar deixou um projeto de reformulação da Osesp. Com o empenho do governador Mário Covas, foi realizada a escolha do maestro que conduziria essa nova fase na história da Orquestra. Em 1997, o maestro John Neschling assume a direção artística da Osesp e, com o maestro Roberto Minczuk como diretor artístico adjunto, redefine e amplia as propostas deixadas por Eleazar. Em pouco tempo, a Osesp abre concursos no Brasil e no exterior, eleva os salários e melhora as condições de trabalho de seus músicos. A Sala São Paulo é inaugurada em 1999 e, nos anos seguintes, são criados os Coros Sinfônico, de Câmara, Juvenil e Infantil, o Centro de Documentação Musical, os Programas Educacionais, a editora de partituras Criadores do Brasil e a Academia de Música. As temporadas se destacam pela diversificação de repertório, e uma parceria com o selo sueco BIS e com a gravadora carioca Biscoito Fino garante a difusão da música brasileira de concerto. A criação da Fundação Osesp, em 2005, representa um marco na história da Orquestra. Com o presidente Fernando Henrique Cardoso à frente do Conselho de Administração, a Fundação coloca em prática novos padrões de gestão, que se tornaram referência no meio cultural brasileiro. Além das turnês pela América Latina (2000, 2005, 2007), Estados Unidos (2002, 2006, 2008), Europa (2003, 2007, 2010, 2012, 2013) e Brasil (2004, 2008, 2011), o grupo mantém desde 2008 o projeto Osesp Itinerante, pelo interior do estado de São Paulo, realizando concertos, oficinas e cursos de apreciação musical para mais de 70 mil pessoas. Indicada em 2008 pela revista *Gramophone* como uma das três orquestras emergentes no mundo às quais se deve prestar atenção e mais recentemente (2012) tema de destaque em publicações como o jornal *The Times* e a mesma *Gramophone*, a Osesp iniciou a temporada 2010 com a nomeação de Arthur Nestrovski como diretor artístico e do maestro francês Yan Pascal Tortelier como regente titular. Em fevereiro de 2011, o Conselho da Fundação Osesp anuncia a norte-americana Marin Alsop como nova regente titular da Orquestra por um período inicial de cinco anos, a partir de 2012. Também a partir de 2012, Celso Antunes assume o posto de regente associado da Orquestra. Neste mesmo ano, em sequência a concertos no festival BBC Proms, de Londres, e no Concertgebouw de Amsterdã, a Osesp é apontada pela crítica estrangeira (*The Guardian* e BBC Radio 3, entre outros) como uma das orquestras de ponta no circuito internacional. Lança também seus primeiros discos pelo selo Naxos, com o projeto de gravação da integral das Sinfonias de Prokofiev, regidas por Marin Alsop, e da integral das Sinfonias de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky. Em 2013, Marin Alsop é nomeada diretora musical da Osesp, e a orquestra realiza nova turnê europeia, apresentando-se pela primeira vez — e com grande sucesso — na Salle Pleyel, em Paris, no Royal Festival Hall, em Londres, e na Philharmonie, em Berlim. Em 2014, celebrando os 60 anos de sua criação, a Osesp fez uma turnê por cinco capitais brasileiras. ▪

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP
REGENTE ASSOCIADO
CELSO ANTUNES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
ANGÉLICA OLIVO SPALLA*
DAVI GRATON SPALLA***
JUN IWASAKI SPALLA*
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER***
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS**
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCELO SOARES
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA
MARCIO AUGUSTO KIM*

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
ILIA LAPOREV
HELOISA MEIRELLES**
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÜJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FILIPE DE CASTRO
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
SAMUEL HAMZEM
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA
ANTONIO CARLOS LOPES JR.
MARCELO MATOS
FLÁVIO GABRIEL*

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
LUIZ RICARDO SERRALHEIRO*

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1º PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

GERÊNCIA
JOEL GALMACCI GERENTE
XISTO ALVES PINTO INSPETOR
LAURA PADOVAN PASSOS

ACADEMIA DA OSESP

VIOLINOS
DAN TOLOMONY
GIDEONI LOAMIR
SUELEN BOER
NATHAN OLIVEIRA

VIOLA
ABNER BRASIL

VIOLONCELO
MATHEUS MELLO

CONTRABAIXO
RAFAEL FIGUEREDO

OBOÉ
ÉRICO MARQUES
PÚBLIO DA SILVA

CLARINETE
PATRICK VIGLIONI

PERCUSSÃO
CARLOS FERREIRA

TUBA
GABRIEL DÍAZ ARAYA

TROMPA
JESSICA VICENTE

TROMPETES
CRISTÓBAL ROJAS SALINAS
LUCAS ESPINDOLA
THIAGO ARAUJO

TROMBONES
SILAS FALCÃO
HÉLIO GÓES

FAGOTE
FRANCISCO WELLINGTON
ANGE BAZZANI

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) MÚSICO LICENCIADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO DA OSESP

A combinação de um grupo de cantores de sólida formação musical com a condução de uma das principais regentes brasileiras faz do Coro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo uma referência em música vocal no Brasil. Nas apresentações junto à Osesp, em grandes obras do repertório coral-sinfônico, ou em concertos *a cappella* na Sala São Paulo e pelo interior do estado, o grupo aborda diferentes períodos musicais, com ênfase nos séculos XX e XXI e nas criações de compositores brasileiros, como Almeida Prado, Aylton Escobar, Gilberto Mendes, Francisco Mignone, Liduino Pitombeira, João Guilherme Ripper e Villa-Lobos. À frente do grupo, Naomi Munakata tem regido também obras consagradas, que integram o cânone da música ocidental. Criado como Coro Sinfônico do Estado de São Paulo em 1994, passou a se chamar Coro da Osesp em 2001. Em 2009, o Coro da Osesp lançou seu primeiro disco, *Canções do Brasil*, que inclui obras de Osvaldo Lacerda, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Marlos Nobre e Villa-Lobos, entre outros compositores brasileiros. Em 2013, lançou gravação de obras de Aylton Escobar (Selo Osesp Digital). ▪

Todos juntos em perfeita harmonia

Paixão, dedicação e arte tornam o mundo um lugar melhor para se viver.

O Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A, membro do grupo MUFG, tem orgulho de apoiar a OSESP.

Banco de Tokyo-Mitsubishi UFJ Brasil S/A
A member of MUFG, a global financial group
www.br.bk.mufg.jp

MUFG

Ouvidoria
DDG: 0800 770 4060
Email: ouvidoria@br.mufg.jp

©2015 Mitsubishi UFJ Financial Group, Inc. Todos os direitos reservados. A logomarca e o nome MUFG são marcas de serviço do Mitsubishi UFJ Financial Group, Inc.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
REALIZAÇÃO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

CORO DA OSESP

REGENTE HONORÁRIA
NAOMI MUNAKATA

SOPRANOS
ANNA CAROLINA MOURA
ELIANE CHAGAS
ÉRIKA MUNIZ
FLÁVIA KELE DE SOUSA
JAMILE EVARISTO
JI SOOK CHANG
MARINA PEREIRA
MAYNARA ARANA CUIN
NATÁLIA ÁUREA
REGIANE MARTINEZ MONITORA
ROXANA KOSTKA
VIVIANA CASAGRANDI

CONTRALTOS / MEZZOS
ANA GANZERT
CELY KOZUKI
CLARISSA CABRAL
CRISTIANE MINCZUK
FABIANA PORTAS
LÉA LACERDA MONITORA
MARIA ANGÉLICA LEUTWILER
MARIA RAQUEL GABOARDI
MARIANA VALENÇA
MÔNICA WEBER BRONZATI
PATRÍCIA NACLE
SILVANA ROMANI
SOLANGE FERREIRA
VESNA BANKOVIC

TENORES
ANDERSON LUIZ DE SOUSA
CARLOS EDUARDO DO NASCIMENTO
CLAYBER GUIMARÃES
ERNANI MATHIAS ROSA
FÁBIO VIANNA PERES
JABEZ LIMA
JOCELYN MAROCCOLO
LUIZ EDUARDO GUIMARÃES
MÁRCIO SOARES BASSOUS MONITOR
ODORICO RAMOS
PAULO CERQUEIRA
RÚBEN ARAÚJO

BAIXOS / BARÍTONOS
ALDO DUARTE
ERICK SOUZA
FERNANDO COUTINHO RAMOS
FLAVIO BORGES
FRANCISCO MEIRA
ISRAEL MASCARENHAS
JOÃO VITOR LADEIRA
LAERCIO RESENDE
MOISÉS TÉSSALO
PAULO FAVARO
SABAH TEIXEIRA MONITOR

PREPARADOR VOCAL
MARCOS THADEU

PIANISTA CORREPETIDOR
FERNANDO TOMIMURA

GERÊNCIA
CLAUDIA DOS ANJOS GERENTE
SEZINANDO GABRIEL DE O. NETO INSPETOR
ANA CLAUDIA MARQUES DA SILVA ASSISTENTE

CORO ACADÊMICO DA OSESP

REGENTE
MARCOS THADEU

ANDRÉ MATOS RABELO
BRUNO ARRABAL SPOSITO FERREIRA
DANIELA BASTOS LAMIM OLIVEIRA
DAVID DOS SANTOS MEDRADO
EMILY DE OLIVEIRA ALVES
FÚLVIO MAGALHÃES LIMA DE SOUZA
GABRIEL DA COSTA SILVA
ISAQUE PEREIRA DE OLIVEIRA
IVY CRISTINA SZOT
LAIS ASSUNÇÃO DO CARMO
LUIS FIDELIS DE OLIVEIRA JUNIOR
LUIZA BIONDI DE SOUZA
MARCUS DANILO DOS OUROS
MARIA MARQUES MEDEIROS RODRIGUES DA SILVA
MIQUEIAS BRAGA PEREIRA
NAE KOHATSU MATAKAS
RODRIGO ANDRADE MAIA PRADO
TATIANE REIS DA SILVA
THAIS AZEVEDO CAMPOS
VANESSA CRISTINA TEIXEIRA DOS SANTOS

PIANISTA CORREPETIDORA
CAMILA OLIVEIRA

(*) MÚSICO LICENCIADO
(**) EM EXPERIÊNCIA NO CORO DA OSESP
(***) MÚSICO CONVIDADO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA.
INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

CORO INFANTIL DA OSESP

REGENTE
TERUO YOSHIDA

ALLICE SOUZA DINIZ
ANA CAROLINA DA COSTA OLIVEIRA
ANA CLARA MOREIRA DA SILVA
ANA LUIZA ROSA NAVES
ANDRÉ LUIZ CARDOSO AZEVEDO
BRUNA CARVALHO CECCI
CAMILA ARAÚJO FONSECA
CAUÃ MORYA SANTOS
CAYENNE CASTRO AGUIAR
CLOE PERRUT DE GODOI
DAVID MEYER
ENZO TOLEDO ANDREUCCETTI
FERNANDA FERNANDES QUINTANILHA
FLÁVIA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FRANCISCO KRINDGES GERALDINI
GABRIELA KAZAKEVICIUS
GIOVANNA MELLO CAMARGO
GUSTAVO BARRAVIERA RODRIGUES
HELENA CAPELOSSI
INGRID SANTOS CLE CHERUN
IRENE CHAPUIS FONSECA
IRINA ALFONSO FREDERICO
IZABELA AMOROSO CAVALCANTE
JULIA CORRÊA OLIVEIRA
JULIA PIRES DE BRITTO COSTA
JULIA RIBEIRO MONTIN
JULLIA FISCHBORN ARDANUY
LETÍCIA ARAÚJO FONSECA
LETÍCIA SAITO KOJIMA
LOHANNA SOUZA SANTOS DE LIMA
LORENA BATISTA REGO
LUCAS SHOJI
LUCIANA GUEDES GERMANO
LUÍSA RIBEIRO DE OLIVEIRA GUENA
LUIZ ROBERTO QUINTEROS DOS SANTOS
LUIZA PIRES DE BRITTO COSTA
MARIA EDUARDA LAGONEGRO BRAGANHOLO
MARIA FERNANDA DE AVILA VIANA
MARIANE ELOAR SILVA CAMARGO
MARINA CELANI GUEDES
MARINA GARCIA CUSTÓDIO
MINA CHYNN KU ALBUQUERQUE
MONIQUE PEREIRA MOLINA
MURILLO BOMFIM NASCIMENTO
PAULA CAETANO LEITE
PAULA SANTANA SCHIMIT
PRISCILA CARDOSO TEIXEIRA
RAFAELLA MARTINS SILVA
REBECCA SANTOS DE SOUZA
RENATA GARCIA CUSTÓDIO
SARA HELEN DA SILVA
SOFIA MAGON WEBER
SOFIA MARTINS RIBEIRO COELHO DE MAGALHÃES
SOFIA SPASSOVA COSTA
SUEWELLYN ABREU VICENTINI
TANIA GUEDES GERMANO
THAYNÁ FERNANDA SILVA BORGES
TIAGO MAGALHÃES PRATES ADULIS
VITORIA COSTA DE SOUSA
YOHANA ROCHA GRANATTA
YSA PAULA DA COSTA OLIVEIRA

PIANISTA CORREPETIDORA
DANA RADU

CORO JUVENIL DA OSESP

REGENTE
PAULO CELSO MOURA

ALINE THAIS MORAES DURÁN
ANA CAROLINA BERGAMASCHI FARIAS
BEATRIZ DE OLIVEIRA CONTRERA TORO
BEATRIZ RIBEIRO MONTIN
BIANCA CARVALHO DE ALMEIDA
BIANCA FERREIRA DE SOUZA
CARINA BISPO MIRANDA
CARLOS HENRIQUE BUENO DA COSTA
CATARINA AKEMI LOPES KAWAKANI
CHIARA BISTÃO GUTTIERI
DANIEL MARIANO FERREIRA DA SILVA
DAVI MARIANO FERREIRA DA SILVA
ELISABETH PRIMO RIOS
ENZO ROCHA MAGRI
ESTHER CAROLAYNE SILVA FURQUIM
FERNANDA MOREIRA DE CARVALHO ARANTES
FERNANDA MOURA DA SILVA
FLÁVIO TIMAR RODRIGUES
GABRIELA NASCIMENTO BARBOSA
GIOVANNA MARIA SILVA CANDIDA
GRAZIELA STEFANO VYUNAS
HELENA DE OLIVEIRA CONTRERA TORO
HELLEN CRISTINA SOUZA SABINO
HENRIQUE SILVA PEDROSO
IZABELA VIEIRA MARCIANO
JENNIFER ANNE SANTANA DA SILVA
JESSICA CÂNCIO DE OLIVEIRA
JOSEPH CRISTO
JULIANA CALASANS DOS SANTOS
LEONARDO OLIVEIRA DE LIMA
LYGIA POLIA SANTIAGO SAMPAIO
MARCOS NATÃ DAMASCENO FERREIRA
MARGOT LOHN KULLOCK
MARIA CLARA PERRUT DE GODOI
NAARA DOS SANTOS AMARAL
NATHALIA GRILLO DOMINGOS
OLIVIA GONÇALVES
RAQUEL BEZERRA
RENATO FRITZ HOEFLER
SAMUEL CESAR MATHEUS
SOPHIA ALFONSO FREDERICO
STEPHANIE DE FÁTIMA DA SILVA VIANNA
THIAGO CONSTANTINO
VICTÓRIA ANDREZZA PRADO PEREZ
VICTORIA BEATRIZ SOUZA NIZA
VINICIUS COSTA JALOTO
YASMIN MARIA AMIRATO

PIANISTA
DANA RADU

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA
VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA
CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
HEITOR MARTINS
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MANOEL CORRÊA DO LAGO
PAULO CEZAR ARAGÃO
PEDRO PARENTE
SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO

PEDRO MOREIRA SALLES
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CELSO LAFER
HORACIO LAFER PIVA
JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL

JÂNIO GOMES
MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO
MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO

ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS
ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA
ANTONIO PRATA
AUGUSTO LUIS RODRIGUES
DENISE FRAGA
DRAUZIO VARELLA
EDUARDO GIANNETTI
EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF
EUGÊNIO BUCCI
FÁBIO MAGALHÃES
FRANCISCO VIDAL LUNA
GUSTAVO ROXO FONSECA
HELOISA FISCHER
JAC LEIRNER
JAYME GARFINKEL
JOÃO GUILHERME RIPPER
JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO
JOSÉ PASTORE
JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO
LORENZO MAMMÌ
LUIZ SCHWARCZ
MONICA WALDVOGEL
NELSON RUSSO FERREIRA
PERSIO ARIDA
PHILLIP YANG
RAUL CUTAIT
RICARDO LEAL
RICARDO OHTAKE
SÉRGIO ADORNO
STEFANO BRIDELLI
TATYANA FREITAS
THILO MANNHARDT
VITOR HALLACK
WILLIAM VEALE
ZÉLIA DUNCAN

DIRETORIA EXECUTIVA

MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE
ASSISTENTES
JULIANA DIAS FRANÇA
CAROLINA BORGES FERREIRA

DIRETORIA ARTÍSTICA

ARTHUR NESTROVSKI DIRETOR ARTÍSTICO
ISABELA PULFER ASSESSORA
DANNYELLE UEDA ASSISTENTE
PLANEJAMENTO ARTÍSTICO
ENEIDA MONACO COORDENADORA
FLÁVIO MOREIRA

FESTIVAL INTERNACIONAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO

FÁBIO ZANON COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO
ASSISTENTE
ÁTILLA OLIVEIRA

JURÍDICO

DANIELLA ALBINO BEZERRA GERENTE
VINICIUS CARLOS SANTOS
VINICIUS KOPTCHINSKI ALVES BARRETO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO MUSICAL E EDITORA CRIADORES DO BRASIL

ANTONIO CARLOS NEVES PINTO COORDENADOR
HERON MARTINS SILVA
CÉSAR AUGUSTO PETENÁ
FELIPE FERNANDES SILVA
GUILHERME DA SILVA TRIGINELLI
LEONARDO DA SILVA ANDRADE
RAFAEL RIBEIRO DA CUNHA
MARINA TARATETA FRANCO DE OLIVEIRA
SEVERINA MARIA TEIXEIRA
DANIELE FIERI SILVA
THIAGO RIBEIRO FRANCISCO*

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

ROGÉRIO ZAGHI COORDENADOR
ACADEMIA
CAMILA ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA
JULIANA MARTINS VASSOLER
DANA MIHAELA RADU PIANISTA CORREPETIDORA
EDUCAÇÃO MUSICAL
HELENA CRISTINA HOFFMANN
SIMONE BELOTTI
DANIELA DE CAMARGO SILVA
ISABELLA FRAGA LOPES FERREIRA****
NAGELA GARDENE SILVA NOGUEIRA
CORO INFANTIL
TERUO YOSHIDA REGENTE
CORO JUNENIL
PAULO CELSO MOURA REGENTE
BRENA FERREIRA BUENO
CORO ACADÊMICO
MARCOS THADEU REGENTE
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
RENATA LIPIA LIMA
THAIS DUQUE RIBEIRO*
VICTOR LEITE DE OLIVEIRA*

MARKETING

CARLOS HARASAWA DIRETOR
ASSINATURAS
RAFAEL SANTOS
MARIA LUIZA DA SILVA
THAIS OLIVEIRA DE SOUSA
LUCAS MARQUES DA SILVA*
EVENTOS E CAPTAÇÃO PESSOA FÍSICA
MAUREN STIEVEN
GABRIELLE A. DE OLIVEIRA COELHO
BRUNA COSTA DE OLIVEIRA*
THAMIRIS FRANCO MEDEIROS*
RELACIONAMENTO PATROCINADORES E PARCEIROS
NATÁLIA LIMA
BEATRIZ YUMI AOKI
MATHEUS RIBEIRO*

COMUNICAÇÃO

MARCELE LUCON GHELARDI GERENTE
NATÁLIA KIKUCHI
ARTES GRÁFICAS
BERNARD WILLIAM CARVALHO BATISTA
MICHEL JORGE DE ALBUQUERQUE ABOU ASSALI*
IMPRENSA
ALEXANDRE AUGUSTO ROXO FELIX
FERNANDO FREITAS*
MÍDIAS DIGITAIS
FABIANA GHANTOUS
LAURA BING*
PUBLICIDADE / PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS
ANA PAULA SILVA MONTEIRO
GIOVANNA CAMPELO
LAÍS VARIZI*

CONTROLADORIA

CRISTINA M. P. DE MATOS CONTROLLER
ALLINE FORMIGONI ROSSI
JERONYMO R. ROMÃO
MARIO FERRARI FERNANDES DOS SANTOS
RAFAEL HENRIQUE DE SOUZA ALEIXO

CONTABILIDADE

IMACULADA C. S. OLIVEIRA GERENTE
LEONARDO QUEIROZ
VALÉRIA DE ALMEIDA CASSEMIRO
ANA CAROLINA AZEVEDO*

FINANCEIRO

FABIANO CASSANELLI DA SILVA GERENTE
VERA LUCIA DOS SANTOS SOUZA
AILTON GABRIEL DE LIMA JR
JANDUI APRIGIO MEDEIROS FILHO
THAYNARA DA SILVA*

(*) ESTAGIÁRIOS
(**) APRENDIZES
(***) LICENCIADO
(****) TEMPORÁRIO

DIVISÃO ADMINISTRATIVA
GIACOMO CHIARELLA GERENTE
CAROLINA BENKO SGAI
SANDRA APARECIDA DIAS
RAFAEL LOURENCO PATRICIO
KAIKE APARECIDO MENDES COUTO**
RECEPÇÃO
ALEX DE ALMEIDA ALQUIMIM
ANDREIA AMARAL FRUTUOSO
EUNICE DE FALCO ASSIS
CATIANE ARAUJO DE MELO
SERVIÇO DE COPA
NATHALIA DE OLIVEIRA PEREIRA****
ROSILENE DE JESUS SOARES
SERVIÇOS TERCEIRIZADOS
MARIA TERESA ORTONA FERREIRA
MANUTENÇÃO E OBRAS
MURILO SOBRAL COELHO
JOSÉ AUGUSTO SÃO PEDRO
MARCIEL BATISTA SANTOS
OSVALDO DE SOUZA BRITTO
ZENIVALDO DE JESUS
FELIPE DE CASTRO LEITE LAPA
GUILHERME FERNANDES DA SILVA*
LUIS HENRIQUE SANTOS DE SOUZA*
RECURSOS HUMANOS
LEONARDO DUTRA DI PIAZZA GERENTE
MARLENE APARECIDA DE ALMEIDA SIMÃO
THAMIRIS LANE DA SILVA
CAMILA SANTANA DE ARAUJO
INFORMÁTICA
MARCELO LEONARDO DE BARROS
GEOVANNI SILVA FERREIRA
GUSTAVO TADEU CANOA MORGADO
FILIPE ALBUQUERQUE MATOS DE JESUS*
GUILHERME PEREIRA DE FREITAS**
COMPRAS E SUPRIMENTOS
DEISE PEREIRA PINTO
JEFERSON ROCHA DE LIMA
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DE SOUSA
ROSELI FERNANDES
ALMOXARIFADO
WILSON RODRIGUES DE BARROS
ARQUIVO
EDUARDO DE CARVALHO
ISABEL DE CÁSSIA CREMA GONÇALVES
SAYONARA SOUZA DOS SANTOS

DIVISÃO OPERACIONAL
ANALIA VERÔNICA BELLI GERENTE
DEPARTAMENTO PRODUÇÃO – OSESP
ALESSANDRA CIMINO
ANA NELY BARBOSA DE LEMOS
FELIPE ULBALDO MILANI
LUCAS GOMES MARINHO MARTINS
RODRIGO MALUF RAMOS DA SILVA
CAMILA MOURA GONZAGA DOS SANTOS*
DEPARTAMENTO TÉCNICO
KARINA FONTANA DEL PAPA GERENTE
EDNILSON DE CAMPOS PINTO
ERIK KLAUS LIMA GOMIDES
ANGELA DA SILVA SARDINHA
CARLOS EDUARDO SOARES DA SILVA
ELIEZIO FERREIRA DE ARAUJO
BIANCA PEREIRA DOS SANTOS
ILUMINAÇÃO
EDIVALDO JOSÉ DA SILVA
SOM
FERNANDO DIONISIO VIEIRA DA SILVA
ANDRE VITOR DE ANDRADE
RENATO FARIA FIRMINO
MONTAGEM
DENILSON CARDOSO ARAUJO
EDGAR PAULO DA CONCEIÇÃO
EDIVALDO JOSE DA SILVA
EMERSON DE SOUZA
GABRIEL BARONE RAMOS
GERSON DA SILVA
HUMBERTO ALVES CAROLINO
JOSÉ CARLOS FERREIRA
JÚLIO CESAR BARRETO DE SOUZA
NIZINHO DEIVID ZOPELARO
RODRIGO STEVANIN
RODRIGO BATISTA FERREIRA

DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES
MÔNICA CÁSSIA FERREIRA GERENTE
REGIANE SAMPAIO BEZERRA
FABIANE DE OLIVEIRA ARAUJO
GUILHERME VIEIRA
VINICIUS GOY DE ARO
LARISSA BALEEIRO DA SILVA
CRISTIANO GESUALDO
BEATRIZ DE OLIVEIRA
JOÃO GUILHERME SOUZA SILVA*
SIDNEY AUGUSTO DE OLIVEIRA MINGHIN**
CONTROLADOR DE ACESSO
ADAILSON DE ANDRADE
INDICADORES
MARIANA DE ALMEIDA NEVES
MARIA JOCELMA A. R. NISHIUCHI
ANDERSON BENI
DANIELA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO
FABRÍCIO DE FREITAS SILVA
ALUANE LOPES RODRIGUES*
ANDRESSA DA CONCEIÇÃO SANTOS*
BRENDA DOMINGUES SCHNEIDER*
BRUNO MAURÍCIO DE OLIVEIRA SILVA*
CASSIO MOISES DA SILVA*
ELINE SOUZA DO CARMO*
GIOVANNI PEREIRA DOS SANTOS*
GUILHERME CUNHA MULLER
HELOISE TIEME SILVA*
JAIR DE ARAUJO SILVA*
JESSICA NAYANNE DOS SANTOS*
JULIANA LIMA VASQUES*
KLARYSSA KEISE FRANCISCO*
LAILA FERNANDA SANTOS AMARAL*
LARISSA ARAUJO DOS SANTOS*
MARINA GONÇALVES SILVA*
NATHALIA DE BARROS SOUZA*
PEDRO BUSTAMANTE G. VELLOSO BRANDÃO*
REGINALDO DOS SANTOS DE ALMEIDA*

AFINE SEUS SENTIDOS.

Tivoli São Paulo - Mofarrej: Hotel Oficial da Temporada OSESP 2015

PRAIA DO FORTE | SÃO PAULO | LISBOA | ALGARVE | COIMBRA | SINTRA

TIVOLI SÃO PAULO - MOFARREJ
ALAMEDA SANTOS, 1437 | CERQUEIRA CÉSAR
SÃO PAULO | SP | BRASIL

F: 55 11 3146 5900
E: reservas.htsp@tivolihotels.com
www.tivolihotels.com

THE LEADING HOTELS OF THE WORLD

TIVOLI COLLECTION
SÃO PAULO-MOFARREJ
BRASIL
CONFERENCE HOTEL & ELEMENTS SPA BY BANYAN TREE

experience more

Sinal Verde para a CULTURA

e para você se emocionar com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

A Localiza apoia a OSESP e diversos outros projetos culturais com o Programa Sinal Verde para a Cultura. Uma iniciativa que já viabilizou milhares de eventos, levando entretenimento e arte a todos os cantos do país.

É a Localiza abrindo portas para a cultura e dando sinal verde para você se divertir.

Localiza
Aluguel de Carros

Reservas 24h:
0800 979 2000
www.localiza.com

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA APRESENTAM

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

APOIE SUA ORQUESTRA

Há boas razões para ser um Associado Osesp

1 *Concertos didáticos para mais de 110 mil crianças e jovens e 1.154 vagas ao ano para professores multiplicadores da apreciação musical;*
Aperfeiçoamento de jovens músicos de elevado potencial para ingresso no mercado profissional;
Visitas educativas à Sala São Paulo para mais de 120 mil pessoas.

2 *A partir de R$ 400 de contribuição, você é nosso convidado para participar de atividades exclusivas na Osesp, entre outros benefícios.*

3 *Você pode deduzir 100% de sua contribuição até o limite de 6% do Imposto de Renda devido. No site da Osesp você pode simular valores para melhor usufruir desse incentivo fiscal.*

PROGRAMA SUA ORQUESTRA
www.osesp.art.br/suaorquestra
suaorquestra@osesp.art.br
11 3367 9580

/osesp /osesp /videososesp vimeo /osesp

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA

PROGRAMA SUA ORQUESTRA

AGRADECEMOS A TODOS QUE CONTRIBUEM COM O NOSSO PROGRAMA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA OS PROGRAMAS EDUCACIONAIS DA OSESP

PATRONO ACIMA DE R$15.001,00

ALVARO FURTADO
ANDRE RODRIGUES CANO
ANTONIO QUINTELLA
FABIO COLLETTI BARBOSA
HEITOR MARTINS
PAULO BILEZIKJIAN
ANÔNIMO: 1

PRESTO DE R$8.001,00 A R$15.000,00

ANDRÉ CAMINADA
ANDREW THOMAS CAMPBELL
HELIO MATTAR
J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO
JOSÉ CARLOS DIAS
LILIA MORITZ SCHWARCZ
MARCELO KAYATH
MAURICIO CASTANHO TANCREDI
ANÔNIMOS: 0

VIVACE CON BRIO DE R$4.001,00 A R$8.000,00

ABNER OLIVA
ADRIANO ZAN
ALBERTO CAZAUX
ALFONSO HUMBERTO CELIA SILVA
ALFREDO JOSÉ MANSUR
ANA BEATRIZ LORCH ROTH
ANA DE OURO PRETO CORRÊA DO LAGO
ANA ELISABETH ADAMOVICZ DE CARVALHO
ANITA LEONI
ANTONIO AILTON CASEIRO
ANTONIO DE JESUS MENDES
ANTONIO QUINTELLA
ANTONIO ROBERTO LUMINATI
ARNALDO MALHEIROS
CARLOS ALBERTO MATTOSO CISCATO
CARLOS ALBERTO WANDERLEY JUNIOR
CARLOS EDUARDO ALMEIDA MARTINS DE ANDRADE
CARLOS EDUARDO MORI PEYSER
CARLOS MACRUZ FILHO
CARLOS ROBERTO APPOLONI
CARMEM LUIZA GONZALEZ DA FONSECA
CHISLEINE FÁTIMA DE ABREU
CLÁUDIO AUGUSTO DE MEDEIROS CÂMARA
DEBORAH NEALE
DORIS CATHARINE CORNELIE KNATZ KOWALTOWSKI
EDILSON DE MORAES REGO FILHO
EDUARDO WENSE DIAS
ELIANA AYAKO HIRATA ANTUNES DE OLIVEIRA
ELISEU MARTINS
ELZA MARIA ROCHA PADUA
EMILIO EUGÊNIO AULER NETO
ERWIN NOGUEIRA DE ANDRADE
EURICO RIBEIRO DE MENDONÇA
FERNANDO MATTOSO LEMOS
FERNANDO OCTAVIO MAZZA BAUMEIER
GUILHERME CAOBIANCO MARQUES
GUSTAVO ANDRADE
HAMILTON BOKALEFF DE OLIVEIRA JUNIOR
HEDYWALDO HANNA
HELGA VERENA LEONI MAFFEI
HELIO ELKIS
HORACIO LAFER PIVA
ILMA TERESINHA ARNS WANG
ISRAEL VAINBOIM
IVAN CUNHA NASCIMENTO
JAIME PINSKY
JAIRO OKRET
JAYME VOLICH
JOÃO CAETANO ALVARES
JOONG HYUN SHIN
JOSÉ CARLOS BAPTISTA DO NASCIMENTO
JOSÉ CARLOS ROSSINI IGLÉZIAS
JOSÉ ROBERTO BENETI
JUDITH MIREILLE BEHAR
JULIO CESAR DA COSTA
LAURA PALADINO DE LIMA
LAYDE HILDA MACHADO SIQUEIRA
LEA FALLEIROS MENDES
LEONARDO KENJI RIBEIRO KITAJIMA
LIA BRIDELLI
LIVIO DE VIVO
LUIS EDMUNDO PINTO DA FONSECA
LUÍS MARCELLO GALLO
LUIZ AUGUSTO DE QUEIROZ ABLAS
LUIZ DO NASCIMENTO PEREIRA JUNIOR
LUIZ FRANCO BRANDÃO
LUIZ GONZAGA MARINHO BRANDÃO
MARCEL PONS ESPARO
MARCIO AUGUSTO CEVA
MARCIO MARCH GARCIA
MARCOS GOMES AMORIM
MARIA ALEXANDRA KOWALSKI MOTTA
MARIA LUIZA PIGINI SANTIAGO PEREIRA
MARINA DE ALMEIDA AOKI
MAURICIO GOMES ZAMBONI
MERCIA LUCIA DE MELO NEVES CHADE
MIGUEL LOTITO NETTO
MIGUEL PARENTE DIAS
NELI APARECIDA DE FARIA
NELSON MERCHED DAHER FILHO
NELSON PEREIRA DOS REIS
ORLANDO CESAR O. BARRETTO
OSNI APARECIDO SANCHEZ
OSWALDO HENRIQUE SILVEIRA
PAULO APARECIDO DOS SANTOS
PAULO ROBERTO CAIXETA
PAULO ROBERTO PORTO CASTRO
PEDRO HERZ
PETER GREINER
PLINIO TADEU CRISTOFOLETTI JUNIOR
PROVVIDENZA BERTONCINI
RAPHAEL PEREIRA CRIZANTHO
RAQUEL SZTERLING NELKEN
REGINA LÚCIA ELIA GOMES
RICARDO ANSAI
RICARDO PAULINO MARQUES
RITA DE CASSIA BARRADAS BARATA
RODRIGO HUNG SOO PICANCO CHOI
RODRIGO RIBEIRO NOVAES
ROSICLER ALBUQUERQUE DE SOUSA
SAMI TEBECHRANI
SANTO BOCCALINI JUNIOR
SARAH VALENTE BATTISTELLA
SATOSHI YOKOTA
SÉRGIO HENRIQUE DE ANDRADE PEREIRA
SERGIO PAULO RIGONATTI
SERGIO RACHMAN
SIDNEI FORTUNA
SILVIO CHEBABI TEIXEIRA DE VASCONCELOS
STEPHAN WOLYNEC
SUELI DA SILVA MOREIRA
SUZETE GARCIA DE MOURA
TOMASZ KOWALTOWSKI
VALDIR RODRIGUES DE SOUZA
VANIA CURI YAZBEK
VERA DA CONCEIÇÃO FERNANDES HACHICH
VERA LUCIA PERES PESSÔA
VITÓRIO LUIS KEMP
WALDEMAR COELHO HACHICH
WASHINGTON KATO
YOJI OGAWA
ZILMA SOUZA CAVADAS
ZOROASTRO CERVINI ANDRADE
ANÔNIMOS: 23

VIVACE DE R$2.001,00 A R$4.000,00

ALAIN CLEMENT LESSER LEVY
ALESSANDRA MIRAMONTES LIMA
ALEXANDRE LEAO FERREIRA
ALIDA MARIA FLEURY BELLANDI
ANTONIO MARCOS VIEIRA SANTOS
ANTONIO SALATINO
BERTHA ROSENBERG
CARLOS EDUARDO CIANFLONE
CARMEN SILVIA DE MELO
CIBELE RIVA RUMEL
CLODOALDO APARECIDO ANNIBAL
DANIEL DA SILVA ROSA
DEBORA ARNS WANG
DIANA VIDAL
DIDIO KOZLOWSKI
DIONE MARIA PAZZETTO ARES
EDITH RANZINI
EDNA DE LURDES SISCARI CAMPOS
EDSON MINORU FUKUDA
ELAYNE RODRIGUES DE MATOS
ELIANA R. M. ZLOCHEVSKY
ERICK FIGUEIREDO RODRIGUES
ERIKA ROBERTA DA SILVA
ETSUKO IKEDA DE CARVALHO
FÁTIMA PORTELLA RIBAS MARTINS
FLAVIA HELENA PIUMA SILVEIRA
FRANCISCO SCIAROTTA NETO
FREDERICO MACIEL MOREIRA
GASTÃO JOSE GOULART DE AZEVEDO
GERALDO GOMES SERRA
GONZALO VECINA NETO
HELDER OLIVEIRA DE CASTRO
JEANETTE AZAR
JOAQUIM VIEIRA DE CAMPOS NETO
JOSE ANTONIO MEDINA MALHADO
JOSÉ CARLOS GONSALES
JOSE CERCHI FUSARI
JOSE DE PAULA MONTEIRO NETO
JOSÉ ESTRELLA
JOSE GUILHERME VARTANIAN
JOSÉ LUIZ DE ARAUJO CANOSA MIGUEZ
JOSE MARIA CARDOSO DE ASSIS
JOSE ROBERTO DE ALMEIDA MELLO
JOSÉ RUBENS PIRANI
JULENE NEVES DE OLIVEIRA JESUS
JULIO MILKO
LEONARDO ARRUDA DO AMARAL ANDRADE
LILIA BLIMA SCHRAIBER
LUCI BANKS LEITE
LUIS ROBERTO SILVESTRINI
LUIZ CESÁRIO DE OLIVEIRA
LUIZ DIEDERICHSEN VILLARES
MARCELO JUNQUEIRA ANGULO
MARCO TULLIO BOTTINO
MARCOS VINICIUS ALBERTINI
MARCUS TOMAZ DE AQUINO
MARIA CECILIA SENISE MARTINELLI
MARIA HELENA LEONEL GANDOLFO
MARIA JOSEFA SUÁREZ CRUZ
MARINA PEREIRA BITTAR
MAURO FISBERG
MIGUEL SAMPOL POU
MIRIAM DE SOUZA KELLER
NATANIEL PICADO ALVARES
NELSON DE OLIVEIRA BRANCO
PASCHOAL PAULO BARRETTA
PATRICK CHRISTIAN POLAK
PAULO DE TOLEDO PIZA
PAULO EMÍLIO PINTO
PEDRO SPYRIDION YANNOULIS
RAFAEL GOLOMBEK
RENATA SIMON
RENATO YOSHIO MURATA
RENÉ HENRIQUE GÖTZ LICHT
ROBERT A. WALL
ROBERTO LOPES DONKE
ROSA MARIA PESSÔA RANGEL
SALVATOR LICCO HAIM
SERGIO OMAR SILVEIRA
SILVIA CINTRA FRANCO
TARCÍSIO SARAIVA RABELO JR
THEREZINHA PRADO DE ANDRADE GOMES
WALTER JACOB CURI
WANDER AZEVEDO
WILTON QUEIROZ DE ARAUJO
ANÔNIMOS: 14

ALLEGRO DE R$1.001,00 A R$2.000,00

ADEMAR PEREIRA GOMES
ADHEMAR MARTINHO DOS SANTOS
ADRIANA RAVANELLI RIBEIRO GILLIOTTI
ALBINO DE BORTOLI
ALCEU LANDI
ALEXANDRE JOSE MARKO
ALEXANDRE SHINOBE
ALZIRA MARIA ASSUMPÇÃO
ANDRÉ LUIZ DE MEDEIROS M. DE BARROS
ANDRE XAVIER FORSTER
ANTONIO CAPOZZI
ANTONIO CLARET MACIEL SANTOS
ANTONIO DIMAS
ARTUR HENRIQUE DE TOLEDO DAMASCENO
BARBARA HELENA KLEINHAPPEL MATEUS
CARLO CELSO LENCIONI ZANETTI
CÁSSIO DREYFUSS
CÉLIA MARISA PRENDES
CÉLIO CORRÊA DE ALMEIDA FILHO
CHUNG RAN HAN
CLARICE BERCHT
CRISTIANE VIEIRA DOS SANTOS BARROS
DANIEL BLEECKER PARKE
DANUSA STUDART LUSTOSA CABRAL
DAUMER MARTINS DE ALMEIDA
DÉCIO PEREIRA COUTINHO
EDSON DEZAN
EDUARDO ALGRANTI
EDUARDO VILLAÇA PINTO
ELIEZER SCHUINDT DA SILVA
ELISABETH BRAIT
ELLEN SIMONE DE AQUINO OLIVEIRA PAIVA
ELOISA CRISTINA MARON
ELOISA THOMÉ MILANI
ELVIS HENRIQUE SANTOS ANDRADE
EMA ELIANA TARICCO DE FIORI
FÁBIO BATISTA BLESSA
FELICIANO LUMINI
FERNANDA DE MIRANDA MARTINHO
FERNANDO CÉSAR NARDUZZO
FERNANDO JOSÉ DE NOBREGA
FERNANDO MOREIRA DE ANDRADE

FILIPPE VASCONCELLOS DE FREITAS GUIMARÃES
FRANCISCO SEGNINI JR
FRIEDRICH THEODOR SIMON
GIOCONDA DA CONCEIÇÃO SILVA
GIZELDA MARIA BASSI SIQUEIRA
GLORIA MARIA DE ALMEIDA SOUZA TEDRUS
HELIO JULIO MARCHI
HERMAN BRIAN ELIAS MOURA
IDEVAL BERNARDO DE OLIVEIRA
ILAN AVRICHIR
IRENE ABRAMOVICH
IRENE DE ARAUJO MACHADO
ISABELA SISCARI CAMPOS
ITIRO SHIRAKAWA
IVONE SOUZA CASTELLAR
IVONETE MARTINEZ
JOÃO CLÁUDIO LOUREIRO
JOSE ADAUTO RIBEIRO
JOSE BILEZIKJIAN
JOSE HERNANI ARRYM FILHO
JOSÉ LUIZ GOUVEIA RODRIGUES
JOSÉ NELSON FREITAS FARIAS
JOSÉ ROBERTO FORNAZZA
JOSÉ SUDÁ PIRES
JUNIA BORGES BOTELHO
KARL HEINZ KIENITZ
LAURO SOTTO
LÉA ELISA SILINGOWSCHI CALIL
LEONARDO STELZER ROSSI
LIRIA KAORI INOUE
LUCIANO GONZALES RAMOS
LUIZ CARLOS DE CASTRO VASCONCELLOS
LUIZ CARLOS FERNANDES
LUIZ FERNANDO SOARES BRANDÃO
MARCIO DE SOUZA MACHADO
MARCUS VINICIUS LOBREGAT
MARIA CECILIA ROSSI
MARIA ELISA DIAS DE ANDRADE FURTADO
MARIA EMILIA PACHECO
MARIA EVANGELINA RAMOS DA SILVA
MARIA INEZ CEZAR DE ANDRADE
MARIA KADUNC
MARIA LUIZA MARCILIO
MARIA OLGA SOARES DA CUNHA
MARIA SONIA DA SILVA
MARILDA SACRAMENTO CAVALLO
MARINA JAROUCHE AUN
MARJORIE DE OLIVEIRA ZANCHETTA
MAURICIO YASUDA
MAURO NEMIROVSKY DE SIQUEIRA
MESSIAS MACIEL DO PRADO
MICHAEL HARADOM
NADIR DA GLORIA H. CERVELLINI
NELSON ANDRADE
NELSON DE ALMEIDA GONÇALVES
NELSON VIEIRA BARREIRA
NEUSA MARIA DE SOUZA
NILTON DIVINO D'ADDIO
OSCAR WINDMÜLLER
OTAVIO DE SOUZA RAMOS
OTÁVIO ROBERTI MACEDO
PATRÍCIA GAMA
PATRICIA RADINO ROUSE
PAULO ROBERTO SABALAUSKAS
PEDRO MORALES NETO
PEDRO RIBEIRO AZEVEDO
PEDRO SÉRGIO SASSIOTO
RAFAEL D'ANDREA
REGINA HELENA DA SILVA
REINALDO MORANO FILHO
RENATA KUTSCHAT
RENATO ATILIO JORGE
RICARDO GASPAR MULLER
ROBERTO MORETTI BUENO
RODRIGO ELIAS MOREIRA
ROGÉRIO VALADARES BRANDÃO
ROLAND KOBERLE
ROSELI RITA MARINHEIRO
RUBENS BRITO DO NASCIMENTO
RUY BIANCHI SARTORETTO
SANDRA SOUZA PINTO
SELMA ANTONIO
SELMA MARIA SCHINCARIOLI
SÍLVIA REGINA FRANCESCHINI
SILVIO ALEIXO
SILVIO ANTONIO SILVA
SILVIO PARTITI
SONIA MARGARIDA CSORDAS
SONIA MARIA LEITE
SONIA MARIA SCHINCARIOLI
SONIA PONZIO DE REZENDE
THOMAZ WOOD JUNIOR
URBANO ALENCAR MACHADO
VALÉRIA GADIOLI
VICENTE PAIVA CORREIA LIMA
VILMA PEREIRA RIVERO VELLA
VIVIANA SAPHIR DE PICCIOTTO
WALTER RIBEIRO TERRA
WILIAM BASSITT
WILMAR DIAS DA SILVA
YVAN LEONARDO BARBOSA LIMA
ANÔNIMOS: 39

ALLEGRETTO DE R$400,00 A R$1.000,00
ALESSANDRO CONTESSA
ALEXANDRE CONTI MARRA
ALEXANDRE SILVESTRE
ANA CAROLINA ALBERO BELISÁRIO
ANATOLY TYMOSZCZENKO
ANDREE SOLAL RIBEIRO
ANNA LAURA OLIVA
ANTONIETA DE OLIVEIRA
ANTONIO CARLOS MANFREDINI
ANTONIO CARLOS REBELLO DA SILVA
AVA NICOLE DRANOFF BORGER
BELA FELDMAN - BIANCO
CARLOS ALBERTO PINTO DE QUEIROZ
CARLOS EDUARDO MANSUELLI FORNERETO
CARLOS EDUARDO SEO
CARLOS INÁCIO DE PAULA
CARLOS ROBERTO PEREIRA
CARMEN GOMES TEIXEIRA
CELIA TERUMI SANDA
CELINEA VIEIRA PONS
CESARE TUBERTINI
CID BANKS LOUREIRO
CIRILO LEMES DE CASTRO
CLAUDIA SERRANO DE AZEVEDO
CLAUDIONOR SPINELLI
CLOVIS LEGNARE
CRISTINA MARIA MIRA
DALTON DE LUCA
DAN E MATIANA ANDREI
DANIEL DE ALMEIDA OKINO
DANIELA DA SILVA GOMES
DÁRCIO KITAKAWA
DEBORÁ ESPASIANI
DEMILSON BELLEZI GUILHEM
DOUGLAS CASTRO DOS REIS
DULCIDIVA PACCANELLA
EDITH LUCIA MIKLOS VOGEL
EDMUNDO LUCIO GIORDANO
EDUARDO GERMANO DA SILVA
EDUARDO MUFAREJ
EDUARDO PIZA PEREIRA GOMES
EDVALDO DE SOUZA SANTOS
EFRAIN CRISTIAN ZUNIGA SAAVEDRA
ELENICE SALLES KRAEMER
ELIAS AUDI JÚNIOR
ELIZABETH DE NORONHA ANDRADE
ELY CAETANO XAVIER JUNIOR
EMILY JANAINA GUSHIKEN OLIVEIRA
ERIKA DANTAS KACHY
ESMERIA ROVAI
EVANDRO BUCCINI
FABIO RODRIGO VERGANI CESPI
FAUSTO MORABITO
FERNANDO ANTONIO FOLLADOR
FERNANDO ANTONIO RIVETTI SUELOTTO
FERNANDO HERBELLA
FERNANDO LUIS LEITE CARREIRO
FILIPE ANTONIO DE COAN RAMOS
FLAVIA PRADA
FLÁVIO EDUARDO PAHL
FLÁVIO SENERINE BERTAGGIA
GILBERTO LABONIA
GINA MARIA MANFREDINI OLIVEIRA
HÉLIO JORGE GONÇALVES DE CARVALHO
HENRY ARIMA
HILDA MARIA FRANCISCA DE PAULA
ILMA ADELINA CAUDURO PONTE
ILVIA MARIA BERTI CONTESSA
IRAPUA TEIXEIRA
ÍRIS GARDINO
ISIS CRISTINA BARCHI
JANOS BELA KOVESI
JEAN FERNANDO PINHEIRO MIRANDA
JEFFERSON LIMA MATIAS OLIVEIRA
JOÃO PEDRO RODRIGUES
JOHN WHITTLESEA
JOSE ANTONIO DE ANDRADE
JOSÉ LUIZ CARUSO RONCA
JOSE LUIZ DOS SANTOS
JOSE QUINTO JR.
JÚLIO CÉSAR FERREIRA DA SILVA
KARLA REGINA SILVA
KOICHI MIZUTA
LAFAYETTE DE MORAES
LARRY G. LUDWIG
LEILA TERESINHA SIMÕES RENSI
LEONARDO TEIXEIRA
LILIAN ROCHA DE ABREU SODRÉ CARVALHO
LUCAS DE LIMA NETO
LÚCIA MACHADO MONTEIRO
LUIS MARCIO BARBOSA
LUIZ CARLOS CORSINI MONTEIRO DE BARROS
LUIZ CARLOS TEIXEIRA DE SOUZA JUNIOR
LUIZ EDUARDO CIRNE CORREA
LUIZ GONZAGA PINTO SARAIVA (IN MEMORIAN)
LYDIA SUEKO YOKOYAMA KITAKAWA
MARCELO ANCONA LOPEZ
MARCELO HIDEKI TERASHIMA
MARCELO PENTEADO COELHO
MARCELO SOARES RODRIGUES
MARCIA DENISE FRANCISCO SCHNEIDER
MARCIA MIYUKI UCHIMA
MARCIO BACCAN
MARCIO CORREA E CASTRO PEÇANHA
MÁRCIO MASSAYUKI YOCHEM
MARCOS ALVES DE OLIVAL
MARIA APARECIDA DA SILVA
MARIA CECILIA PEREZ DE SOUZA E SILVA
MARIA CHRISTINA CARVALHAL
MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA
MARIA LUCIA MARTORANO DE ROSA
MARIA LUCIA TOKUE ITO
MARIA THEREZA LEITE DE BARROS JUNDI
MARIA VIRGINIA GRAZIOLA
MARINA PEREIRA ROJAS BOCCALANDRO
MÁRIO NELSON LEMES
MASATAKE HASEYAMA
MAYSA CERQUEIRA MARIN AUDI
MEIRE CRISTINA SAYURI MORISHIGUE
MICHELE SOPHIA LOEB CHAZAN
MONICA MARIA GOMES FERREIRA
MÔNICA MAZZINI PERROTTA
NANCY ZAMBELLI
NAPOLEON GOH MIZUSAWA
NICK DAGAN
OLAVO AZEVEDO GODOY CASTANHO
OZIRIS DE ALMEIDA COSTA
PASCHOAL MILANI NETTO
PATRÍCIA LUCIANE DE CARVALHO
PAULO SERGIO JOÃO
PERCIVAL HONÓRIO DE OLIVEIRA
REBECA LÉA BERGER
REGINA VALÉRIA DOS SANTOS MAILART
RICARDO BOHN GONÇALVES
RICARDO BONANTE SCHIESARO
RICARDO SAMPAIO DE ARAUJO
RICARDO VACARO
RICARDO VASCONCELOS BOTELHO
RICARDO VON DOLLINGER MARTIN
ROBERT DE MORAES JARDIM AVVERIANOW
ROBERTO LASMAN
ROBERTO LUIS AVIGNI
ROGÉRIO MAÇAN DE OLIVERA
ROSANA TAVARES
ROSELY VICCIOLI LOURENCO
RUBENS PIMENTEL SCAFF JUNIOR
SELMA S. CERNEA
SOLANGE RIGONATTI
SUELI YOKOMIZO
SUSANA AMALIA HUGHES SUPERVIELLE
TEREZINHA APARECIDA SÁVIO
VALÉRIA DOS SANTOS GABRIEL
VANESSA TEL
VERA PAPINI DE S. M. R. DA COSTA
VERÔNICA HEINZ
WALDEMAR TARDELLI FILHO
WALLACE CHAMON ALVES DE SIQUEIRA
WILMA PARTITI FERREIRA
ZELITA CALDEIRA FERREIRA GUEDES
ANÔNIMOS: 42

PRECISO ME PREPARAR PARA OS CONCERTOS?

Não é necessário conhecimento prévio para assistir e apreciar a música apresentada pela Osesp. Entretanto, conhecer a história dos compositores e as circunstâncias das composições traz novos elementos à escuta. Com início uma hora antes dos concertos da série sinfônica, **aulas de cerca de 45 minutos de duração abordam aspectos diversos das obras do programa a ser apresentado pela Osesp na mesma data.** Para participar, basta apresentar o ingresso avulso ou de assinatura para o respectivo concerto. Nas Revistas você também encontra comentários de musicólogos e especialistas em linguagem acessível.

SOMENTE MÚSICA

Diferentemente de outros gêneros musicais, a música de concerto valoriza detalhes e sons muito suaves; assim, o silêncio por parte da plateia é muito importante. **Telefones celulares e outros aparelhos eletrônicos devem permanecer desligados, ou em modo silencioso, durante os concertos. Além do som, também a luz desses aparelhos pode incomodar.**

FUMAR, COMER E BEBER

Fumar em ambientes fechados é proibido por lei; lembre-se também de que não é permitido comer ou beber no interior da sala de concertos.

QUANDO APLAUDIR?

É tradição na música clássica aplaudir apenas no final das obras. Preste atenção, pois muitas peças têm vários movimentos, com pausas entre eles. Se preferir, aguarde e observe o que faz a maioria.

CHEGANDO ATRASADO

No início do concerto ou após o intervalo, as portas da sala de concerto serão fechadas logo depois do terceiro sinal. Se lhe for permitido entrar entre duas obras, siga as instruções de nossos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago que encontrar. **Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.**

IMPORTANTE

Pensando em seu conforto, além da implantação das três saídas para facilitar o fluxo de veículos após os concertos, outra melhoria foi aplicada ao nosso estacionamento: agora você retira o comprovante (*ticket*) na entrada e efetua o pagamento em um dos caixas, localizados no 1º subsolo (ao lado da bilheteria) e no *hall* principal da Sala São Paulo. A forma de pagamento também melhorou; além de cartão de crédito e débito, você pode utilizar o sistema Sem Parar/Via Fácil. Lembre-se: o *ticket* pode ser pago a qualquer hora, desde sua entrada até o final da apresentação. Antecipe-se. Não espere o final do concerto: pague assim que entrar ou durante o intervalo. Dessa forma, você evita filas, otimiza seu tempo e aproveita até o último acorde.

COMO DEVO ESTAR VESTIDO?

É fundamental que você se sinta confortável em sua vinda à Sala São Paulo. Entretanto, assim como não usamos roupas sociais na praia, é costume evitar bermudas ou chinelos numa sala de concertos.

E NA HORA DA TOSSE?

Não queremos que você se sinta desconfortável durante as apresentações. Como prevenção, colocamos à disposição balas (já sem papel), que podem ser encontradas nas mesas do *hall* da Sala. Lembre-se que um lenço pode ser muito útil para abafar a tosse.

CRIANÇAS

As crianças são sempre bem-vindas aos concertos, e trazê-las é a melhor forma de aproximá-las de um repertório pouco tocado nas rádios e raramente explorado pelas escolas. Aos sete anos, as crianças já apresentam uma capacidade de concentração mais desenvolvida, por isso recomendamos trazê-las a partir dessa idade. Aconselhamos a escolha de programas específicos e que não ultrapassem os 60 minutos de duração.

REVISTA OSESP
JUNHO/JULHO 2015

O CONTEÚDO DAS NOTAS
DE PROGRAMA É DE RESPONSABILIDADE
DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

ISSN 2238-0299

EDIÇÃO FINALIZADA EM
18 DE MAIO DE 2015

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

PREPARAÇÃO DE TEXTO
FLÁVIO CINTRA DO AMARAL

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
BERNARD WILLIAN CARVALHO BATISTA

CRÉDITOS
NIELSEN: © BIBLIOTECA REAL DA DINAMARCA
JARDIM BURLE MARX: © SÍTIO ROBERTO BURLE MARX
HARVEY: © DOMÍNIO PÚBLICO
QUARTETO NIELSEN: © BIBLIOTECA REAL DA DINAMARCA
FUNERAL NIELSEN: © BIBLIOTECA REAL DA DINAMARCA
VAZIO CORAÇÃO LITORAL: © NELSON FELIX
MATA HARI: © GETTY IMAGES
RUGENDAS: © PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO
A COSTUREIRA: © ANNA CLYNE
ANNA CLYNE: © JAVIER ODDO
HOLST: © GETTY IMAGES
KLEE: © DOMÍNIO PÚBLICO
MAHLER: © GETTY IMAGES
SHEHERAZADE: © GETTY IMAGES
JOROPO: © GETTY IMAGES
VILLA-LOBOS E SEGOVIA: © MUSEU VILLA-LOBOS
TITO MUÑOZ: © DARIO ACOSTA
JULIAN BLISS: © BEN WRIGHT
QUARTETO OSESP: © RODRIGO ROSENTHAL
THOMAS DAUSGAARD: © ULLA CARIN ECKBLOM
JAVIER PERIANES: © MARCO BORGGREVE
RICARDO BOLOGNA: © HELOISA BORTZ
CLAUDIA NASCIMENTO: © DIVULGAÇÃO
LIUBA KLEVTSOVA: © DANIELA GUERRA
STIG ANDERSEN: © HELOISA BORTZ
GUN-BRIT BARKMIN: © DIVULGAÇÃO
DENISE DE FREITAS: © DIVULGAÇÃO
CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO: © DIVULGAÇÃO
NAOMI MUNAKATA: © GLORIA FLUGEL
CORO DA OSESP: © ANA FUCCIA
MARIN ALSOP: © KYM THOMSON
JENNIFER KOH: © FRAN KAUFMAN
MATTHIAS GOERNE: © MARCO BORGGREVE
GIANCARLO GUERRERO: © CHAD DRIVER
EWA KUPIEC: © LAION
MANUEL BARRUECO: © STEPHEN SPARTANA
IDWER ALVAREZ: © DIVULGAÇÃO
JUAN TOMÁS MARTÍNEZ: © DIVULGAÇÃO
OSESP: © ALESSANDRA FRATUS

A *REVISTA OSESP* ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR
AS IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER
EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA
NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 3367.9500

LOCAÇÃO DE ESPAÇOS NA SALA SÃO PAULO
EVENTOS@OSESP.ART.BR

ANÚNCIOS NA REVISTA OSESP
MARKETING@OSESP.ART.BR | 11 3367.9556

ARTE NA CAPA

Cada número da *Revista Osesp* traz na capa uma obra de artista brasileiro contemporâneo, do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Os trabalhos foram selecionados pela curadora-chefe da Pinacoteca, Valéria Piccoli, juntamente com o diretor artístico da Osesp.

PAULO WHITAKER
São Paulo, SP, 1958

Sem Título, 2009
óleo sobre tela
148 x 257 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.
Doação da Fundação Edson Queiroz, 2013.
Crédito fotográfico: Isabella Matheus.

PAULO WHITAKER (São Paulo, SP, 1958)

Pintor e desenhista, Paulo Whitaker graduou-se em 1984 em Educação Artística pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Fez residências artísticas no Plug In, no Canadá, e no E-Werk Freiburg, na Alemanha, de 1991 a 1992. Voltou ao Canadá em 1999, como artista residente do Banff Centre For The Arts. Em 2002, foi convidado para ser palestrante no Dynamic Encounters – International Art Workshop; evento produzido pelo Instituto Tomie Ohtake em São Paulo e no Rio de Janeiro. Participou da 20ª e da 25ª Bienal de São Paulo e teve mostras individuais na Galeria Celma Albuquerque, em Belo Horizonte, em 2005, e na galeria Casa Triângulo, em São Paulo, no ano seguinte. Suas obras fazem parte das coleções do Museu de Arte Contemporânea da USP, do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado, entre outras.

OSESP.ART.BR

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

APOIO CULTURAL

Abril gráfica

SALA SÃO PAULO

REALIZAÇÃO

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
OSESP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP

GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA